

ON-LINE

Ousadia e sensibilidade Caetano e Gil, duas

vidas em uma só

Revista do Instituto Humanitas Unisinos





N° 476 | Ano XV 03/11/2015

ISSN 1981-8769 (impresso) ISSN 1981-8793 (online)



Pedro Bustamante Teixeira: Ousadia e sensibilidade de uma vida inteira

Christopher Dunn: A vanguarda caleidoscópica do Brasil expressa na obra de Caetano e Gil

Marcelo Medeiros:
"Não se deve tributar
as grandes fortunas.
Deve-se tributar todas
as fortunas"

Xavier Albó: Caminhos de uma vida pelos Andes

Luiz Carlos Susin e Gilmar Zampieri: Por uma teologia da libertação animal

Ousadia e sensibilidade. Caetano e Gil, duas vidas em uma só

aetano Veloso e Gilberto Gil somam cem anos de amizade e música. No ano em que se celebram os 50 anos de carreira dos dois artistas, a revista IHU On-Line rememora a carreira dos dois artistas. Ao debater a vida e a obra destes dois ilustres baianos, este número reúne entrevistas com pesquisadores e pensadores que debatem a produção artística e os impactos do trabalho na cultura brasileira.

Contribuem para o debate Celso Favaretto, doutor em Filosofia e professor aposentado da Universidade de São Paulo - USP, que analisa a forma pela qual Caetano e Gil foram impactados pelo Tropicalismo e como suas carreiras foram definidas e transformaram o cenário cultural brasileiro.

Em sua entrevista, **Pedro Bustaman- te Teixeira** fala sobre a dimensão das contribuições artística e política de Gilberto Gil e Caetano Veloso no cenário cultural brasileiro e internacional, e salienta: "A vida desses artistas é de uma coragem, de uma entrega comovente".

Para Frederico Coelho, professor dos cursos de graduação em Literatura e Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Literatura, na Pontifícia Universidade Católica do Rio - PUC-Rio, a obra dos artistas pensa e conta a história do país ao expressar o anseio por uma nação vanguardista.

Para Alexandre Faria, professor de Literatura no Departamento de Letras - ICHL da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais, "Caetano e Gil criaram e representam personagens que são leitores do Brasil, como tantos outros de sua geração". Segundo ele, "o que se coloca hoje em dia é se isso ainda é possível para um artista".

Para Miguel Jost Ramos, mestre e doutor em Estudos de Literatura pela PUC-Rio, Caetano e Gil inauguram uma forma de fazer música no Brasil, misturando pop com o erudito, o novo com o tradicional e a comunicação de massa com a contracultura.

Christopher Dunn, doutor em Estudos Luso-brasileiros pela Brown University e professor de Literatura e estudos culturais brasileiros na Tulane University, de Nova Orleans, Estados Unidos, considera que a vasta produção cultural dos dois tropicalistas apresenta para o mundo uma imagem plural e dinâmica do Brasil. Complementam esta edição um perfil com o antropólogo jesuíta Xavier Albó, contando a trajetória desde sua saída da Espanha, na adolescência, chegada na América Latina e todo seu desenvolvimento intelectual junto com os povos originários dos Andes.

A entrevista com Manfredo Araújo de Oliveira revisita a história da metafísica e sugere o desenvolvimento de uma filosofia sistemática.

A entrevista com Milton Cruz, pesquisador do Observatório das Metrópoles/Núcleo Porto Alegre, propõe uma reflexão sobre que cidade queremos para o futuro, tendo como pano de fundo o projeto de revitalização do Cais Mauá e sua relação com Porto Alegre.

Na próxima semana realiza-se a última etapa do Ciclo de Estudos que analisou e debateu, a partir da realidade da desigualdade social brasileira, o livro O Capital do Século XXI, de Thomas Piketty. A sessão consistirá na webconferência de Marcelo Medeiros, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea e professor na UnB. Segundo ele, na entrevista publicada nesta edição, peremptoriamente afirma: "Não se deve tributar as grandes fortunas. Deve-se tributar todas as fortunas."

Luiz Carlos Susin e Gilmar Zampieri, professores de teologia, acabam de publicar o livro *A vida dos outros. Ética e teologia da libertação animal* (São Paulo: Paulinas, 2015). Na entrevista publicada nesta edição, afirmam que "o livro abre um debate no campo teológico como, ao que se sabe, nunca tinha sido feito explicitamente, pelo menos no Brasil".

Recordando os 498 anos da Reforma Luterana, de **Oneide Bobsin**, professor de Ciências da Religião na Escola Superior de Teologia - EST, publicamos a entrevista sob o título ""Uma Igreja da Reforma precisa estar sempre sendo reformada".

Dois artigos, igualmente, podem ser lidos nesta edição. O artigo O princípio da sinodalidade em uma Igreja pósconvencional, sobre o Sínodo da Família é de **Sérgio Coutinho**, professor de História da Igreja, e Contenção da Rússia, ontem e hoje, de **Diego Pautasso**, professor de Relações Internacionais da Unisinos.

A todas e a todos uma boa leitura e uma ótima semana!

Foto da Capa: Pedro Waddington



A IHU On-Line é a revista do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU **On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS (joaovs@unisinos.br)
Leslie Chaves - MTB 12.415/RS (leslies@unisinos.br)
Márcia Junges - MTB 9.447/RS (mjunges@unisinos.br)
Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS (prfachin@unisinos.br)
Ricardo Machado - MTB 15.598/RS (ricardom@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Machado.

Colaboração

Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, de Curitiba-PR.





Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 São Leopoldo / RS CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128 e-mail: humanitas@unisinos.br Diretor: Inácio Neutzling Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 10 Eventos Flávio Comim: O engodo da classe média acomodada
- 12 Perfil Xavier Albó: Caminhos de uma vida pelos Andes
- 16 Milton Cruz: A cidade (rebelde) da modernidade tardia contra a cidade fordista-industrial
- 24 Manfredo Araújo de Oliveira: Francisco e a metafísica como ecologia integral: a questão fundamental do pensamento contemporâneo
- 36 Estante Luiz Carlos Susin e Gilmar Zampieri: Por uma teologia da libertação animal

Tema de Capa

- 42 Biografias Duas vidas, uma vida
- 44 Celso Fernando Favaretto: A musicalidade disruptiva da Tropicália em 50 anos de trajetória artística
- 51 Pedro Bustamante Teixeira: Ousadia e sensibilidade de uma vida inteira
- **Frederico Oliveira Coelho:** Caetano e Gil: Uma trajetória de construção utópica e autorreflexiva do Brasil
- 60 Alexandre Faria: A fluidez artística entre as estruturas
- 65 Miguel Jost Ramos: Os libertadores da criação artística brasileira
- 72 Christopher Dunn: A vanguarda caleidoscópica do Brasil expressa na obra de Caetano e Gil
- 77 Baú da IHU On-Line

IHU em Revista

- 80 Agenda de Eventos
- **Eventos Marcelo Medeiros:** "Não se deve tributar as grandes fortunas. Deve-se tributar todas as fortunas"
- 85 Sérgio Ricardo Coutinho: O princípio da sinodalidade em uma Igreja pós-convencional
- 88 Oneide Bobsin: "Uma Igreja da Reforma precisa estar sempre sendo reformada"
- 92 #Crítica Internacional Curso de RI da Unisinos: Contenção da Rússia, ontem e hoje
- 94 Publicações
- 95 Retrovisor

2° CICLO DE ESTUDOS

ME TRÓ POLES

POLÍTICAS PÚBLICAS E TECNOLOGIAS DE GOVERNO TERRITÓRIOS, GOVERNAMENTO DA VIDA E O COMUM

20 DE AGOSTO A 05 DE NOVEMBRO 2015

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES IHU.UNISINOS.BR











Destaques da Semana

Destaques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 26-10-2015 e 30-10-2015 no sítio do IHU

A crise política e as alternativas. "Quem inverterá esse quadro? Nós temos de construir esse 'quem'"

Entrevista com Cândido Grzybowski, graduado em Filosofia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, Rio Grande do Sul, mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e doutor em Sociologia pela Sorbone, Paris. É diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas - Ibase.

Publicada em 30-10-2015

Disponível em http://bit.ly/1MmXKHG

"O diagnóstico da crise de hegemonia que fiz anteriormente só vem se confirmando, basta observarmos que há uma espécie de paralisia na política: os maiores partidos não conseguem criar um acordo de governabilidade, cada um quer tirar uma lasca de cá e outra de lá, e isso paralisa o governo e o Congresso", diz Grzybowski à IHU On-Line, na entrevista, concedida por telefone.



Crise política: a estratégia do tensionamento

Entrevista com Benedito Tadeu César, graduado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e doutor em Ciências Sociais pela mesma universidade. É professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Publicada em 29-10-2015

Disponível em http://bit.ly/1RDSVOC

"Se Dilma não conseguir recompor sua base parlamentar, se manterá esse crescente tensionamento: num momento parece que o governo vai explodir, depois a tensão diminui, a crise mais geral passa e acham que Dilma poderá governar, mas depois de uns dias de calmaria começa tudo outra vez, e ela não consegue sair do lugar. A tática hoje é mantê-la emparedada para tirá-la a partir do terceiro ano de Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br governo, quando os efeitos do ajuste fiscal estarão fazendo efeito e o país come-



çará a sair desse processo de desaceleração". A avaliação é do sociólogo Benedito Tadeu César, em entrevista concedida à IHU On-Line por telefone.

A fraude da reforma agrária em Santa Catarina

Entrevista com Gert Schinke, historiador e ecologista. Atualmente é presidente do Instituto para o Desenvolvimento de Mentalidade Marítima - Inmar, e ex-presidente da Federação das Entidades Ecologistas Catarinenses - FEEC.

Publicada em 28-10-2015

Disponível em http://bit.lv/10dNZ5n

A atuação do Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina - IRASC no estado catarinense, na década de 1960, durante a ditadura militar brasileira, culminou numa "antirreforma agrária", diz Gert Schinke, autor de O golpe da reforma agrária (Florianópolis: Insular, 2015), à IHU On-Line. Segundo ele, desde 1964, o órgão foi "paulatinamente instrumentalizado para executar mera 'regularização fundiária' e distribuição de glebas em supostas terras devolutas pertencentes ao Estado de Santa Catarina".



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Açailândia, MA. Comunidade de Piquiá de Baixo: deslocamentos forçados e a ausência do Estado brasileiro

Entrevista com Dário Bossi, padre comboniano, é membro da rede Justiça nos Trilhos e da Rede Brasileira de Justiça Ambiental.

Publicada em 27-10-2015

Disponível em http://bit.ly/1LGWwdj

A situação da comunidade de Piquiá de Baixo, que vive no bairro industrial da cidade de Acailândia, no Maranhão, denunciada internacionalmente, foi tema da audiência sobre "Violência contra Povos Indígenas" na Comissão Interamericana de Direitos Humanos - CIDH da Organização dos Estados Americanos - OEA, em Washington, nos EUA. De acordo com Dário Bossi, que acompanha a situação dos moradores da região, a principal reivindicação das famílias "é o reassentamento coletivo numa região livre da poluição", já que há 27 anos a comunidade "sofre pelos danos provocados por cinco empresas siderúrgicas e pelas atividades de escoamento de ferro da mineradora Vale S.A.".



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

PEC 215: a expressão da disputa de terras no país

Entrevista com Maurício Guetta, graduado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP e mestre em Direito Ambiental pela mesma instituição e pela Université Paris 1. Atualmente é advogado do Instituto Socioambiental - ISA e professor convidado do Curso de Direito Ambiental da Escola Superior da Advocacia no Rio de Janeiro - OAB/RJ e professor-assistente do Curso de Especialização em Direito Ambiental da COGEAE-PUC/SP.

Publicada em 26-10-2015

Disponível em http://bit.ly/1KKZf1e

A retomada das sessões da Comissão para tratar da Proposta de Emenda Constitucional - PEC 215 "denota uma clara ofensiva ruralista contra os direitos territoriais indígenas, além dos direitos das comunidades quilombolas e dos direitos de natureza ambiental, que pertencem a toda a coletividade brasileira", afirma Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br Maurício Guetta em entrevista à IHU On-Line por e-mail.



Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, entre os dias 26-10-2015 e 30-10-2015, relacionada a assuntos que tiveram repercussão ao longo da semana

Lei de terrorismo, aprovada no Senado, fragiliza protestos no Brasil

Moradores da periferia queimam um ônibus para protestar contra a morte de um jovem nas mãos da polícia. Durante uma manifestação de estudantes contra o fechamento de escolas estaduais, uma estação do metrô é apedrejada. Em passeata pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff, um rapaz que vestia camiseta vermelha é agredido com tapas e pontapés. De acordo com uma lei aprovada na noite desta guarta no Senado, todos os exemplos podem ser enquadrados como atos de terrorismo, e aqueles que os praticaram estão sujeitos a penas de 16 a 24 anos.

A reportagem é de Gil Alessi, publicada por El País, 29-10-2015.

O projeto de lei chega num momento em que o Brasil é sacudido por protestos de toda natureza, diante do aprofundamento da crise política e econômica: de professores que se queixam do fechamento de escolas, a movimentos sociais que protestam contra o ajuste fiscal, passando pelos movimento pró e contra impeachment da presidenta Dilma.

Leia mais em http://bit. ly/10dS3Cy

Manifestantes invadem arena e protestam durante Jogos Indígenas

Cerca de 200 indígenas de diversas etnias invadiram o estádio dos Jogos Mundiais Indígenas e interromperam as competições da noite desta quarta-feira (28). Logo antes das 19h, o grupo entrou na Arena Verde e invadiu o campo com cartazes e gritos contra a PEC 215 - o projeto de emenda constitucional que teve sua primeira aprovação ontem por comissão especial da Câmara dos Deputados.

A reportagem é de Júlia Dias Carneiro, publicada por BBC Brasil, 29-10-2015.

No centro do campo, os indígenas formaram um grande círculo e deram-se as mãos, gritando "não à PEC 215". Segundo eles, o texto dificulta a demarcação de terras. Depois, agruparam-se ao lado de uma das arquibancadas, onde alguns líderes do movimento discursaram, apropriando-se de um dos microfones do evento enquanto o público que até então assistia às provas de corrida de 100 metros acompanhava em silêncio.

Leia mais em http://bit. ly/1MmZXTN

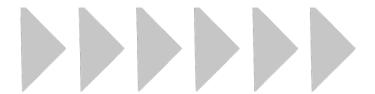
As mulheres na prova do Enem 2015 e o discurso de ódio contra os direitos humanos

Em um contexto extremamente conservador e de imensos retrocessos para os direitos das mulheres no Brasil - tanto no Congresso Nacional como na execução de políticas públicas esse último final de semana foi marcado pela surpreendente forma como algumas das questões foram abordadas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

A reportagem foi publicada por Plataforma de Direitos Humanos - Dhesca Brasil, 29-10-2015.

Assim que abriram o caderno de provas no último sábado (24) os/as estudantes se depararam com uma questão, em especial, que chamou a atenção e rapidamente ganhou destague nas redes sociais. A prova de Ciências Humanas e Suas Tecnologias trazia a seguinte afirmação da filósofa Simone de Beauvoir: "Ninguém nasce mulher: torna--se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino."

Leia mais em http://bit. ly/1HhhnQk



O cardeal Pell e a economia (eucarística). Artigo de Andrea Grillo

Um Sínodo não pode ser interpretado como um "balanço econômico". É óbvio que, se em um balanço não "entra" um item, este também não pode "sair". Se em um balanço não entra "comunhão", também não pode sair "comunhão": isso é pacífico. Será possível que o bispo mais experiente em economia não tenha se dado conta disso?

A opinião é do teólogo italiano Andrea Grillo, leigo casado, professor do Pontifício Ateneu S. Anselmo, de Roma, do Instituto Teológico Marchigiano, de Ancona, e do Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Giustina, de Pádua. O artigo foi publicado no seu blog Come Se Non, 28-10-2015. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Confira um trecho.

Desde que o Sínodo se concluiu, o cardeal George Pell concede entrevistas em que defende:

 o magistério sobre a família saiu totalmente confirmado da Relatio, cujo texto, na sua opinião, repetiria totalmente a Familiaris consortio;

Leia mais em http://bit. ly/10dSNaP

A brasileirização das eleições na Argentina

Quem acompanhou a apuração dos resultados do primeiro turno da Argentina tendo vivido o que aconteceu nas eleicões brasileiras do ano passado deve ter sentido aquele clássico déjà vu: um candidato governista que as pesquisas diziam que lutava por uma vitória no primeiro turno, e apesar de ser apoiado por um presidente muito popular, termina obtendo uma magra e decepcionante vitória, contra um opositor de direita flertando com consignas de esquerda e alcancando uma derrota com sabor de vitória, já que começa a corrida pelo segundo como claro favorito.

A reportagem é de Victor Farinelli, publicada por CartaCapital, 27-10-2015.

O primeiro personagem pode ser tanto Dilma Rousseff quanto o peronista Daniel Scioli - o candidato governista nas eleições argentinas, que teve 36,8% dos votos no último domingo. O opositor, em um dos casos, é Aécio Neves, no outro, é o neoliberal Mauricio Macri - 34,3% dos votos.

Leia mais em http://bit. ly/1PUXC9a

Mudança climática pode reduzir capacidade hidrelétrica em até 20%

Temperaturas mais elevadas, mudança no regime de chuvas e aumento de eventos climáticos extremos são apenas uma parte da história das mudanças climáticas. A forma como essas mudanças vão impactar agricultura, geração de energia, infraestrutura, oferta d'água e saúde é o outrolado que acaba de ganhar detalhes para o Brasil.

A reportagem é de Giovana Girardi, publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo, 29-10-2015.

Considerado o mais importante estudo sobre como diversos setores vão reagir diante do clima modificado, o projeto Brasil 2040 - Alternativas de Adaptação às Mudanças Climáticas foi publicado no dia 28-10-2015 no site da extinta Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência.

EVENTOS

O engodo da classe média acomodada

Flavio Comim propõe uma reflexão acerca do que sustenta o sistema do capital no século XXI, que engana atraindo as pessoas para uma falsa ideia de vida menos desigual



Por João Vitor Santos

A quinta-feira, 29-10, encerrou em clima de provocação. Em mais um encontro do Ciclo de Estudos O Capital no Século XXI - uma discussão sobre a desigualdade no Brasil, o economista e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Flávio Comim, debateu o tema Políticas públicas de regulação do capital e possibilidades para um Estado social no Brasil.

Como os demais painelistas, teve a fala iluminada por Thomas Piket-

ty, e o Capital no Século XXI (Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014). Entretanto, Comim desafiou a plateia a pensar porque esse capital especulativo e seu sistema financeiro, que é o verdadeiro gerador de riqueza no mundo hoje, sustenta-se sem que não haja resistências. "A renda não é só a renda e sim a legitimidade que ela carrega. O que nos faz sentir classe média? E pior: o que nos faz sentir acima da classe média?", provoca o professor.

Comim chama a atenção para um sistema que faz com que se busque bens que lhe confiram uma significação, vendendo a ideia de que não se é pobre e que consegue acessar tais bens de consumo como os ricos. É o exemplo do carro. Quem tem, se vê desobrigado a depender do sistema público de transporte. Logo, tem autonomia, liberdade e vantagem sobre quem não tem. O mesmo funciona com smartphones, TV's modernas de tela plana, viagens... "É uma forma de ilusão.

As pessoas acham que consumindo esses bens do 1% mais rico fazem parte desse 1%", explica. A perversidade está no fato de que, além de achar que se está nesse grupo, a classe média acaba alimentando o sistema com sua casa própria e bens que consume. "E acabamos tendo uma aceitação por algo que não entendemos. São as migalhas que sobram para além desse 1% mais rico que Piketty fala", completa Comim.

O professor reconhece que há uma inclusão e que mais pessoas

conseguem acessar bens que antes não se imagina para pessoas mais humildes. Outro exemplo que traz é a possibilidade de se viajar de avião. Mais pessoas - e de classe social mais baixa - fazem isso. "Mas ainda está distante de uma real mudança de paradigma. E é justamente essa ideia de mudança que incomoda essa classe do 1%", aponta.

Comim traz esse cenário para se pensar além do que Piketty ilumina ao demonstrar que a renda do capital é muito superior a renda do trabalho. "Pois assim (olhando só para a renda do trabalho) se tem ideia que a desigualdade diminui, mas na realidade não. Os pobres estão cada vez mais pobres. A classe média vê seu dinheiro diminuindo e os ricos estão cada vez mais ricos", pontua, ao atribuir esse movimento ao fato de, ao não olharmos para o papel do capital nesse século, não entendermos de fato o mecanismo que faz essa roda girar só a favor do 1%.

Confira a reportagem completa em http://bit.ly/1RDRS16



PERFIL

Xavier Albó – Caminhos de uma vida pelos Andes

Por Ricardo Machado

Xavier Albó tem um olhar terno e vívido. As marcas do tempo impressas em sua pele são testemunhas silenciosas de uma vida marcada por descobertas, resistência e luta. Ao comentar sobre a própria história, percebe-a a partir dos outros. Começa falando de Luis Espinal, 1 o padre, artista e ativista espanhol que aterrissou na Bolívia em 1968, em plena ditadura René Barrientos.² Este, depois de ter sido eleito via voto popular em 1966, havia mudado a constituição e governava o país ditatorialmente. Essa decisão foi tomada depois que a guerrilha liderada por Che Guevara,3 assassinado em 1967, avançou sobre o território boliviano.

Espinal em vida não fora tão célebre fora da Bolívia, conta

- 1 Luis Espinal Camps: poeta, jornalista, cineasta e padre jesuíta. Nascido na Espanha em 1932 e assassinado por um grupo de paramilitares em março de 1980 durante o clima de tensão prévio ao golpe de Estado do ditador Luis Garzía Meza. O IHU divulgou um amplo material sobre Espinal, que pode ser lido nas Notícias do Dia, dos quais destacamos Em La Paz o Papa Francisco prestará homenagem ao jesuíta padre Luis Espinal, assassinado pela ditadura, publicado nas Notícias do Dia, de 05-05-2015, disponível em http://bit.ly/1l5NkGP; e Documentário recupera a trajetória de Luis Espinal, publicado nas Notícias do Dia, de 06-11-2011, disponível em http://bit.ly/1RrRsvo. (Nota da IHU On-Line)
- 2 René Barrientos Ortuño (1919-1969): foi um militar e político boliviano, vice-presidente de seu país em 1964 e presidente da Bolívia entre 5 de novembro de 1964 e 26 de maio de 1965 e novamente entre 6 de agosto de 1966 e 27 de abril de 1969. (Nota da IHU On-Line)
- 3 **Che Guevara** (Ernesto Guevara de la Serna ou El Che, 1928-1967): um dos mais famosos revolucionários comunistas da história. Foi tema da edição 239 da **IHU On-Line**, de 08-10-2007, disponível em http://migre.me/2pebG. (Nota da **IHU On-Line**)



-OTO: LESLIE CHAVES

Albó. Recentemente, porém, seu nome rodou o mundo depois que o atual presidente da Bolívia, Evo Morales,4 presenteou o Papa Francisco com um crucifixo em forma de marreta e foice. Os sentidos da amizade com Espinal ecoa no presente de Albó. Emociona-se ao falar do amigo, assassinado pelos militares, em 1980. Foi o impacto desta amizade que fez Albó, com seu corpo esguio, acotovelar-se às portas do Palácio Quemado, 5 sede do governo boliviano, para conseguir ficar frente a frente com o Papa Francisco. Lá entregou três livros a Bergoglio que con-

4 **Juan Evo Morales Ayma** (1959): é o atual presidente da Bolívia e líder do movimento esquedista boliviaano *cocalero*. Morales é também líder do partido Movimento para o Socialismo. (Nota da IHU On-Line)

5 Palacio Quemado (Palácio Queimado): é o nome popular da sede do governo da Bolívia, localizado na Praça Murillo, em La Paz. O palácio abriga os escritórios presidenciais e o gabinete do presidente. Seu nome recorda uma revolta ocorrida no século XIX, quando o edifício sofreu um incêndio. (Nota da IHU On-Line)

tam a história de Espinal. A vida fez do pequenino catalão Xavier Albó, que aos 16 anos descobriu a América Latina, um homem forte, mas sua sensibilidade não permite longos diálogos sobre o amigo Espinal, pois os olhos mareiam, a goela tranca e a voz não sai.

Chegada à Bolívia

Quando Xavier Albó chegou à Bolívia, em julho de 1952, o país havia sido palco, meses antes, de um trágico momento, em que centenas de pessoas foram mortas no que ficou conhecido como a Revolução Boliviana, considerada um dos primeiros levantes da América Latina feito por operários e camponeses, que reivindicavam a nacionalização das refinarias de petróleo e gás natural.

Do velho ao novo mundo

Albó com outros colegas noviços da Companhia de Jesus foram colo-

cados em um barco da Companhia Itália, na Espanha, e enviados a Buenos Aires. "No dia em que cruzávamos a linha do Equador recebemos a notícia de que Eva Perón havia morrido", recorda Albó, que, apesar de ser catalão, intitula-se como um espanhol quando se trata de conversar, pois é muito falante. "Quando se faz uma mísera pergunta ao espanhol ele responde com uma palestra", brinca.

Naquela viagem, descobriram que a distância entre a Espanha e a Argentina era de um oceano e dezenove dias. O tempo de travessia serviu para que os jovens espanhóis, na época não muito inteirados sobre a América Latina, compreendessem o que significava a morte de Evita, sobretudo porque estavam embarcados com muitos migrantes argentinos. "No navio houve um funeral muito solene, em que cantávamos na missa por Evita. Assim fui introduzido à América Latina", conta.

O trem da morte

Ao chegar a Buenos Aires, o grupo ficou por quatro dias na capital argentina, depois partiu de trem para La Paz, na Bolívia. Segundo Albó, viajaram entre Córdoba e a fronteira com a Bolívia em um vagão-dormitório, onde depois seriam deixados pela locomotiva até que outra composição os transportasse no território boliviano até a capital. A propósito, na região boliviana, chama-se popularmente a composição de "trem da morte", devido à altitude em que trafega, apesar de fazer isso com extremo vagar.

"A paisagem no começo era linda, com lagos enormes, depois vinham os perais (o trem tinha cremalheiras, que servem para ele não andar para trás), e assim chegamos a La Paz", descreve. Ficaram felizes porque havia uma grande festa na cidade e disseram uns aos outros "olha como nos recebem bem com todas essas bandeiras", mas depois se deram conta de que se tratava da Festa Pátria, celebrada no dia 2 de

agosto. "Outra lembrança dos primeiros dias em que estive na Bolívia foi de uma nevasca muito intensa que cobriu Cochabamba. Havia um vale lindo e branco", relembra.

Anos de formação

Xavier Albó era muito jovem quando chegou à Bolívia, estava no primeiro ano de noviciado e havia feito os primeiros meses na Espanha. No primeiro dia das férias, ainda em 1952, foram a uma fazenda na Bolívia, que tinha as mesmas características do território antes da reforma agrária realizada por Estenssoro,7 que acabou ocorrendo a partir do ano seguinte. Antes de viajar para o Equador, onde fez a formação em Filosofia, concluiu um segundo ano de noviciado, em que aprendeu idiomas, estudou os clássicos e complementou a formacão humanística.

"Enquanto eu estudava Filosofia, também realizei um doutorado cuja tese foi sobre o principal comunista do Equador, Manuel Agustín Aguirre8", explica. "Tornei-me amigo deste senhor, ia à sua casa. Por sorte, não havia muitas coisas escritas sobre ele, então não precisei fazer muitas pesquisas", brinca Albó, que estudou as ideias marxistas em Aguirre, tese que depois, justifica ele, teve que refutar, uma prática tipicamente jesuíta. "Apesar disso sempre tive boas recordações dele", diz. Albó só viria a estudar Teologia tempos depois, quando retornou a Barcelona para um período de estudos.

Aproximação com os Quechuas

Albó conta que quando precisou fazer magistério, uma das etapas na formação de um jesuíta, sua experiência foi diferente da maioria de seus colegas. "Nesta etapa da formação todos deveriam ir trabalhar em um colégio, mas comigo foi diferente. Antes, logo que havia chegado eu tive que aprender a língua Quechua. Eu fui o ajudante de um senhor que sabia muitas coisas e era muito competente para idiomas. Assim, as palavras que ele ia aprendendo no idioma Quechua eu deveria colocá-las em ordem. Isso me permitiu ser o sistematizador das coisas que espontaneamente se sabia", descreve. "Assim foi a maneira como aprendi a língua Quechua rapidamente", completa.

Depois de estudar no Equador, o jovem catalão, que havia aportado poucos anos antes na América Latina, voltou à Bolívia e a essa altura dominava o idioma Quechua. "Era comum que, alternadamente, fizéssemos discursos no refeitório. E guando chegou minha vez o fiz todo em Quechua. Ninguém entendeu, exceto um colega que compreendia o idioma e sugeriu - Diga-lhes que rezem um pai nosso. Três vezes!", diverte-se ao lembrar. Com menos de 18 anos, já dominava o idioma Quechua e podia praticá-lo com outros colegas do Equador e do Peru.

Índio, a palavra maldita

Na década de 1950, falar de índios na Bolívia era "proibido". Os indígenas haviam se convertido, como um passe de mágica europeizante, em "camponeses", por conta de decisões políticas da época, justamente quando o país era presidido por Estenssoro. "Houve uma profunda reforma agrária na parte andina da Bolívia, a região de maior altitude, ao passo que em outras partes foi o contrário", explica. A região andina era basicamente habitada por indígenas

⁶ **María Eva Duarte de Perón** (1919-1952): foi uma atriz e líder política argentina. Tornou-se primeira-dama da Argentina quando o general Juan Domingo Perón foi eleito presidente. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ Anjo Victor Paz Estenssoro (1907-2001): era advogado, ex-ministro e político boliviano. Foi presidente boliviano em quatro ocasiões (1952-1956; 1960-1964; 1964 e 1985-1989). Em seu primeiro mandato (1952-1956) iniciou a Revolução Nacional – uma das transformações sociais mais importantes (e contraditória) da América Latina no século XX, em três áreas principais: a reforma agrária, o sufrágio universal e a nacionalização de grandes empresas de mineração. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Manuel Agustín Aguirre Rios (1903-1992): era um político equatoriano e professor. Em várias ocasiões, foi Secretário-Geral do Partido Socialista do Equador, fundador e primeiro secretário-geral do Partido Socialista Revolucionário equatoriano e primeiro Decano da Faculdade de Economia da Universidade Central de Ecuador. (Nota da IHU On-Line)

que falavam Quechua⁹ e Aymara,¹⁰ idioma que Albó também aprendeu a falar. "Na parte andina, os indígenas compunham cerca de 80% da população quando os territórios começaram a ser ocupados por conta da reforma agrária", relata.

Para aquele jovem e miúdo espanhol coube, como tarefa principal, aprender idiomas indígenas e, para tanto, o dispensaram de realizar o magistério em uma escola. Isso permitiu uma experiência absolutamente nova, uma espécie de "renascimento" latino-americano. "Fui enviado a uma comunidade Quechua e vivi com os indígenas durante três anos. No tempo em que o mundo olhava para o espaco, na época em que as sondas espaciais eram enviadas à superfície lunar, eu estava em uma comunidade chamada Cliza. Neste lugar. eu passei dois meses, retornando uma vez por semana à cidade para asseio, quando tomava banho, fazia a barba e me confessava. Isso foi muito bom, pois aprimorei bem meus conhecimentos sobre idiomas indígenas", pondera.

Professor substituto

Albó é falante. A colcha de memórias com que tece a narrativa de sua própria vida é cheia de anedotas. Certa vez, ao substituir a professora, que estava em licença maternidade, de uma pequena escola localizada em uma comunidade Quechua onde vivia (e na época havia rumores de que ali seria fundada uma escola dos jesuítas), protagonizou uma cena de hilária confusão. "Recordo o dia que um senhor chegou e disse: -'Senhorita! O menino precisar fazer xixi', pedindo ajuda, sem se dar conta de que a roupa não era um vestido, mas uma batina", diverte-se Albó.

A zona onde morava era uma fazenda imensa que havia pertencido a Antenor Patiño, ¹¹ um dos homens mais ricos de sua época, industriário que era comparado aos Rockfeller. ¹² Um cavalo manso, dos mais pacíficos que pertencia à família Patiño, foi emprestado a Albó, que assim percorria as distâncias entre um sítio e outro.

"Eu nunca fui um bom ginete. Volta e meia era derrubado por um galho de árvore", conta e gargalha ao se lembrar dos episódios. "Eu visitava as comunidades pedindo apoio financeiro das famílias, um peso apenas, para construirmos uma escola. Mas a família de Patiño, depois que soube das ambições do projeto, discordou, porque seria demasiado longo e sério. Tive que voltar a cada um dos lugares para devolver o dinheiro. Assim conheci todas as comunidades", conta. "Essa foi minha primeira vivência das contradições de classe."

O caminho à Antropologia

Tempos depois foi recebido como sacerdote em San Joan, em Barcelona. Na mesma época, Roma sediava o Concílio Vaticano II. O provincial

11 Antenor Patiño Rodríguez (1896-1982): era um empresário boliviano. Herdeiro de Simon I. Patiño, chamado de "King of Tin" para ser o proprietário das maiores minas de estanho na Bolívia e controlar o mercado mundial para esse mineral. As minas foram nacionalizadas em 1952 na revolução boliviana e integrado ao Mining Corporation da Bolívia. (Nota da IHU On-Line)

12 John Davison Rockefeller (1839-1937): foi um investidor, empresário e filantropo americano. Rockefeller revolucionou o setor do petróleo e definiu a estrutura moderna da filantropia, ainda muito em voga. Em 1870, fundou a Standard Oil Company e a comandou agressivamente até sua aposentadoria oficial em 1897. A Standard Oil começou com uma parceria em Ohio de John com seu irmão, William Rockefeller, Henry Fagler, Jabez Bostwick, o químico Samuel Andrews e Stephen V. Harkness. Como a importância do querosene e da gasolina estava em alta, a riqueza de Rockefeller cresceu e ele se tornou o homem mais rico do mundo e o primeiro americano a ter mais de um bilhão de dólares. Em 1937, ano de sua morte, sua fortuna foi avaliada em 1,4 bilhão de dólares. (Nota da IHU On-Line)

na Espanha o nomeou Bedel, uma espécie de líder hierarquicamente abaixo do chamado Superior. Nesta tarefa, cabia a Albó participar diariamente de reuniões. "Neste momento fui questionado sobre o que gostaria de estudar. Nunca tinha pensado muito sobre isso, mas depois de refletir um pouco resolvi que estudaria Antropologia", descreve. "Fiz alguns contatos e minha decisão foi a de estudar nos Estados Unidos, em Cornell, Nova York."

Em apenas três anos concluiu o doutorado em Antropologia, isso porque seu doutorado no Equador permitiu que se beneficiasse de algumas disciplinas. "No departamento de Antropologia da universidade havia uma disciplina sobre o idioma Quechua, onde eu trabalhava como professor assistente, e com isso consegui uma bolsa de estudos", explica. "Minha tese foi uma combinação entre os temas da Linguística, Antropologia e Sociologia rural. Ao longo de aproximadamente 300 páginas faco uma análise sobre as mudanças ocorridas na Bolívia após a reforma agrária", conta.

Cipca

Quando retornou à Bolívia, juntamente com outros dois jesuítas, Luís Alegre e Francisco Javier Santiago, Xavier Albó fundou o Centro de Investigación y Promoción del Campesinado - CIPCA. Atualmente, Albó é o único jesuíta do centro que conta com mais de 100 leigos trabalhando em projetos sustentados financeiramente por organizações europeias. "A maior parte das pessoas trabalha na área de ação; ainda que tenhamos vários pesquisadores, o trabalho da Cipca é focado nas ações", diz.

La Paz e El Alto

Atualmente Albó é um dos maiores nomes da Antropologia na América Latina e no mundo. Vive na cidade de El Alto, que fica a 4.100 metros de altitude, imediatamente ao lado de La Paz. As duas localidades estão ligadas por um teleférico. "La Paz é uma cidade maravilhosa, cheia de cerros, é uma espécie de Rio de Janeiro sem mar. Ao mesmo tempo que é maravilhosa, é caó-

⁹ **Quíchua** (qhichwa simi ou runa simi) também chamado de **quechua** ou **quéchua**: é uma importante família de línguas indígenas da América do Sul, ainda hoje falada por cerca de dez milhões de pessoas de diversos grupos étnicos da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador e Peru ao longo dos Andes. Possui vários dialetos inteligíveis entre si. É uma das línguas oficiais de Bolívia, Peru e Equador. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ Âymará também chamado de Aimará ou Aimara: é o nome de um povo, estabelecido desde a Era pré-colombiana no sul do Peru, na Bolívia, na Argentina e no Chile. No Peru os falantes da língua aimará somam mais de 300 mil pessoas, o que leva a supor que o grupo étnico é bem maior. Aí estão mais concentrados no departamento de Puno (perto do Lago Titicaca), nas regiões Moquegua, Arequipa e Tacna. (Nota da IHU On-Line)

tica e cheia de contrastes. Temos agora um dos teleféricos mais modernos do mundo, que transporta milhões de pessoas entre El Alto e La Paz", avalia.

O jesuíta-antropólogo-ativista é um sujeito de hábitos simples. Os poucos cabelos que ainda ostenta sobre a cabeça testemunham o caminhar de uma mente que produz pensamentos entre a erudição do pensamento ocidental e genialidade simples, mas não menos complexa, do pensamento originário. Albó é de matriz europeia, mas foi forjado no contato com os indígenas e vê o planeta terra não como uma prateleira de commodities, mas como *Pacha mama*.

Xavier Albó não parece ser afeito a muitas vaidades. Quando fala repetidas vezes da amizade que tem com o Ministro das Relações Exteriores boliviano, David Choquehuanca,¹³ não se refere ao amigo com pompa alguma, senão com carinho de quem o conheceu na comunidade Aymara onde nasceu e cresceu. É com essa simplicidade e sensibilidade que Xavier Albó fica contente de fazer o caminho entre El Alto e La Paz, a bordo do teleférico, que ele classifica como "uma beleza". Ele vê o mundo nesta dialética entre o caos cosmopolita da capital e a tranquilidade montanhosa de onde mora. Além de tudo, alegra-se com o sistema de transporte implantado na região e com a velhice. "Esta é uma das grandes obras de Evo. E eu, que sou velho, pago a metade do preço", sorri.

Posfácio de uma vida em construção

Este perfil foi construído desde uma conversa de mais de duas horas com Xaviér Albó, que visitou o Instituto Humanitas Unisinos - IHU, onde apresentou duas conferências - Bem-Viver. Impactos na América Latina - IHU ideias e O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre recursos naturais, no dia 27 de agosto de 2015

Travesso para idade que tem, 81 anos, Albó é um sujeito muito ativo, embora caminhe com passos frágeis e cuidadosos. Durante sua estada no Rio Grande do Sul, sofreu uma queda, que lhe custou, inicialmente, cinco pontos na altura da testa e mais dois dias no Brasil, pois a companhia aérea não permitiu que ele embarcasse devido aos riscos da recente sutura.

O tropeço, porém, era um sinal. Ao chegar à Bolívia, Albó foi ao médico e identificaram um tumor em seu cérebro, que apesar de benigno estava em estágio avançado. Dias depois retiraram o tumor e ele se recuperou muito bem, tanto que logo pediu seu computador, assim que os efeitos da anestesia passaram. Recebeu muitas visitas e emocionou-se com todas elas, levantando-se para abraçar um por um em gesto de gratidão. Tal "travessura" gerou um coágulo na região operada, o que o levou à sala de cirurgia novamente.

Albó teve alta e se recupera bem, ainda que lentamente, dos procedimentos. Faz fisioterapia diariamente e busca retomar, com passos ainda mais frágeis, embora persistentes, seu caminho na América Latina, que começou a ser trilhado há mais de 60 anos, quando seus pés, ao desembarcar de um navio vindo da Espanha, tocaram o continente.

LEIA MAIS..

- O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais.
 Cadernos ihu ideias, edição 225, disponível em http://bit.ly/1Uhu9cT;
- As peripécias do padre Xavier Albó para conseguir falar com o Papa sobre o seu amigo Luis Espinal. Reportagem com Xavier Albó publicada nas Notícias do Dia, de 12-08-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1My4rgt;
- "Luis Espinal não era comunista", afirma Xavier Albó. Reportagem com Xavier Albó publicada nas Notícias do Dia, de 10-07-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1My4kBu;
- Um Deus de rosto indígena. Entrevista com Xavier Albó publicada nas Notícias do Dia, de 28-07-2011, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Wp2UZx;
- O ideal da suma qamaña. Os indígenas e a nova Constituição da Bolívia. Entrevista com Xavier Albó publicada nas Notícias do Dia, de 14-07-2010, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1KLdeEq;
- A constituição mais humanista da América Latina. Entrevista com Xavier Albó publicada nas Notícias do Dia, de 05-02-2009, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1GPNlZ2.

¹³ David Choquehuanca Céspedes (1961): é um sindicalista aimara boliviano e líder político. Atualmente ocupa o cargo de Ministro de Relações Exteriores, durante o primeiro, segundo e terceiro mandato do presidente Evo Morales, (Nota da IHU On-Line)

ENTREVISTA

A cidade (rebelde) da modernidade tardia contra a cidade fordistaindustrial

Milton Cruz propõe uma reflexão sobre que cidade se quer no futuro, a partir do projeto de revitalização do Cais Mauá e sua relação com Porto Alegre

Por João Vitor Santos

ara o professor e pesquisador Milton Cruz, a cidade moderna é aquela que pensa humanisticamente, valorizando os espacos públicos para convívio social, e é conectada com questões ambientais e não só econômicas. Assim, entende que a proposta de revitalização do Cais Mauá, em Porto Alegre, é uma bela oportunidade de pensar a cidade com vistas ao futuro. Entretanto, destaca que muitos desses princípios não parecem estar sendo levados em conta. "Não apresenta estudos e pesquisas que mostrem qual a dinâmica atual do Centro Histórico em termos econômicos, sociais e culturais, quais as tendências esperadas para o futuro e como o empreendimento irá promover a qualificação do desenvolvimento da região", destaca. "Penso que o debate em torno da revitalização do Cais Mauá revela dois projetos de cidade: a cidade (rebelde) da modernidade tardia contra a cidade fordista-industrial. E que o futuro da cidade depende da capacidade da sociedade civil em apresentar um Projeto Alternativo de Modernização capaz de articular as propostas fragmentadas", completa.

Além disso, na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, Cruz critica a ideia de apoiar toda a reforma num modelo econômico/comercial que visa transformar o Cais em apenas mais um grande centro de compras. "A localização de um empreendimento comercial existente em todas as partes do mundo na Orla do Guaíba (uma região peculiar da cidade) diminuiria o diferencial de Porto Alegre na rede de cidades globais e aumentaria a sua homogeneização. Queremos nos tornar iguais às demais cidades que apostaram tudo no automóvel e nos shoppings?", questiona. E ainda há outro detalhe: o empreendimento é apoiado na dependência de um modal rodoviário já saturado. "Como um shopping com 4.800 vagas de estacionamento para automóvel na orla do Guaíba não agravará os problemas criados pela circulação dos atuais 30.000 veículos/dia? E qual a garantia de que não estamos construindo um 'shopping fantasma', como os existentes em muitas cidades norte-americanas, que logo precisará passar por uma reconversão em seu uso?", acrescenta.

Milton Cruz é doutor e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atua como pesquisador do Observatório das Metrópoles/Núcleo Porto Alegre. Participou como pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA e da Fundação de Economia e Estatística - FEE/RS. Ainda é graduado em Ciências Sociais e em Engenharia Eletrônica. No último dia 22-10, ele proferiu a conferência "Cais Mauá: duas visões em disputa sobre qual o projeto de cidade", no Instituto Humanitas Unisinos - IHU. A reportagem da cobertura da palestra está disponível em http://bit. ly/1PUsre6.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o projeto de revitalização do Cais Mauá? Quais os avanços e limitações do projeto?

Milton Cruz - O Consórcio Cais Mauá afirma, no relatório de impacto social, econômico e ambiental (EIA/RIMA) apresentado para a Secretaria do Meio Ambiente de Porto Alegre, que o projeto para a Orla do Guaíba, localizado entre a Rodoviária e a Usina do Gasômetro, irá "revitalizar" a região. Mas o EIA/RIMA não apresenta estudos e pesquisas que mostrem qual a dinâmica atual do Centro Histórico (bairro que se desenvolveu com as atividades do porto Cais Mauá) em termos econômicos, sociais e culturais, quais as tendências esperadas para o futuro e como o empreendimento (formado por um Shopping, três edifícios corporativos - torres e garagens) irá promover a qualificação do desenvolvimento da região.

O Centro Histórico já tem uma dinâmica própria que o torna um dos bairros com maior poder de atração da cidade. Ali estão localizadas a sede do Governo Estadual e Municipal, a Assembleia Legislativa e a Câmara Municipal. Também conta com a maioria dos bancos presentes no estado, o Mercado Público, o Museu de Artes do Rio Grande do Sul - MARGS, o Santander Cultural, a Casa de Cultura Mário Quintana, a Usina do Gasômetro, o Anfiteatro Pôr do Sol, comércio de rua bastante diversificado. Além disso, conta com a infraestrutura de transporte que contempla o Aeroporto Internacional Salgado Filho, o trem metropolitano (Trensurb), o transporte hidroviário de turismo e de passageiros (Catamarã, Cisne Branco), a estação rodoviária (que recebe ônibus de todo país, do Mercosul e interior do estado) por onde passam as linhas municipais de quase todos os bairros da cidade, além da paisagem natural que permite aos portoalegrenses contemplar a beleza do pôr do sol sobre as águas do Guaíba.

Exemplos de outras cidades

O EIA/RIMA também não fala das alternativas de revitalização implementadas nas áreas portuárias de outras cidades e o seu resultado econômico e social, o que aiudaria a buscar ideias para a elaboração de um projeto que mais se ajusta à realidade de Porto Alegre. Várias cidades no mundo sofreram com a perda de função de seus portos e tiveram de buscar novas alternativas para eles, como ocorreu com Boston nos anos 1950, Nova York em 1960, Baltimore em 1970, Roterdã em 1980, Buenos Aires e Barcelona em 1990, e Belém em 2000.

Dependência do modal rodoviário

A modernização tecnológica dos meios de transporte e das comunicações mudou a relação da cidade com o porto assim como com as ferrovias. Mas esta modernização não é um processo natural, depende de decisões tomadas principalmente pelos governos, como foi o caso brasileiro de assumir o transporte rodoviário (as rodovias pavimentadas, o automóvel e o caminhão) como o símbolo do desenvolvimento 1. Esta escolha produziu uma infraestrutura de transporte e um comportamento social que promove o uso exacerbado do automóvel para o transporte de passageiros e dos caminhões para o transporte de cargas em detrimento de um modelo de transporte mais equilibrado, mais eficiente em termos de gasto de energia e menos poluente, pois despreza o transporte ferroviário e hidroviário.

Fazendo uma reflexão sobre os impactos negativos do uso que se faz do automóvel nas cidades do Brasil de hoje (e destacando que estes problemas são criados por apenas 19% da população que utiliza o carro para ir ao trabalho), constatamos que ele causa mais de 45 mil mortes no trânsito por ano no país, contribui significativamente na poluição do ar, para a perda de tempo no trânsito e o estresse urbano. Neste contexto, pode-se perguntar ao Consórcio Cais Mauá e, inclusive, aos governos estadual e municipal que estão aprovando o projeto: como um Shopping com 4.800 vagas de estacionamento para automóvel na orla do Guaíba não agravará os problemas criados pela circulação dos atuais 30.000 veículos/dia? E qual a garantia de que não estamos construindo um "shopping fantasma", como os existentes em muitas cidades norte-americanas, que logo precisará passar por uma reconversão em seu

O projeto do Shopping inviabiliza a ideia de uma praça contínua (Praça Brigadeiro Sampaio) e arborizada que ligaria a Rua dos Andradas, Sete de Setembro e Siqueira Campos com a Usina do Gasômetro, criando um espaço de convivência contíguo e aberto ao público através do rebaixamento da Av. João Goulart. Esta proposta, de movimentos como o Cais Mauá de Todos², reduziria o ruído provocado pelos automóveis e melhoraria a sensação térmica do entorno que tem prédios residenciais.

Pensando no futuro

Na perspectiva de um planejamento estratégico da cidade, é preciso considerar: em primeiro lugar, a perda de atratividade dos Shoppings, pois os dados mostram que em 1990, nos Estados Unidos, se construíram 140 por ano e em 2007 nenhum foi construído; em segundo lugar, que a localização de um empreendimento comercial existente em todas as partes do mundo na Orla do Guaíba

¹ O Plano de Metas de Juscelino Kubitschek destinou 93% dos recursos para os setores dos transportes, energia, e indústrias de base, enquanto os outros dois setores incluídos no plano, alimentação e educação, ficaram com o restante. Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/PlanodeMetas. Acesso em 27/10/2015. (Nota do entrevistado)

² Cais Mauá de Todos: movimento coletivo de resistência ao modelo empregado no projeto de revitalização do Cais Mauá e que luta pelo uso comum da área pública. Saiba mais sobre o grupo em http://on.fb.me/1SlJVyC. (Nota da IHU On-Line)

(uma região peculiar da cidade) diminuiria o diferencial de Porto Alegre na rede de cidades globais e aumentaria a sua homogeneização. Queremos nos tornar iguais às demais cidades que apostaram tudo no automóvel e nos Shoppings? O exemplo de Detroit, cidade norte-americana sede da General Motors que já foi a quinta maior cidade do país e hoje é a décima oitava, que em 2013 decretou falência, deve nos servir de alerta para os riscos que a cidade corre ao ficar dependente de apenas um setor econômico para o seu desenvolvimento. A concorrência das montadoras japonesas e de outros países fez desmoronar o sonho de vida dos norte-americanos daquela cidade hoje abandonada. Este exemplo recomenda que devemos analisar com cautela a justificativa da geração de empregos, pois o projeto de "revitalização" do Cais Mauá não se articula (não dialoga) com a tendência atual da economia mundial (também chamada de sociedade do conhecimento), que está mais dependente de servicos de alta especialização que suportam setores inovadores como os da tecnologia da informação.

Não foram realizados estudos sobre a evolução dos serviços e o comércio de Porto Alegre e da Região Metropolitana que hoje funcionam como uma conurbação onde se estabelecem intensas trocas e deslocamentos. Tampouco se leva em consideração os Relatórios Climáticos, como o do IPCC/ AR de número 6 (Ministério da Ciência e Tecnologia/INPE), que mostra a tendência de aumento da temperatura superficial de 2 a 4 graus centígrados. Qual o impacto das mudancas climáticas no Centro Histórico e no Guaíba? Oue tipo de medida mitigatória poderia ser tomada para aumentar o grau de segurança dos moradores e o bem-estar de uma região altamente densificada e com temperaturas superiores aos demais bairros? O regime de chuvas que vêm se apresentando na Região Metropolitana e no Rio Grande do Sul revela a vulnerabilidade de nossas cidades, hoje muito mais

construídas (com construções que não foram projetadas para o aproveitamento da água da chuva e da energia do sol, e tampouco para o uso da arborização como reguladora microclimática e para o embelezamento da paisagem) que nos anos 1990. As chuvas deste mês fizeram o nível das águas do Guaíba igualar as marcas dos anos 1960 e mostraram que o Muro da Mauá apresenta problemas na sua contenção com o vazamento de uma das comportas, assim como as bombas instaladas para levar as águas da cidade para o Guaíba (que apresentaram problemas) e o sistema de drenagem natural.

Diagnóstico de carências do centro

O empreendimento apresenta como aspectos positivos a recuperação e utilização do Setor Armazéns, previsto para operar em meados de 2018 (que poderia ser a ancoragem inicial do empreendimento), a criação de uma área de convívio para população no Setor Docas, onde se situa o Frigorífico e uma Praça hoje não utilizada pela população. O diagnóstico do Centro Histórico indicou a carência de equipamentos e espaços para crianças, idosos, jovens, e famílias. O diagnóstico das carências e potencialidades do Centro recomenda que a prioridade seja dada para a revitalização e o uso imediato das Praças e dos Armazéns, com a instalação de atividades que alavanguem a atual dinâmica cultural e social já existente do outro lado do Muro da Mauá, como são as Bienais do Mercosul, a Feira do Livro, as atividades culturais do Margs e da Casa de Cultura Mário Quintana, e as visitas de turistas ao patrimônio histórico e cultural.

O cronograma físico-financeiro proposto pelo Consórcio Cais Mauá precisa ser alterado segundo estas prioridades, que poderiam ser monitoradas e avaliadas na sua função de revitalização do Centro Histórico da capital gaúcha, e que devem dar um retorno mais rápido a um menor custo e com menos riscos para a cidade. Outra potencialida-

de não explorada pelo empreendimento, que apenas reserva 347 vagas para bicicletas, é a instalação de uma ciclovia de 8,7 Km entre o muro e o Guaíba interligando toda a extensão do Cais Mauá com o norte e o sul da cidade, ajustando-se ao Plano Cicloviário da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Cidade fordistaindustrial

As questões problemáticas aqui apresentadas fazem parte do mundo contemporâneo em rápida transformação, mas que o EIA/ RIMA não leva em consideração, pois o seu enfoque é o do planejamento e da construção da cidade fordista-industrial, hoje em declínio. A velocidade com que os governos locais conseguem tomar (boas) decisões para o planejamento que prepara as cidades para as mudanças sociais, econômicas e ambientais ainda é mais lenta que a dos problemas criados pela modernização urbana e as mudanças climáticas.

IHU On-Line - Em que medida a recuperação do Cais Mauá pela iniciativa privada, tornando-o também um empreendimento imobiliário, ressignifica o debate acerca dos espaços públicos e de uso comum da cidade? Como deve ser o papel do poder público nesse processo?

Milton Cruz - O projeto, que se vislumbra no EIA/RIMA apresentado ao órgão municipal encarregado de aprovar o andamento do empreendimento, segue a lógica das grandes obras que buscam ganhar com a infraestrutura urbana instalada e a dinâmica social e econômica de uma região com capacidade de atração de consumidores de toda cidade e da Região Metropolitana. Uma região que agregará ao seu patrimônio histórico e cultural a paisagem do Guaíba e do Pôr do Sol, que hoje não pode ser desfrutada, com todo o valor simbólico e afetivo que a população portoalegrense lhe atribui³. A valorização do Centro Histórico com o uso social que se pode fazer do Cais Mauá não pode ser reduzida a ganhos econômicos a serem garantidos por consumidores. O espaço é, em primeiro lugar, um patrimônio de uma cidade que pode e deve ter garantida a sua função social criando lugares de convivência aos diferentes estratos sociais e espaços de educação urbana para a cidadania.

Para que a cidade cumpra sua função de educadora da cidadania e garanta o bem-estar coletivo, o Poder Público deve atuar como mediador e regulador dos empreendimentos que impactam na vida da cidade, equilibrando o interesse econômico privado com as demandas da população e as recomendações de especialistas como os estudiosos das mudancas climáticas. Continuar acreditando que mais construções (edifícios, viadutos etc.) é sinônimo de desenvolvimento é não aprender com o passado recente que nos apresenta muitos exemplos de obras que não cumprem papel algum no desenvolvimento e ainda deixam problemas para o Poder Público resolver, mas que garantiram o lucro de empresas da construção civil.

Exemplo da Copa e Operação Urbana Consorciada

De acordo com um levantamento feito pela BBC Brasil, o prejuízo de apenas três "elefantes brancos" da Copa - os estádios Mané Garrincha (Brasília), Arena da Amazônia (Manaus) e Arena Pantanal (Cuiabá) - atingiu pelo menos R\$ 10 milhões desde o fim do Mundial. O exemplo da Copa indica que ainda domina a prática da implantação de grandes empreendimentos na cidade sem consulta à população, como recomenda o Estatuto da Cidade de 2001, sem análise do papel do empreendimento na dinâmica real da cidade e da região e sem o acompanhamento da sociedade nas fases de planejamento, implantação e funcionamento das obras.

Este aprendizado sugere que o melhor seria a participação da sociedade na definição de qual o melhor projeto para o Cais Mauá. O instrumento da Operação Urbana Consorciada permite a participação da sociedade, dos moradores, do empreendedor e do governo em obras que impactam significativamente na cidade. A Lomba do Pinheiro, um bairro da zona leste de Porto Alegre, vem implementando um projeto-piloto de Operação Urbana Consorciada. Esta Lei Complementar nº 627/2009 permite, por meio de uma parceria entre o poder público e o setor privado, alternativas de financiamento para a organização do transporte coletivo, ampliação dos espaços públicos, implantação de programas habitacionais de interesse social ou mesmo a melhoria da infraestrutura e do sistema viário da região onde é realizada⁴. Esta experiência compreende um conjunto de intervenções e medidas coordenadas pelo Poder Executivo Municipal, por intermédio da Secretaria do Planejamento Municipal - SPM, com a participação de proprietários, moradores, usuários permanentes e investidores privados. O objetivo é alcancar transformações urbanísticas estruturais, melhorias sociais e valorização ambiental na área.

Poderia ser proposta criação de um Comitê de Desenvolvimento do Centro Histórico para formular e acompanhar os planos e os projetos urbanísticos com 1/3 (um terço) de representantes do Município, 1/3 (um terço) de representantes da comunidade local, e 1/3 (um terço) de representantes da sociedade civil organizada; e a criação de uma Operação Urbana Consorciada do Centro Histórico; além da criação de um Sistema de Acompanhamento das Ações do Cais Mauá, que se relaciona com mais de 15 programas e projetos do município.

Relação entre as pessoas e o cais

Levando em consideração os usos que a população faz da Orla do Guaíba, onde ela tem acesso livre para caminhar, namorar, andar de bicicleta e skate, passear com o cachorro, tomar um chimarrão, passear de barco ou sentar para contemplar o momento em que o sol se põe no horizonte e sobre o "espelho d'água" que o Guaíba cria, é de se perguntar se as pessoas poderão fazer o mesmo no Cais Mauá. O convívio da população com esta paisagem desperta emoções que se expressam em palavras como: "minha cidade amada", "maravilhoso", "saudades", "amo tudo isso" e "rio mais lindo do mundo", o que mostra o valor afetivo dos porto-alegrenses com a Orla do Guaíba e que deveria ser preservado e até estimulado pelo projeto. Valorização que se agregaria ao patrimônio cultural. afetivo e à identidade da cidade, que ainda não aparece na proposta de revitalização do Cais Mauá, mas que poderia tornar o empreendedor um exemplo de agente econômico inovador na realização de uma iniciativa orientada pela responsabilidade ética, social e ambiental.

IHU On-Line - O muro da Avenida Mauá é visto por muitos como entrave para integrar a cidade à orla do Guaíba. Como o senhor vê esse debate acerca do muro e das barreiras físicas que impedem essa integração? E que outras barreiras não físicas estão em jogo nessa ideia de revitalizar o espaço?

³ As páginas do Facebook intituladas "Pôr do Sol na Orla do Guaíba" e "Orla do Guaíba" apresentam, respectivamente, 2.248 e 52.576 "curtidas" e "visitas", fotos do sol no horizonte, do "espelho d'água" e comentários sobre o que os usuários sentem ao caminhar, namorar, andar de bicicleta e skate, passear com o cachorro, tomar um chimarrão, passear de barco ou sentar para contemplar o momento em que o sol se põe. A paisagem desperta emoções que se expressam em palavras como: "minha cidade amada", "maravilhoso", "saudades", "amo tudo isso", e "rio mais lindo do mundo". Fontes: https://www. facebook.com/P%C3%B4r-do-Sol-na-Orla--do-Gua%C3%ADba-196859143678334/; e https://www.facebook.com/pages/Orla-do--Gua%C3%ADba/185301931541340. Acesso em 27/10/2015. (Nota do entrevistado)

⁴ Fonte: SMURB, Secretaria da Prefeitura de Porto Alegre. (Nota do entrevistado)

Milton Cruz - Acredito que o muro da Mauá tornou-se um símbolo emblemático das barreiras que impedem o acesso ao patrimônio cultural e afetivo da cidade que a população porto-alegrense valoriza muito, como a Orla do Guaíba, o Parque da Redenção e a Feira do Livro. Desde 1941 o muro nunca foi acionado para proteger a cidade como foi projetado e, talvez, viesse a falhar em muitos pontos como sugere o vazamento de uma das comportas neste ano de 2015 e os alagamentos na Rodoviária, Voluntários e outras regiões ao norte do Centro Histórico. Passaram-se 74 anos sem que a população, principalmente a do Centro, pudesse ter acesso ao Cais e suas praças. Várias geracões perderam a oportunidade de criar seus filhos em contato com o Guaíba, o que não pode ser mensurado economicamente, mas deve ser avaliado na perspectiva da educação urbana que a cidade propicia, ou não, aos seus moradores, principalmente para aqueles que não têm acesso aos bens culturais e econômicos fundamentais para a formação da consciência cidadã moderna.

Na perspectiva da (boa) cidade do futuro, aquela que promove valores como o respeito ao outro e ao diálogo, se fazem necessários projetos que promovam a interacão entre indivíduos diferentes em termos de renda, culturais, crenca religiosa e etnia, de forma a que as crianças aprendam, desde pequenas, a conviver com pessoas que partilham valores distintos daqueles da sua família. Condomínios fechados, prédios e casas gradeados, parques e praças cercados constroem uma percepção social da cidade que está em perigo e que precisa se proteger, e desconstrói a imagem da cidade acolhedora e amiga que permite que as crianças brinquem na rua.

Felizmente temos projetos que fecham por alguns dias no ano as ruas, dominadas pelo automóvel, para as crianças brincarem com seus pais (como no dia da Criança), para o aniversário da Associação de Moradores ou para os ciclistas realizarem oficinas aos que querem aprender a andar. Ver criancas brincando com seus pais ou ciclistas andando na rua desenvolve uma percepcão de bairro muito mais amigável e afetiva que aquela imagem produzida pelos carros andando velozmente pela mesma via. A mudança de uso do espaço urbano produz percepções e sentimentos diferentes sobre as possibilidades que a cidade moderna oferece. Os projetos devem qualificar esta percepção e as sensações que o indivíduo urbano elabora ao interagir com seu bairro e a cidade.

A cidade e a sociedade pós-moderna

Para muitos pesquisadores, as mudanças radicais pelas quais estamos passando caracterizariam um novo período do capitalismo que vem sendo denominado como a sociedade pós-moderna (Harvey)5 ou sociedade da modernidade tardia (Giddens)⁶. Para Giddens, este período cria instabilidades que ameacam a seguranca do indivíduo, isto é, podem desorganizar a sua capacidade de dar um sentido de ordem e continuidade ao seu "projeto de vida". Esta habilidade do indivíduo em dar sentido a sua vida é fundamental para a experimentação de emoções estáveis positivas, para se evitar a ansiedade e o adoecimento, e para se construir uma socie-

5 David Harvey (1935): é um geógrafo marxista britânico, formado na Universidade de Cambridge. É professor da City University of New York e trabalha com diversas questões ligadas à geografia urbana. (Nota da IHU On-Line)

6 Anthony Giddens: sociólogo inglês, foi diretor da "London School of Economics and Political Science" (LSE). É autor de 34 obras, publicadas em 29 línguas, e de inúmeros artigos. Em 1985 foi co-fundador da "Academic Publishing House Polity Press". É também conhecido como o mentor da idéia da Terceira Via. Entre suas obras publicadas em português citamos As Conseqüências da Modernidade (Oeiras: Celta, 1992); Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber (Lisboa: Editorial Presença, 1994); Transformações da Intimidade - Sexualidade, Amor, e Erotismo nas Sociedades Modernas (Oeiras: Celta Editora, 1996). (Nota da IHU On-Line)

dade emancipada das relações que geram subjetividades alienadas e dependentes.

Para Boaventura de Sousa Santos7, a sociedade que caminha para a emancipação não pode reproduzir as relações de poder e alienação que caracterizam a ação instrumental que hoje domina a economia e a política. O projeto da sociedade emancipada deve ser conduzido por uma subjetividade que orienta sua ação a partir do "mapa emancipatório" que busca o reconhecimento (identidade) e a redistribuição (igualdade) e tem como princípios norteadores a solidariedade (ética), a participação (política), e a expressão estética (prazer, autoria, artefactualidade). Para Habermas⁸, os espaços sociais devem garantir interações comunicativas que se baseiem na consistência dos argumentos e no reconhecimento do outro como portador de opiniões que devem ser valorizadas e levadas em consideração na tomada de decisão. As experimentações participativas como o Orçamento e o Planejamento Participativo seriam criações locais que privilegiam este tipo de interação, as trocas comunicativas.

A partir destas abordagens, é necessário analisar o projeto e a prá-

8 Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito, o qual encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos, estabelecendo-se o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Boaventura de Sousa Santos (1940-): doutor em Sociologia do Direito pela Universidade de Yale, Estados Unidos, e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal. É um dos principais intelectuais da área de ciências sociais, com mérito internacionalmente reconhecido, tendo ganho especial popularidade no Brasil, principalmente depois de ter participado nas três edições do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, Confira a entrevista O Fórum Social Mundial desafiado por novas perspectivas, concedida por Boaventura ao sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU em 30-01-2010, disponível em http://bit.ly/BoaventuraIHU. (Nota da IHU On-Line)

tica dos atores, que se destacam no planejamento e na construção da cidade da modernidade tardia, buscando por elementos que caracterizam os espaços, os equipamentos, as tecnologias e os modos de gestão que favorecem a convivência urbana e dão estabilidade e seguranca para o indivíduo interagir comunicativamente e viver a cidade como criação e construção (social) organizada para o bem-estar coletivo. Lugares como a praca pública em que pais e filhos podem brincar após o trabalho e aos fins de semana, equipamentos e tecnologias modernas como o transporte público que permite deslocar-se pela cidade em busca de serviços de saúde e atividades culturais e de lazer, e governança e gestão inovadoras que introduzem novos instrumentos de participação e novas modalidades de deslocamento com as ciclovias e as pedovias (que incentivam andar de bicicleta e a pé).

IHU On-Line - Como se integrar a debates como esse do Cais, que tratam de recuperação de áreas públicas, evitando que se tornem apenas mercadoria do capital especulativo e mercado imobiliário? Qual o papel da sociedade civil nesse contexto?

Milton Cruz - A sociedade civil cumpriu um papel muito importante na luta contra o modelo de cidade construído pelo regime político-econômico ditatorial, um modelo elitista, excludente e que dispensava a participação ativa e organizada da sociedade na elaboração de políticas públicas. A sociedade civil conseguiu introduzir na Constituição de 1988 e nas Leis Orgânicas Municipais o direito do indivíduo de participar do planejamento da cidade, e com a criação do Ministério das Cidades e a aprovação do Estatuto da Cidade, de 2001, definiu diretrizes para a organização da Cidade de modo que ela cumpra a sua função social, isto é, para que ela não se torne uma mercadoria acessível apenas àqueles que podem pagar, mas que acolha a todos que contribuem para a sua construção e aos jovens que herdarão suas virtudes e seus problemas.

Entretanto, acredito que este período de muita atividade e criatividade se esgotou. A euforia com a participação social desapareceu e a crença no seu poder transformador hoje é desestabilizada pelo poder fragmentador e desorganizador das relacões políticas e econômicas clientelistas. Estamos vivenciando um período em que o Orçamento Participativo (que ainda hoje é inspiração para mais de mil cidades de todo mundo que o experimentam em diferentes modalidades) enfrenta grandes dificuldades para realizar a promessa de passarmos, segundo Abers (2000), "Do clientelismo à cooperação" e consolidarmos uma nova arquitetura de gestão pública capaz de fazer interagir o governo local com a organização da sociedade civil na produção de políticas públicas que respondam, de modo participativo e inovador, aos desafios da sociedade da complexidade e da transformação acelerada e às expectativas da sociedade que busca o bem-estar individual e coletivo.

Experiências e mobilizações

Mas a sociedade civil ainda cumpre um papel fundamental na desnaturalização da atual modalidade de modernização e no esclarecimento e na formação de uma opinião pública que seja capaz de intervir em favor da construção de uma cidade culturalmente rica e diversificada que se mostre capaz de se rebelar contra a homogeneização e ao fenômeno que vem tornando as instituições e os negócios cada vez mais permeáveis à prática da corrupção e da troca de favores. A cidade de Porto Alegre já deu mostras desta capacidade ao criar o Orçamento e o Planejamento Participativo, o Fórum Social Mundial, ao organizar o Movimento do Não contra o projeto do Pontal do Estaleiro e, agora, o Movimento Cais Mauá Para Todos.

Entretanto, este é um período de grande fragmentação da ação política e governamental (de emperramento das instituições democráticas) em que a cidade e a cidadania reclamam por novas modalidades de participação nos benefícios criados pela produção urbano-industrial que é, hoje, a maior da história da humanidade. mas ainda é extremamente mal distribuída. A rede de cidades brasileira cresceu muito nos últimos anos acrescentando aos polos tradicionais de desenvolvimento, como as metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro, muitas outras regiões que estão demandando políticas públicas eficazes na mobilidade urbana, na segurança, na saúde, e, principalmente, na inclusão de muitos na categoria de cidadãos e projetos de bairros e territórios que garantam o bem-estar individual e coletivo.

IHU On-Line - A partir do debate em torno da revitalização do Cais Mauá, como pensar um projeto de cidade do futuro que preconize não só desenvolvimento econômico, mas também bem-estar social em ambientes urbanos?

Milton Cruz - Penso que o debate em torno da revitalização do Cais Mauá revela dois projetos de cidade: a cidade (rebelde) da modernidade tardia contra a cidade fordista-industrial. E que o futuro da cidade depende da capacidade da sociedade civil em apresentar um Projeto Alternativo de Modernização capaz de articular as propostas fragmentadas (ainda muito influenciadas pelo modelo fordista-industrial de cidade) e convencer a opinião pública da sua consistência e sustentabilidade. Os instrumentos de regulação, controle e planejamento devem orientar-se a partir do objetivo da modernização includente que promove os valores da cidadania e a construção da subjetividade comprometida com o futuro da humanidade. Faz urgente regular o "apetite" voraz de setores do mercado em lucrar com o patrimônio histórico e cultural e a infraestrutura urbana construída pelas gerações anteriores.

REFERÊNCIAS

ABERS, Rebecca. Do clientelismo à cooperação: governos locais, políticas participativas e organização da sociedade civil em Porto Alegre. In: Coleção Cadernos Cidade. Porto Alegre: v. 5, n. 7, p. 1 - 10, maio, 2000.

ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. Porto Alegre como cidade ideal. Planos e projetos urbanos para Porto Alegre. Tese de doutorado. PPG em Arquitetura. PROPAR. UFRGS. 2006.

ALBANO, Maria Tereza Fortini. **O processo de formulação do 2º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre.** Ruptura, Reunião de Fragmentos, Inovação ou Manutenção de uma Tradição Secular? Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.

ALFONSIN, Betânia de Moraes. Direito à moradia: instrumentos e experiências de regularização fundiária nas cidades brasileiras. IPUR/FASE. Rio de Janeiro. 1997. 282p.

BYRNE, David. Diários de bicicleta. São Paulo: Manole, 2010. 320 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade. O homem e a cidade. A cidade e o cidadão. De quem é o solo urbano? Contexto: São Paulo, 1992.

COHEN, Jean L. e ARATO, Andrew. **Sociedad Civil y Teoría Política.** México: Ed. Fondo de Cultura Económica, 2001. 703 p.

CRUZ, Milton. A representação de cidade e de planejamento urbano em Porto Alegre: Estado, mercado e sociedade civil em disputa pela representação legítima. Tese de doutorado. UFRGS. 2010.

______. O impacto da Participação Social no processo de elaboração da Política de Planejamento Urbano de Porto Alegre. Uma análise comparativa entre o processo de formulação do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (1° PDDU, 1979) e o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA, 1999). Dissertação de Mestrado. UFRGS. Porto Alegre. 2006.

D'AVILA, Naida. **DEMAHB: Com ou sem tijolos, a história das políticas habitacionais em Porto Alegre.** Unidade Editorial: Porto Alegre, 2000. 155p.

FAORO, Raymundo. A questão nacional: a modernização. SciELO. *Estud. av.* [online]. 1992, vol.6, n.14, pp. 7-22. ISSN 0103-4014.

FEDOZZI, Luciano. **Orçamento Participativo: Reflexões sobre a experiência de Porto Alegre.** 3º ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

FREITAG, Bárbara. **Habermas e a teoria da modernidade.** Cad. CRH. Salvador, n.22. p.138-163, jan/jun.1995.

FREY, Klaus. Políticas Públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. In: **Planejamento e Políticas Públicas.** IPEA. n. 21 - junho. 2000. p. 211 - 259. www.ipea.gov.br/pub/ppp/ppp21.html. 2005

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. 398 p.

·	Consciência moral e agir comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
·	Técnica e ciência como ideologia. Lisboa (PT): Edições 70, 1994.
 10-11.	. Racionalidade e Comunicação. O que é a pragmática universal? Lisboa: Edições 70, 1
	HI - / - / - / - / - / - / - / - / - / -

HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1992. 349 p.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 510 p.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000. 232 p.

996. p.

LEFEBVRE, Henry. O direito à cidade. São Paulo: Ed. Centauro, 2001.

MURTA, Anamaria Sant'Anna. **Por um Plano Diretor Participativo.** UFMG/Califórnia State University/PUC-MG/Universidade de Bolonha. 2005.

PORTO ALEGRE. Câmara Municipal de Porto alegre. Porto Alegre, uma visão de futuro: ciclo de eventos sobre o futuro da cidade. 2009.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental. Secretaria do Planejamento Municipal. PDDUA. Lei Complementar 434/99 e Atualizações até 31 de março de 2001.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental. Secretaria do Planejamento Municipal. PDDUA. Lei Complementar 434/99 e Atualizações até 31 de marco de 2001.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. SPM. A Trajetória do Projeto Cidade Constituinte e a Reformulação do Plano Diretor. Outubro, 1999.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. A necessária releitura da cidade. 2º PDDUA. Secretaria do Planejamento Municipal. Março, 1998.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. **Diretrizes para Porto Alegre.** Porto Alegre Mais - Cidade Constituinte. Dezembro, 1993.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Lei Orgânica Do Município De Porto Alegre (LOM). Promulgada em 03.04.90. Publicada no DOE em 04.04.90. Retificada em 17.05.90.

SASSEN, Saskia. Sociologia da globalização. Artmed: Porto Alegre, 2010. 240 p.

SILVA, Marcelo Kunrath. Sociedade Civil e democratização da gestão pública no Brasil. Processo decisório e implementação de políticas públicas no Brasil: novos tempos, novas perspectivas de análise. Dept. Sociologia/PPG Desenvolvimento Rural - UFRGS: Porto Alegre, Agosto de 2004.

_____. Cidadania e exclusão: os movimentos sociais urbanos e a experiência de participação na gestão municipal de porto Alegre. Ed. UFRGS: Porto Alegre, 2002.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo, 8ª. Ed. Cortez. 415 p. 2011

_____. (Org.) Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa. Civilização Brasileira: RJ, 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano.** 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

XAVIER, Fernando Weiss. Conflito versus Consenso no Contexto do Planejamento Participativo - o Caso da Revisão do Plano Diretor de Porto Alegre. PROPUR - UFRGS. 2011.



ENTREVISTA

Francisco e a metafísica como ecologia integral: a questão fundamental do pensamento contemporâneo

O filósofo Manfredo Araújo de Oliveira revisita a história da metafísica e sugere o desenvolvimento de uma filosofia sistemática

Por Patricia Fachin e João Vitor Santos

papa põe-se na linha do que muitos filósofos aspiram hoje. Esse é o ponto que não está sendo visto", diz Manfredo Araújo de Oliveira à IHU On-Line, na entrevista a seguir, concedida pessoalmente quando esteve no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, e participou de uma mesa-redonda sobre a Carta Encíclica Laudato Si'.

Na avaliação do filósofo, a contribuição do papa para pensar os dilemas da COP-21, a ser realizada em Paris no final deste ano, só foi viável "porque abriu a perspectiva que torna isso possível, e é disso que acho que o pessoal não está se dando conta", comenta.

De acordo com Manfredo, hoje muitos cientistas ou filósofos que adotam uma visão "integrada" dos saberes ainda estão pensando numa perspectiva epistemológica, ou seja, estão "dizendo apenas que é preciso juntar química, física, matemática, humanidades, tecnicidades. Mas o papa vai muito além disso, vai numa visão holística da realidade, que vê a realidade de fato como um todo", explica. Segundo ele, o que está "embutido" na Encíclica Laudato Si' é uma "perspectiva ontológica, metafísica, é algo grandioso, porque a filosofia hoje apenas vislumbra superar os dualismos, o dualismo cartesiano, mas não é só isso, temos de superar o dualismo ontológico, porque a realidade foi dividida toda em pedaços e ninguém vê mais relação de uma coisa com outra", acentua.

De acordo com o filósofo, o capítulo central da Encíclica papal é o quarto, que trata da ecologia integral, "que supera aquela visão analítica de que as coisas estão separadas entre si. O papa traz uma visão metafísica sobre a globalidade. Há uma dimensão de contingência, que não se explica por ela mesma, ou seja, trata-se da pergunta de por que existe algo e

não nada. Ele repôs, contra todos os dualismos vigentes no nosso mundo, uma visão global sintética, sistemática, de ver as conectividades universais de todas as coisas", destaca.

Para Manfredo, depois da recusa ou de uma reinterpretação do que seria a metafísica desde Kant, a filosofia deve recuperar uma perspectiva sistemática, e tratar das "conectividades", ou seja, "pensar o que ética tem a ver com metafísica, o que tem a ver antropologia com ética e filosofia da natureza". E frisa: "Não dá mais para ficar pensando em filosofias que criam dualismos insustentáveis. O papa está diante de um certo anseio que os filósofos norte-americanos também têm, que é superar o "gap" entre teoria e mundo, linguagem e realidade. Essa é a questão fundamental do pensamento contemporâneo. Mas os filósofos não conseguiram ir adiante".

Na entrevista a seguir, Manfredo de Araújo Oliveira revisita a história da metafísica no pensamento ocidental e sugere a sua retomada como ponto fundamental para compreender a realidade na sua totalidade.

Manfredo Araújo de Oliveira é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza, mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e doutor em Filosofia pela Universität Ludwig Maximilian de Munique, Alemanha. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Ceará. Recentemente, Manfredo Araújo de Oliveira lançou seu novo livro intitulado A ontologia em debate no pensamento contemporâneo (São Paulo: Paulus, 2014).

A entrevista foi publicada originalmente nas Notícias do Dia, de 20-10-2015, disponível em http://bit.ly/1l5Wcfn.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais foram as diferentes razões que levaram alguns filósofos, a exemplo de Kant¹, Nietzsche²,

1 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em http://bit.ly/ihuon93. Também sobre Kant foi publicado o Cadernos IHU em Formação número 2, intitulado Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em http://bit. ly/ihuemo2. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios, disponível em http://bit.ly/ ihuon417. (Nota da IHU On-Line)

2 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes Assim falou Zaratustra (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), O anticristo (Lisboa: Guimarães, 1916) e A genealogia da moral (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em http://bit.ly/Hl7xwP. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada O pensamento de Friedrich Nietzsche, e pode ser acessada em http://bit.ly/HdcqOB. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em http://bit.ly/162F4rH, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da Revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em http://bit.ly/nqUxGO. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista O amor fati como resposta à tirania do senHeidegger³, Wittgenstein⁴ e os membros do Círculo de Viena, a recusar a metafísica ou a propor outro tipo de metafísica? Eles de fato quiseram recusá-la ou quiseram fazer outro tipo de metafísica?

Manfredo Araújo de Oliveira -Kant queria uma outra metafísica, que era em primeiro lugar uma teoria das condições de possibilidade do conhecimento humano, que para mim significa uma metafísica extremamente restrita à dimensão epistemológica. Quer dizer, ela não trata propriamente daquilo que seria a tarefa da metafísica, que é

tido, com Danilo Bilate, disponível em http:// bit.lv/HzaJpJ. (Nota da IHU On-Line) 3 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é O ser e o tempo (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em Que é Metafísica? (1929), Cartas sobre o humanismo (1947), Introdução à metafísica (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada O século de Heidegger, disponível em http:// bit.ly/ihuon185, e 187, de 03-07-2006, intitulada Ser e tempo. A desconstrução da metafísica, em http://bit.ly/ihuon187. Confira, ainda. Cadernos IHU Em Formação nº 12, Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica, que pode ser acessado em http:// bit.ly/ihuem12. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon328, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença – pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line) 4 Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuido com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: Tractatus Logico-Philosophicus, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas idéias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russel e Gottllob Frege. Quando o Tractatus foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da IHU On-Line, de 14-09-2009, a entrevista O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein, com Luigi Perissinotto, disponível em http://bit.ly/ihuon308. Leia, também, a entrevista A religiosidade mística em Wittgenstein, concedida por Paulo Margutti, concedida à revista IHU On-Line 362, de 23-05-2011, disponível em http://bit.ly/

ihuon362. (Nota da IHU On-Line)

pensar o Ser em seu todo, mas trata de pensar as condições de possibilidade a partir do sujeito. Esse é o grande problema, porque se trata de uma restrição. Foi aí que se criou aquela dicotomia entre aquilo que eu não conheço de jeito nenhum, que no fundo é a realidade mesma, e aquilo que posso organizar a partir das categorias. Então, a metafísica em Kant era, em primeiro lugar, a metafísica da epistemologia, depois a metafísica dos costumes e, por fim, ele levantou a pergunta fundamental de como é possível pensar a unidade entre essas duas dimensões. Mas como ele eliminou essa possibilidade num primeiro momento, terminou fazendo uma metafísica que podemos chamar de "como se", que é a terceira Crítica [Crítica do Juízo], normalmente ignorada quando se fala de Kant.

A dimensão comum, abrangente e unitária, para ele, é apenas uma filosofia de "como se isso fosse possível", como Wittgenstein, aliás, faz semelhante no Tractatus [Tractatus Logico-Philosophicus], quando diz que há isomorfia entre linguagem e mundo. Wittgenstein diz que essa isomorfia existe porque a forma lógica diz respeito tanto à linguagem quanto ao mundo, e se a filosofia fosse possível, se pensaria a forma lógica. Mas para ele, a filosofia não é possível, porque meu conhecimento e minha linguagem estão completamente voltados para dizer o que são os fatos e, portanto, não temos condições de pensar a unidade.

Nietzsche e a luta de forças

Nietzsche, a meu ver, é semelhante a Heidegger. Aliás, as críticas que Heidegger faz à metafísica partem de Nietzsche. Nietzsche esbraveja contra a metafísica, considerava o platonismo e o cristianismo os grandes inimigos da vida, mas no fundo ele tem uma nova metafísica, que é a teoria da vontade de poder, que é uma estrutura que marca tudo; ou seja, o que é mundo? O mundo é uma luta de forças.

Desta forma se mostra que há diferentes propostas, porque Kant também pode ser dito como não destruidor da metafísica, pois sugere uma nova metafísica, mas que de metafísica tem muito pouco. Nietzsche, embora negue a metafísica, termina tendo uma ontologia específica. No meu livro "Ontologia em debate no pensamento contemporâneo" (Paulus, digo que ele repôs a metafísica através de uma metafísica da teoria da vontade de poder, que não é uma categoria epistemológica, mas ontológica, porque diz o que acontece no mundo: o mundo é uma luta de poderes e é a partir daí que ele constrói a sua visão de mundo.

Heidegger e a metafísica originária

Em relação a Heidegger há uma grande confusão, porque ficou mais ou menos estabelecido, pela opinião pública filosófica, que Heidegger escreveu toda a sua filosofia para destruir a metafísica. Claro que Heidegger, em parte, tem culpa, porque ele fala de uma maneira como se fosse isso, quando na realidade uma aproximação mais séria e profunda do pensamento dele mostra que ele é contra uma forma de metafísica que não atingiu aquilo que para ele seria propriamente a metafísica. Sua tese é de que toda a metafísica ocidental é uma ontoteologia, quer dizer, é uma teoria do ente, que busca o Ser do ente; o Ser, porém, ficou sempre no horizonte e nunca foi tematizado e ao invés disso se apelou para um fundamento do ente, o Ente Supremo. Heidegger queria uma metafísica mais originária do que aquela que a filosofia ocidental foi capaz de criar. Do ponto de vista intuitivo, é uma intuição genial, mas que não foi capaz de se constituir como uma teoria minimamente consistente. Tem certos momentos em que Heidegger diz:

"Estou em dificuldades de linguagem. Toda linguagem ocidental é baseada na metafísica da ontoteologia e, portanto, não dá". Mas ele nunca construiu ou pensou numa linguagem alternativa, numa teoria alternativa, porque havia, por parte de Heidegger, uma ligação tão profunda com uma certa maneira de entender a fenomenologia, que tem na intuição o elemento fundamental, que o impediu de articular uma teoria.

Heidegger escreveu o verbete sobre fenomenologia para uma nova edição da Enciclopédia Britânica, e Husserl [Edmund Husserl]⁵ ficou furioso com a apresentação que ele fez da fenomenologia. Porém, ele argumentou que todo o pensamento da fenomenologia de Husserl se concentrava na relação entre a "subjetividade constituinte", aquela que constitui toda e qualquer realidade como objeto do conhecimento humano, e o "objeto constituído" por ela. Ora, o Ser diz respeito tanto ao sujeito constituinte quanto ao objeto constituído, ou seja, está em jogo aqui aquela unidade que torna possível distinguir e relacionar sujeito e objeto.

Metafísica

Convencionou-se distinguir a metafísica enquanto ontologia, ou seja, enquanto é uma teoria dos entes, em dois grandes momentos: o primeiro é aquele que depois se chamou de ontologia geral (na linguagem de Wolff [Christian Wolff]⁶

e Baumgarten [Alexander Gottlieb Baumgarten]⁷, quer dizer, aquela ontologia que se pergunta sobre os constitutivos fundamentais do ente enquanto tal, qualquer que seja ele; em seguida, consideravam-se os três grandes campos de entes e chamaram isso de metafísicas especiais ou ontologias especiais ou regionais, que consiste em:

- 1) o tratamento das coisas da natureza, da cosmologia;
- 2) os tratamentos dos fenômenos psíquicos, da psicologia racional;
- 3) e o tratamento de Deus, a teologia.

Podemos dizer, independente do problema de Deus, que não pode ser tratado, na minha maneira de entender, como uma ontologia especial - mas isso não é tema para ser tratado aqui -, que a metafísica hoje tem dois momentos: a metafísica enquanto teoria dos entes, que se pergunta pelo que há de comum entre os entes, suas características fundamentais, ou seja, com quais categorias podemos pensá-los; e, em última instância, há uma "Teoria do Ser" propriamente dita, intuída por Heidegger, mas nunca pensada por ele, ou seja, Ser como aguela dimensão abrangente, aquela dimensão que é o comum a todas as realidades. De modo que esses autores que você citou têm diferentes entradas e perspectivas em que se fala de destruição e recomposição da metafísica.

de 1710, chama-se Anfangs-Gründe Aller Mathematischen Wissenschafften. (Nota da IHU On-Line)

7 Alexander Gottlieb Baumgarten: Filósofo alemão nascido em Berlim, criador do vocábulo Aesthetica (=estética). Ensinou nas Universidades de Halle e em Frankfurt e escreveu em latim sua obra mais notável Aesthetica (1750-1758), onde descreveu o conceito da nova palavra. Nomeado professor de filosofia da Universidade de Franfurt-sobre-o-Oder (1740), onde permanece 22 anos, até falecer relativamente jovem. Adepto de Christian Wolff (1679-1754), o ordenador didático do pensamento do barão Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716), em seu trabalho Meditações filosóficas sobre algumas questões da obra poética (1735) introduziu pela primeira vez o termo estética, no estrito significado dessa palavra hoje. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Edmund Husserl (Edmund Gustav Albrecht Husserl, 1859-1938): matemático e filósofo alemão, conhecido como o fundador da fenomenologia, nascido em uma família judaica numa pequena localidade da Morávia (região da atual República Tcheca). Husserl apresenta como ideia fundamental de seu anti-psicologismo a "intencionalidade da consciência", desenvolvendo conceitos como os da intuição eidética e epoché. Influenciou, entre outros, os alemães Edith Stein, Eugen Fink e Martin Heidegger e os franceses Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Henry e Jacques Derrida. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Christian Wolff (1679-1754): filósofo alemão que influenciou os pressupostos racionalistas de Immanuel Kant. Sua primeira obra,

IHU On-Line - As teorias de Wittgenstein tiveram um impacto mais negativo sobre a metafísica?

Manfredo Araújo de Oliveira -Sim, foi um impacto negativo num primeiro momento. Tanto é que ele abandonou a filosofia e foi para um mosteiro, mas o abade conseguiu mostrar a ele que o lugar dele não era na abadia, mas na filosofia (risos). Mas veja, há três momentos no pensamento de Wittgenstein e o terceiro é praticamente desconhecido. O primeiro momento é do Tractatus, no qual ele disse: "Sobre o que não se pode falar, deve-se calar". Mas isso não quer dizer que as coisas das quais a metafísica, a religião e a moral tratam não sejam as mais importantes, mas não podemos falar sobre elas porque a linguagem é condicionada a falar dos fatos. No segundo momento, Wittgenstein começou a fazer uma crítica muito grande à ideia de linguagem, à ideia de realidade que estava presente no Tractatus, e desembocou num pragmatismo radical. Mas, depois disso, há um terceiro momento em que ele começa a se aproximar muito mais da metafísica anterior a tudo isso. No livro Da certeza, ele toma posição sobre o ceticismo e faz afirmações sistemáticas. Eu figuei até espantado ao ler essa obra, considerando tudo que ele havia dito antes. Quando li esse livro pela primeira vez, achei que não estava entendendo, porque ele faz afirmações fortes que se contrapõem à outra fase. Recentemente descobri os intérpretes da última fase e vi que eu estava certo (risos).

IHU On-Line - Como se faz metafísica contemporaneamente? O que os filósofos entendem por isso?

Manfredo Araújo de Oliveira - A metafísica tinha sido banida da face da terra quando Kant epistemologizou a filosofia, dizendo que antes de se perguntar por qualquer coisa temos de nos perguntar sobre aquele que pergunta sobre qualquer coisa ou sobre as condições

de possibilidade do conhecimento de qualquer coisa e, com isso, a filosofia deixou de ser uma teoria do mundo e se fez uma teoria dos pressupostos do conhecimento do mundo.

Desde então a ontologia foi considerada alguma coisa banida da face do universo. Mas, por incrível que pareca, ali onde a metafísica tinha também sido banida de uma maneira violenta por uma concepção que ligou a Reviravolta Linguística e o empirismo filosófico, no seio do Positivismo Lógico, no ambiente da filosofia analítica se recuperou a metafísica. E os americanos, ao contrário dos europeus - que têm até medo de falar a palavra metafísica -, repuseram a metafísica com a major tranquilidade e passaram a dar um intensivo tratamento. Hoje há uma certa confusão na compreensão do que é a filosofia analítica. Moore [George Edward Moore 18 diz com muita clareza que, quando se fala de filosofia analítica, pode-se entender isso de duas formas: como uma filosofia da linguagem, ou seja, que faz da linguagem o seu objeto - e não é essa a perspectiva fundamental da filosofia analítica; ou uma "filosofia através da linguagem", para dizer que a análise da linguagem é o espaço, a instância em que uma teoria filosófica se articula e então, necessariamente, se passa pela análise da linguagem na consideração de qualquer problema filosófico.

Nesse sentido, é perfeitamente possível conciliar a Reviravolta Linguística com uma metafísica na medida em que se leva em consideração a compreensão de que a mediação linguística é fundamental porque a linguagem é um dos elementos fundamentais de uma teoria.

IHU On-Line - Então não há uma separação entre filosofia analítica

8 **George Edward Moore** (1873-1958): filósofo britânico. Juntamente com Bertrand Russell, foi co-fundador do movimento analítico em filosofia. (Nota da **IHU On-Line**) e filosofia continental, tal como alguns sugerem que exista, ao menos nesses termos que o senhor explica?

Manfredo Araújo de Oliveira -Não nesses termos. Como diz John McDowell9 nos EUA, nada escapa à dimensão do conceitual. Quando você fala de alguma coisa, já está falando e, portanto, já está utilizando conceitos e, nesse sentido, não há lacuna, não há um gap como diz Putnam [Hilary Putnam]10 - entre a linguagem e o mundo. Então, o problema é através da linguagem tematizar o mundo. Nesse sentido você volta a entender que a metafísica não é uma disciplina entre as outras, mas a pressuposta de todas e, portanto, se recupera, de alguma maneira, aquilo que dizia Aristóteles quando questionava: "Por que é necessário levantar a pergunta do ente enquanto ente?" Por que eu devo fazer isso? Porque, dizia ele, tudo aquilo que eu trato em filosofia é ente e, portanto, o que é o ente está pressuposto por todas as outras disciplinas. Nesse sentido, a metafísica trabalha as categorias com as quais nós consideramos toda e qualquer realidade e, nesse sentido, ela é pressuposta por todas as outras.

Tradição metafísica

A grande tradição da metafísica ocidental de fato foi uma teoria ontoteológica, isto é, dos entes, e não teve a intuição, como Tomás de Aquino teve, de que existe uma dimensão mais englobante que a questão do que é o ente enquanto ente. Tomando isso dentro da consciência teórica que temos hoje, as filosofias que saíram da Reviravolta

⁹ **John McDowell** (1942): é um filósofo contemporâneo. Foi membro do University College da Universidade de Oxford, e atualmente professor na Universidade de Pittsburgh. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ Hilary Whitehall Putnam (Chicago, Illinois, 31 de julho de 1926): é um filósofo estadunidense que vem sendo uma figura central da filosofia ocidental desde os anos 1960, especialmente em filosofia da mente, filosofia da linguagem e filosofia da ciência. (Nota da IHU On-Line)

Linguística não têm muita consciência dessa "dimensão primordial" que Heidegger chamava de Ser. Nas filosofias analíticas, as metafísicas reconstituídas nos séculos XX e XXI são teorias dos entes e normalmente nem são uma teoria do ente enquanto tal, mas elas tratam de uma série de problemas, como o problema dos mundos possíveis, o problema do realismo e do antirrealismo, o problema das modalidades, mas normalmente não são teorias que juntem esses problemas de forma sistemática, ao contrário, são trabalhadas algumas questões isoladamente.

Nesse sentido, eu diria que o grande método da filosofia analítica - depois que a filosofia tinha se tornado praticamente uma consideração histórica dos diversos filósofos do passado - foi voltar a uma dimensão sistemática, no sentido de guerer trabalhar novamente os problemas e não somente interpretacões dos filósofos de nossa tradicão. Porém a dificuldade é que os analíticos não têm ainda claramente uma ideia de que há uma integração das diversas questões. Por outro lado, saiu também da Reviravolta Linguística a filosofia fenomenológica hermenêutica, com Heidegger e Gadamer [Hans-Georg Gadamer]11, que têm o grande mérito de ter levantado a questão do Ser, mas não conseguem pensá-la por uma série de motivos, entre outros, o fato de ter considerado como momento secundário a dimensão teórica da filosofia. Eles apelam para grandes intuições, que são importantes, mas que não chegam a se constituir teoricamente. Heidegger, nos escritos publicados depois da sua morte, sempre voltou com muita insistência à mesma questão fundamental, de repetidos modos, mas sem ser capaz de articular minimamente, teoricamente, o que ele queria com essa história.

IHU On-Line - Alguns filósofos também falam em pós-metafísica. Como o senhor entende isso?

Manfredo Araúio de Oliveira - Habermas¹², hoje, é um dos filósofos que fala em pensamento pós-metafísico e diz que aí está o passo decisivo do pensamento hoje. Ele diz que o acontecimento teórico mais fundamental da filosofia do século XX foi a Reviravolta Linguística e adota a ideia de Quine [Willard van Orman Quine]13 de que ela colocou a filosofia num patamar teórico completamente diferente. Agora, isso significa, para Habermas, que a metafísica se tornou impensável e o problema fundamental é, portanto, articular o pós-metafísico, ou seja, devemos fundamentar tudo pós-metafisicamente. Agora, se você vai atrás para ver o que Habermas pensa sobre pós-metafísica, tem de se perguntar o que é metafísica para ele para poder entender o que chama de pós-metafísico.

Por incrível que pareça, Habermas manifesta uma ignorância enciclopédica em relação a toda a metafísica anterior a Kant. Para ele, metafísica é a tentativa kantiana de reformulação da filosofia, ou seja, da filosofia transcendental clássica que, como ele diz, situa a esfera transcendental no mundo inteligível. Ele diz isso com muita clareza no livro "Verdade e Justifi-

cação" (1999), onde diz que retoma os problemas teóricos.

Ele também escreveu "A teoria da Acão Comunicativa" (1981), em que tinha a preocupação de dar uma base teórica e epistemológica às Ciências Sociais, tanto que seus grandes interlocutores nesta obra são todos sociólogos, como Max Weber, Marx, os autores da sociologia dos sistemas. No livro de 1999, ele diz que o grande desafio hoje é uma mudanca fundamental de paradigma: passar de um paradigma mentalista (uma filosofia da consciência), que é a metafísica, ou seja, a filosofia transcendental clássica que situou as condições elimináveis do conhecimento humano na esfera do mundo inteligível, para uma filosofia transcendental pragmática, que vai descobrir essas condições de possibilidade do conhecimento humano que se geram nas práticas simbólicas dos mundos vividos em que as pessoas estão inseridas. Então é preciso, como ele diz, descer do mundo inteligível - e por isso metafísico - para a terra, onde se situam as pessoas. Portanto, para Habermas, a tarefa fundamental da filosofia hoje é se tornar um pensamento pós-metafísico, o que significa dizer, superar o modelo da filosofia transcendental clássica e descer às bases do mundo.

Tanto é assim que ele diz que a metafísica clássica foi idealista, porque ela não pensou na prática da construção dos nossos esquemas transcendentais e muito menos pensou que esses esquemas transcendentais vêm de um processo de evolução da natureza (teoria do naturalismo fraco).

Uso da palavra metafísica

Habermas diz que se põe numa tradição transcendental fraca, não vê mais a dicotomia entre o empírico e o transcendental, e diz que na verdade ontologia não é tarefa da filosofia. A filosofia continua tendo como tarefa explicitar os pressupostos do nosso conhecer e

¹¹ Hans-Georg Gadamer: filósofo alemão, autor de *Verdade e método* (Petrópolis: Vozes, 1997), faleceu no dia 13-03-2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da IHU On-Line número 9, de 18-03-2002, *Nosso adeus a Hans-Georg Gadamer*, disponível em http://migre.me/DtiK. (Nota da IHU On-Line)

¹² Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito, o qual encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve construir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos, estabelecendo-se o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da IHU On-Line)

¹³ Willard Van Orman Quine (1908-2000): um dos mais influentes filósofos e lógicos norte-americanos do século XX, considerado o maior filósofo analítico da segunda metade deste século. (Nota da IHU On-Line)

nosso agir no mundo. Essa é a pergunta transcendental. Mas chega um momento em que Habermas diz que tem de postular um mundo objetivo. E como é esse mundo? Um conjunto de objetos que têm propriedades e relações. Veja, isto é a ontologia clássica, bem direitinho (risos). Entretanto, ele não diz uma palavra sobre isso. O mesmo acontece com John McDowell, que diz que o grande desafio contemporâneo é o que foi articulado por Putnam, ou seja, superar o "gap" que se criou entre linguagem e mundo, teoria e realidade. Ele diz que nós já ultrapassamos isso e analisa essa questão do ponto de vista da conceitualidade (nada está fora do conceito). Mas ele não articula uma ontologia. Ou seja, diz que a dicotomia tem de ser superada, mas sempre pensa implicitamente de forma transcendental (a partir do conceito e não também a partir do ser).

Hoje acho que se tornou simplesmente caótico o uso da palavra metafísica, e quando recebo um trabalho que trata de metafísica, logo pergunto para a pessoa me dizer o que entende por metafísica. Os norte-americanos de ordem analítica, por exemplo, simplesmente identificam metafísica com ontologia. Michael Loux¹⁴, por exemplo, faz pura ontologia, mas ele chama isso de metafísica. David Lewis e companhia limitada fazem o mesmo.

Na Europa, quando se fala em metafísica, se escuta xingamento de todos os lados. Então, eu nem digo num primeiro momento que sou um metafísico, porque eu geraria na cabeça das pessoas as mais diferentes interpretações e as piores do que eu sou (risos).

IHU On-Line - Por metafísica podemos compreender uma dimensão da filosofia que tem como objetivo compreender os fundamentos últimos da realidade como um todo?

Manfredo Araújo de Oliveira -Num primeiro momento a formulação não é boa porque pode ser entendida no sentido da ontoteologia. Foi essa a pretensão dela desde que nasceu. Agora, é possível entender isso em diferentes níveis: pode ser num nível de afirmar que há entidades no mundo - então, o que é uma entidade é o nível da ontologia -, mas posso pensar a esfera abrangente que é comum a todas as entidades - isso seria propriamente a metafísica dois, ou seja, uma teoria do Ser estritamente falando.

Apareceu na Alemanha um livro do Markus Gabriel¹⁵, que é o bebê da filosofia hoje, e o neorrealismo dele é decorrente de uma ontologia que surgiu na França, com Badiou.16 Ele é importante porque essa nova ontologia parte da seguinte percepção inicial: a Reviravolta Linguística do século XX, quando se tornou pragmática, considerou a linguagem como produção humana, mas considerada como produção humana a linguagem é uma realidade diferenciada, cada povo tem a sua, quer dizer, cairíamos, através disso, num relativismo muito radical. O que importa agora? Esquecer isso, deixar essa história da Reviravolta Linguística para trás e fazer, simplesmente, ontologia. Agora, como? Caída do céu?

Para resolver isso, Badiou diz que temos de fazer duas grandes aproximações: uma da dimensão estática do mundo, e quem dá conta disso é a matemática (a teoria de conjuntos), ou seja, ontologia é matemática. Mas a realidade é mais do que isso, é também evento, ou seja, o novo, o não esperado e, por isso, temos de pensar essas duas dimensões. Markus Gabriel, Slavoj Žižek¹⁷ e outros agora fazem a filosofia da finitude radical (tese de Meillassoux), dizendo que só existe uma coisa necessária no mundo: a contingência (risos). Todos esses filósofos, como João Branquinho¹⁸ também em Portugal, fazem esse esforço importante de volta à ontologia. Branquinho acabou de escrever uma obra chamada Metafísica logicamente disciplinada. E o que é logicamente disciplinada? É aquela metafísica que vai pegar os principais problemas que Aristóteles levantou, mas vai trabalhá-los com o instrumental lógico que a Reviravolta Linguística pôs à disposição dos filósofos com a lógica pós-fregeana. Então, para eles, a única coisa que se pode aproveitar da Reviravolta Linguística é o instrumental lógico para dar rigor lógico às considerações metafísicas. Essa nova corrente de ontologia quer passar por cima da Reviravolta Linguística.

IHU On-Line - Considerando isso que o senhor disse até agora, de que estão entendendo metafísica por ontologia, e o atual avanço das ciências naturais, ainda há espaço para a filosofia em termos gerais, para a metafísica? Que as-

17 Slavoj Zizek (Slavoj Žižek, 1949): filósofo e teórico crítico esloveno. É professor da European Graduate School e pesquisador senior no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana. É também professor visitante em várias universidades estadunidenses, entre as quais estão a Universidade de Columbia, Princeton, a New School for Social Research, de Nova York, e a Universidade de Michigan. Publicou recentemente Menos que nada. Hegel e a sombra do materialismo dialético (São Paulo: Boitempo, 2013) (Nota da IHU On-Line)

18 João Branquinho: é mestre em Filosofia (Filosofia da Linguagem e Lógica) Pela Universidade de Lisboa (1985), D. Phil. (Doctor of Philosophy) Pela Universidade de Oxford (1992), entre suas produções, destaque para o Relatório Sobre metafísica logicamente disciplinada. É Professor Catedrático de Filosofia na Universidade de Lisboa, Onde Ensina Lógica e Metafísica. (Nota da IHU **On-Line**)

¹⁴ **Michael J. Loux** (1942): é um filósofo americano, e professor de Filosofia na Universidade de Notre Dame. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁵ Markus Gabriel (1980): é um filósofo alemão e autor na Universidade de Bonn. Além de seu trabalho mais especializado, ele também tem escrito livros populares sobre filosóficas questões. (Nota da IHU On-Line) 16 Alain Badiou (1937): filósofo, dramaturgo e romancista, leciona filosofia na Universidade de Paris-VII Vincennes e no Collège International de Philosophie. É autor, entre muitos outros, do livro Saint Paul. La fondation de l'universalisme (Paris: PUF, 1997), várias vezes reeditado na França e traduzido em diferentes línguas como o inglês e o italiano. (Nota da IHU On-Line)

pectos da realidade dizem respeito à ciência e o que deve dizer respeito à filosofia e como elas devem dialogar?

Manfredo Araújo de Oliveira - Quando se recuperou a metafísica, ela foi recuperada no nível da ontologia e não da ontologia geral, mas se pegam questões especiais, como a questão da mente, que virou a coqueluche do mundo contemporâneo, mas que no fundo tem uma teoria metafísica fortíssima.

Os saberes devem estar entrelaçados, mas não se pode perder os quadros teóricos a partir de onde os diversos saberes se constituem, porque a partir do respectivo quadro teórico é possível avaliar os saberes. Então, eu não posso ao mesmo tempo fazer uma ciência empírica e filosofia, achando que tudo é a mesma coisa. Esse é o grande problema da filosofia da mente, que já não distingue mais o que diz respeito à ciência, à neurociência, e quais são as questões de ordem ontológica que são postas, porque no fundo a filosofia da mente é uma grande ontologia, uma teoria muito específica do ente. Os dualismos ou monismo que se têm aí são todos ontológicos, embora não se tenha nunca uma clareza explícita da ontologia com que se está trabalhando, ou seja, ficam usando ontologia sem se dar conta dela (risos).

A tese fundamental da filosofia da mente em sua vertente fisicalista é: toda e qualquer realidade é física. Quando se diz isso, não se está mais trabalhando a mente, mas dizendo algo sobre toda e qualquer realidade e fazendo metafísica (no nível da ontologia geral). Como se justifica isso, é outra questão. Hoje implicitamente há uma teoria metafísica materialista, porque a maior parte dos filósofos, implicitamente, acha que o mundo inteiro é físico.

IHU On-Line - Implicitamente ou explícita e declaradamente?

Manfredo Araújo de Oliveira - Alguns explicitamente também, mas muitos implicitamente porque eles não trabalham essas questões. A metafísica hoje se desdobra em uma série de problemas e há uma lista de questões que são trabalhadas. É uma metafísica embrionária, mas já é importante porque, como ela foi considerada uma coisa proibida e sem sentido, temos de ver que existe hoje uma boa parte de filósofos que consideram essas questões pensáveis e com sentido.

Hoje é muito importante ter clareza de que toda teoria tem um marco, e o marco determina não só todo o tipo de problema que pode surgir, mas que respostas a teoria pode dar. Então hoje estamos sendo obrigados - infelizmente poucos pensam nisso -, a nos perguntar o que nos dão as ciências da natureza nas suas diversas propostas de compreensão, porque há propostas muito diferenciadas. Na física, por exemplo, existe a mecânica clássica, a mecânica guântica, a relativista, a teoria de todas as coisas. Isso ainda é uma ciência? Até que ponto ela é científica? Stephen Hawking19 está até fazendo afirmacões sobre Deus a partir da ciência. Mas isso é ciência? A ciência trabalha com esse marco teórico? São perguntas que devem ser feitas.

Se você distingue a filosofia da ciência, você diria que a filosofia teria como tarefa se preocupar com aquilo que são as estruturas universais presentes em todos os campos da realidade, ou seja, na esfera do físico, do biológico etc. Mas existe ainda uma outra dimensão do conhecimento, que é se perguntar quais são as estruturas específicas de determinados campos, ou seja, o que é o orgânico? Essa é uma briga que os biólogos têm de fazer. No meio dessas duas esferas tem uma dimensão intermediária que é filosófica, que consiste em pegar todas as informações do que são as dimensões particulares e pensá-las a partir das estruturas universais. Isso é a nova versão das metafísicas especiais do passado.

Três campos do saber

Então, temos três grandes campos de saber: as ciências de um modo geral, que têm como tarefa tematizar as estruturas específicas e particulares de todos os campos da realidade; tem a filosofia que em última instância é metafísica, pensando as estruturas universais; e tem, por fim, aquilo que fica no meio, que são as ontologias especiais, que são metafísicas, mas que pegam o trabalho das ciências e pensam isso a partir das estruturas universais. Nesse sentido, a ciência não só explica os fatos, como Wittgenstein diz, mas explica o que as coisas são nas suas particularidades, quais são os constitutivos específicos das coisas. Portanto, é uma tarefa muito maior para as ciências.

Se não se diferenciam as diferentes atividades, adota-se o discurso de que existe a neurociência e, portanto, não se precisa mais de filosofia. Trata-se de saber que existem diferentes tipos de saberes e que não podemos encontrar tudo em todos os lugares, porque os quadros teóricos são diferentes. Eu não vejo problema em os saberes dialogarem, mas eles não podem perder as suas especificidades. Um filósofo que ignora a ciência está perdido, embora esse seja um problema enorme, porque há uma multiplicidade de saberes na ciência. O que é física? Há inúmeras propostas. A mesma coisa ocorre com a filosofia, porque há quadros teóricos diferenciados. O filósofo não vai poder contar com a

¹⁹ Stephen William Hawking (Oxford, 1942): é um físico teórico e cosmólogo britânico e um dos mais consagrados cientistas da atualidade. Doutor em cosmologia, foi professor lucasiano de matemática na Universidade de Cambridge[3], onde hoje encontra-se como professor lucasiano emérito, um posto que foi ocupado por Isaac Newton, Paul Dirac e Charles Babbage. Atualmente, é diretor de pesquisa do Departamento de Matemática Aplicada e Física Teórica (DAMTP) e fundador do Centro de Cosmologia Teórica (CTC) da Universidade de Cambridge. (Nota da IHU On-Line)

ideia de que existe a filosofia, mas existem filosofias. Mas ele terá de fazer a comparação de por que escolheu uma determinada filosofia e aí o filósofo vai buscar as razões de por que trata a filosofia de determinado modo.

IHU On-Line - Que impasses percebe entre aqueles que defendem uma posição realista, que traz consigo uma concepção de que não criamos o mundo, mas o encontramos, que é possível ter uma descrição verdadeira, objetiva, correta e completa do mundo como ele é em si mesmo, e de outro lado, a posição antirrealista, que culmina em aceitar o construtivismo, o relativismo e o estruturalismo epistemológico? Por que as teses antirrealistas parecem ter bastante peso nas humanidades?

Manfredo Araújo de Oliveira - Óbvio que essa posição é mais aceita, porque ela corresponde a uma posição que se estabeleceu - defendi esse ponto de vista na minha tese de doutorado - ainda na Escolástica tardo-medieval com Ockham [Guilherme de Ockham]²⁰ e Suárez [Francisco Suárez]²¹. Não dá para entender a metafísica moderna sem entender Suárez, porque todos os modernos aprenderam metafísica com ele.

20 William de Ockham (1285-1350): filósofo lógico, teólogo escolástico inglês, frade franciscano e criador da teoria conhecida como Navalha de Ockham (em inglês, Ockham's Razor), que dizia que as "pluralidades não devem ser postas sem necessidade". Considerado um dos fundadores do nominalismo, teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas, e portanto produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. Por causa de suas ideias foi excomungado pela Igreja. O conceito, bastante revolucionário para a época, defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. Ockham foi discípulo do filósofo Duns Scotus e precursor do empirismo inglês, do cartesianismo, do criticismo kantiano e da ciência moderna. (Nota da IHU On-Line)

21 Francisco Suárez (1548-1617): padre jesuíta, teólogo, filósofo e jurista espanhol, conhecido também como Doctor Eximius. Na escolástica fundou uma escola que recebe seu nome, o suarismo, independente do tomismo. De suas obras, destacam-se Disputationes Metaphysicae. (Nota da IHU On-Line)

Uma revolução filosófica não acontece abruptamente, ela se gestou por um longo processo que começou na Idade Média tardia e se articulou de maneira plena em Kant.

Eu digo que a posição hegemônica em filosofia ainda é a transcendental nesse sentido, porque o antirrealismo é uma maneira diferente de dizer que todo conhecimento tem uma mediação e essa mediação é subjetiva ou intersubjetiva. O realismo diz que existe um mundo completamente independente de mim, da minha linguagem etc. Ambas as posições a meu ver são insustentáveis.

Uma posição que diz que há um mundo que é independente da teoria, da consciência, da linguagem é equivocada, porque se autodestrói: estou acabando de falar do mundo e falo dele a partir de conceitos, que são expressos na linguagem. O que não quer dizer que não exista o mundo em si mesmo na sua constituição. Nesse ponto, o antirrealismo tem razão sobre o realismo ao dizer que o conhecimento não mediado não é humano, porque sempre existe a esfera na qual se articula seu conhecimento. Kant achou que era a esfera da consciência. Depois da Virada Linguística, sabemos que é a esfera da linguagem. O problema é que o antirrealismo entende essas esferas de mediação como esferas do sujeito ou da intersubjetividade e com isso se prende, queira ou não, ao modelo anterior; é um esquema transcendental.

O papa é antropocêntrico?

Veja, acusam o papa de antropocêntrico, mas eu digo que o pessoal não entende o que é propriamente antropocentrismo ou se utilizam de outro conceito de antropocentrismo. Para muitos, já se considera antropocêntrico o que distingue o ser humano de outras entidades no mundo. O homem não é a mesma coisa que a ameba e não posso dizer que, porque todas as coisas têm algo em comum, não há uma diversidade fundamental de efetivação daquilo que é comum. Então o homem como um ser que pensa, reage, argumenta, usa conceitos, que decide, delibera, não pode ser igual a uma ameba. Então, o que é específico do antirrealismo enquanto herdeiro da filosofia transcendental é que esses esquemas produzidos pelo homem são determinantes do que seja o real, ou seja, o real é visto a partir do sentido que o ser humano dá a ele. Essa concepção do subjetivo no antirrealismo é que é o problemático. Putnam diz isso com toda clareza: nada existe fora da "nossa" linguagem, dos "nossos" esquemas, então a linguagem é apenas algo "nosso". Ela é, em primeiro lugar, algo nosso, mas a pergunta é se ela não é uma estrutura do mundo que é anterior a nós. Então, enquanto a linguagem é uma produção humana, japonês é produzido pelos japoneses, e português pelos portugueses, mas a linguagem é uma esfera de expressão e, enquanto tal, ela ultrapassa as diversas producões históricas.

Realismo

Então, eu defendo um realismo não ingênuo. O antirrealismo tem razão em dizer que a tese clássica do realismo é insustentável. É o que Hegel disse de Kant, ou seja, como Kant fala de uma coisa em si que é incognoscível? Se fosse incognoscível, não poderia falar (risos). Nesse sentido as afirmações do antirrealismo têm razão de ser, porque um conhecimento independente de linguagem, de consciência, é impensável: ele se destrói a si mesmo na medida em que se expressa. É o que Apel [Karl-Otto Apel]²² sempre

22 Karl-Otto Apel (Düsseldorf, 1922): é um filósofo alemão e professor emérito da Johann Wolfgang Goethe-Universität de Frankfurt am Main. Licenciado em Bonn e doutor em filosofia em Mogúncia, em 1960. Foi professor em Kiel (1962-1969), Saarbrücken (1969-1972) e na Johann Wolfgang Goethe-Universität (1972-1990). Tornou-se

chamou de "contradição performativa": eu me autodestruo no proferimento. O problema é como eu entendo essa mediação.

Então, num primeiro momento o antirrealismo vence o realismo, mas um antirrealismo que se entende numa perspectiva puramente subjetivista/intersubjetivista perde a verdade do realismo, de que existe o mundo, e o mundo fica à mercê do sujeito. E é acerca desse problema que o papa chama atenção quando fala do antropocentrismo. Esses dias eu fui ministrar uma palestra e uma pessoa disse: "O papa é antropocêntrico, porque diz que cultura é algo especificamente humano, mas e a cultura das galinhas?". Antropocêntrico significa dizer que o homem é o centro do universo, que ele é o princípio de determinação de tudo, ou seja, tudo se determina com referência ao homem, ao "eu penso". E esse é o problema que o antirrealismo não resolve e acaba caindo numa posição que faz do sujeito a determinação de tudo. Até porque o sujeito é contingente e finito e não pode ser a expressão e a fonte de sentido de tudo. Como posso eu ser a fonte de sentido do mundo? Que pretensão é essa? (risos)

É possível pensar diferente, sem ter de voltar a uma posição objetivista greco-medieval, que não pensava a mediação, embora a intuía. De modo que não podemos dizer que tudo que se fez na modernidade é sem valor, porque se levantou esse problema de que o realismo do estilo pré-Kant não se sustenta mais, embora Kant não tenha razão. Aí é que está a questão.

IHU On-Line - A relação entre sujeito e objeto tem de ser objetiva?

Manfredo Araújo de Oliveira - Sim, é objetiva, portanto não é que eu me prenda nas minhas relações subjetivas. O desafio está

um dos teóricos mais influentes da Escola de Frankfurt, após a morte de Adorno, no final da década de 1960. (Nota da IHU On-Line) aí. Puntel²³ tem, em Estrutura e Ser (Estrutura e ser: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2008), uma consideração muito interessante sobre realismo e antirrealismo. Ele diz que a posição realista clássica é insustentável. E do outro lado tem o problema do antirrealismo, que terminou num pragmatismo fraco, que resolve tudo na linguística.

Aliás, eu acabei de fazer uma recensão de um livro do norueguês A. Eikrem (Síntese, n. 133, p. 315-321) - ele publicou esse livro na Alemanha em inglês -, que se chama Ser na religião. Da pragmática à hermenêutica na direcão da metafísica, e é extremamente interessante, embora eu concorde que ele não atinou para o que é o Ser do qual falam Heidegger e Puntel. Hoje, na Noruega, o interesse por parte do pensamento de Puntel se dá entre os teólogos luteranos exatamente por causa da recuperação da dimensão metafísica. Esse livro do norueguês causou um rebuliço nos ambientes luteranos da Noruega, porque a teologia se concentrou na pragmática e na postura pós-moderna, mas como ele diz, se você não chega à dimensão metafísica, tudo fica no ar, porque dimensões pragmáticas, semânticas ou hermenêuticas são subdimensões de uma dimensão major que é o Ser. Portanto, ele quer mostrar os pressupostos pragmáticos, hermenêuticos e metafísicos da teologia enquanto teoria.

Escrevi um texto sobre o livro dele porque a filosofia da religião no Brasil, quando ela existe, se concentra quase só em considerações da filosofia analítica, ou pragmática, ou hermenêutica, mas nunca metafísica. Quando vi esse teólogo dizendo que sem media-

Padre José Nogueira Machado: filósofo brasileiro, que com Karl-Heinz colaborou na tradução da Fenomenologia do espírito, realizada pelo Prof. Dr. Paulo Gaspar de Meneses, SJ. (Nota da IHU On-Line) ção metafísica não se faz teologia, pensei que isto constitui um bom questionamento para a teologia brasileira também.

IHU On-Line - Como vê o uso que Žižek faz da Teologia para elaborar suas teorias?

Manfredo Araújo de Oliveira -Eu não li tudo que ele escreveu, porque ele é um escritor que não se cansa. Mas acho que ele faz uma barafunda enorme. Não quer dizer que ele não tenha intuições importantes, mas não consegui entender seu conceito de emancipação e nem o que ele propõe hoje como ação política etc. Até agora estou em pequenas aproximações porque não consegui descobrir o fio condutor da teoria dele: de um lado está Hegel, de outro está a psicanálise. Então, uma hora eu acho que ele psicanalisa Hegel, outra eu acho que ele hegelianisa a psicanálise e não sei como ele junta tudo isso.

IHU On-Line - O que o senhor entende por crise da modernidade? Ela está associada a essas mudanças que foram acontecendo na filosofia?

Manfredo Araújo de Oliveira -Sim, está. Quando se fala em crise da modernidade se fala em crise do paradigma transcendental de pensar, ou seja, a questão da centralidade do ser humano. Hoje essa palavra se alargou e é isso que está presente na Encíclica Laudato Si' do papa. Quando ele fala em crise da modernidade, se trata de uma determinada concepção de razão na modernidade que os frankfurtianos chamaram de "instrumental", que é aquela razão que se entende como a possibilitação de uma ação eficaz do homem no mundo para dominar a natureza. Então, a crise da modernidade significa a crise do encurtamento da razão do ponto de vista filosófico, porque se pegou uma dimensão da razão e se disse que a razão é isso e mais nada além disso, de modo que a razão se limitou à ciência e quando ela

²³ **Lorenz Bruno Puntel**: filósofo brasileiro radicado na Alemanha, professor em Munique. (Nota da IHU On-Line)

faz filosofia, ela faz filosofia nos modelos da filosofia transcendental nos seus diferentes matizes. Quando eu escrevi a "Filosofia na crise da modernidade" (Loyola, 3ª. ed. 2001), era exatamente nesse sentido dos frankfurtianos, como sendo a razão científica a única possível. Eu também fiquei impressionado com o que eles chamavam de materialismo complexo, que seria algo parecido com o que Edgar Morin²4 chama de o pensamento complexo.

Hoje, o que se fala de crise da modernidade é a crise da centralidade do sujeito e do que isso significou como uma redução da natureza a puro meio da ação humana e, portanto, a concepção de que a natureza está à disposição da ação humana e que o homem é o possuidor e o senhor da natureza. É essa concepção subjetivista do homem como ser poderoso. O homem participou de uma mentira, como diz o papa, ao dizer que todas as coisas da natureza estão ilimitadamente à disposição do ser humano, não se dando conta de que sem a regeneração das coisas da natureza, tudo se acaba.

Agora, há esse problema: não se pode superar uma unilateralidade com outra unilateralidade. E alguns querem superar isso dizendo o seguinte: o homem e todas as coisas são iguais.

IHU On-Line - Mas não são, certo?

Manfredo Araújo de Oliveira -Não são, e o papa chama atenção disso quando fala de biocentrismo, no sentido de dizer que o homem é um ser vivo como outros animais, o que implica ter de se preocupar com todos os seres vivos. Que tenha de se preocupar com todos os seres vivos, é inegável, mas agora, dizer que não haja especificidade, é um problema - eu chamo isso de metafísica abstrata, uma metafísica que não é capaz de pensar as diferenças. Esse é o desafio do pensamento contemporâneo: pensar a unidade fundamental, sim, em todas as coisas, mas há uma diferença num nível profundo que é ontológica.

Quando o papa diz que tudo tem a ver com tudo, tudo está relacionado com tudo, ele não está dizendo simplesmente que é possível haver uma cooperação entre as ciências, mas que há uma visão ontológica que diz que tudo está relacionado com tudo, uma conectividade universal de tudo com tudo. Isso porque tudo tem um mesmo esquema fundamental, pode ser considerado com uma categoria metafísica única e fundamental que pensa todas as coisas e ao mesmo tempo a diversidade imensa de todas as coisas, porque essa realidade se realiza de maneiras diferentes. como estava dizendo antes, nas diversas esferas. O problema que Hegel punha, de pensar a identidade e a diferença, é o problema central da metafísica hoje. De modo que é muito ambígua essa expressão da crise da modernidade, porque você pode cair em outra unilateralidade absurda de dizer que todas as coisas são físicas, por exemplo negando a enorme diferença no real.

IHU On-Line - E há uma confusão em relação ao que se entende por razão, também?

Manfredo Araújo de Oliveira - Sim, infelizmente aqui há uma confusão. O que os franceses, a

Idade Média e Tomás de Aquino chamavam de razão é o que os alemães chamavam de entendimento, ou seja, o conhecimento científico. O que os gregos chamavam de razão (nous), Kant vai chamar de Vernunft, que é razão literalmente traduzido para o português, mas é o que os medievais chamavam de inteligência. Então, quando os franceses falam de razão, entendese conhecimento científico, mas os alemães, quando falam de razão, pensam na razão abrangente. Daí a confusão.

Quando se fala em razão, fala-se de uma determinada maneira de a espiritualidade humana se realizar, que é aquilo que hoje chamamos de ciência. Porque razão para os medievais e gregos era o conhecimento de derivação, diferente da intuição. Os gregos diziam que havia o nous que intui os princípios, e tem aquele conhecimento que se deduz a partir dos princípios intuídos. O conhecimento dedutivo hoje se realiza na ciência, que é axiomática-dedutiva. O problema todo está aqui, sempre se tem de apelar para um plano mais fundamental. A tarefa do filósofo é apontar para essa esfera. A razão tem a ver com o logos, tem a ver com teoria e teoria tem níveis, e o último nível é o englobante.

O problema é que aquilo que hoje chamamos de demonstração é o modelo que na filosofia da ciência se chama axiomático-dedutivo, ou seja, pressupõe axiomas e deles tiro conclusões. E para Aristóteles era isso também, mas ele tem outra forma de falar para legitimar coisas, que é legitimar a esfera dos princípios. Ele chamou isso de refutação, ou seja, trata-se de mostrar que o sujeito entra em contradição consigo mesmo. Basta ver que quando alguém diz "não há verdade", se está dizendo isso, pressupõe-se que pelo menos a frase que ele proferiu é verdadeira. Isso é a contradição performativa que Apel explica como sendo a contradição entre aquilo que estou dizendo e o ato de proferir

²⁴ Edgar Morin (1921): sociólogo francês, autor da célebre obra O Método. Os seis livros da série foram tema do Ciclo de Estudos sobre "O Método", promovido pelo IHU em parceria com a Livraria Cultura de Porto Alegre em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de ${\cal O}$ Método, é autor de, entre outros, A religação dos saberes. O desafio do século XXI (Bertrand do Brasil, 2001). Confira a edição especial sobre esse pensador, intitulada Edgar Morin e o pensamento complexo, de 10-09-2012, disponível em http://bit.ly/ihuon402. (Nota da IHU On-Line)

a sentença, porque no ato eu me entrego. Então, o fato de não poder demonstrar dedutivamente não esgota o problema da legitimação por outros caminhos.

IHU On-Line - E como avalia aquelas análises que querem fundamentar toda a realidade na História?

Manfredo Araújo de Oliveira - Isso pode ser tentado sem negar a dimensão metafísica, pois constitui um certo nível de acesso ao real. Há certas coisas que são imutáveis, que aparecem em todas as mudanças, quer dizer, há estruturas universais, apesar da história. As pessoas misturam graus de verdade com relativismo. Não é isso; podese conhecer tudo em graus diferenciados de verdade. Ou seja, o conhecimento do real é um processo aberto ao infinito.

IHU On-Line - Como está avaliando o pontificado do papa?

Manfredo Araújo de Oliveira - O papa é um barato, porque ele tem atitudes e parece que desceu para a Terra; é um ser humano capaz de viver a dimensão humana e é isso que encanta. Ele desmitificou o papado ao mostrar que é um ser humano como qualquer outro, tem apenas uma missão específica e a missão primeira é humanizar, e isso ele está fazendo. Ele está tocando em questões fundamentais, dialoga com todas as pessoas. É uma "revolução pragmática" no sentido de que ele apresenta uma figura humana do papa. Eu vivi o último ano de João XXIII em Roma e ele era incrível. Lembro que numa audiência ele estava lendo em vários idiomas e quando chegou a hora de ler em inglês, ele disse: "Agora estou frito" (risos). Lembro-me também da história de que ele treinou como deveria tratar com Jacqueline Kennedy enquanto esposa do presidente norte-americano, mas quando ele a viu, gritou simplesmente: "Jacqueline" (risos). Esses gestos de extrema ternura são importantes.

IHU On-Line - Qual é o ponto fundamental da Encíclica *Laudato Si'*?

Manfredo Araújo de Oliveira -Diria que é o quarto capítulo, que trata da ecologia integral, que supera aquela "visão analítica" de que as coisas estão separadas entre si. O papa traz uma visão metafísica sobre a globalidade. Há uma dimensão de contingência, que não se explica por ela mesma, ou seja, trata-se da pergunta de por que existe algo e não nada (Leibniz). Por outro lado, ele repôs, contra todos os dualismos vigentes no nosso mundo, uma visão global sintética, sistemática, de ver as conectividades universais de todas as coisas. Não dá mais para ficar pensando em filosofias que criam dualismos insustentáveis. O papa está diante de um certo anseio que os filósofos norte-americanos também têm, que é superar o gap entre teoria e mundo, linguagem e realidade. Essa é a guestão fundamental do pensamento contemporâneo. Mas os filósofos não conseguiram ir adiante.

IHU On-Line - Isso significa que tem de ter uma unidade entre ser e pensar? Como o senhor pensa essa identidade?

Manfredo Araújo de Oliveira - Exatamente. A questão é saber como se deve pensar isso. Identidade entre ser e pensar não significa identificação, mas que o pensar é a expressão do Ser e o Ser é expressável, articulável, é em si mesmo inteligível, compreensível. O papa põe-se na linha do que muitos filósofos aspiram hoje. Esse é o ponto que não está sendo visto. Ele deu uma contribuição enorme para pensar os dilemas da COP-21 em Paris, 25 mas ele está fazendo

25 COP 21: A COP é a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática. É a autoridade máxima para a tomada de decisões sobre os esforços para controlar a emissão dos gases

isso porque abriu a perspectiva que torna isso possível, e é disso que acho que o pessoal não está se dando conta.

Um cientista - que deve ser indiano - falou da ecologia integral como um pensamento "integrado" (não integral). Ele diz que os problemas da natureza são tão graves e complexos, que só um pensamento que seja capaz de integrar os diversos modelos científicos pode dar conta das questões. Aí, nós ainda estamos num nível epistemológico, ou seja, ele não está dizendo que a realidade em última instância é unitária porque tudo tem a ver com tudo, está integrado com tudo. Ele está dizendo apenas que é preciso juntar química, física, matemática, humanidades, tecnicidades. Mas o papa vai muito além disso, apresenta uma visão holística da realidade, que vê a realidade de fato como um todo. Eu quase caí para trás quando li a Encíclica e nem estava esperando isso. O que está embutido na perspectiva ontológica, metafísica, é algo grandioso, porque a filosofia hoje apenas vislumbra superar os dualismos, o dualismo cartesiano, mas não é só isso, temos de superar o dualismo ontológico, porque a realidade foi dividida toda em pedaços e ninguém vê mais relação de uma coisa com outra.

IHU On-Line - E para recuperar essa visão totalizante, a filosofia tem de ser sistemática?

Manfredo Araújo de Oliveira - Sim, mas temos de entender sistema de um modo diferente daquele que Spinoza e Hegel fizeram, ou seja, não é pôr um axioma no topo do qual se deriva tudo ou expor a integração de tudo através de con-

do efeito estufa. Em 2015, a COP tem sua 21ª edição (daí COP 21), a ser realizada em Paris, França, em dezembro. O objetivo é revisar o comprometimento dos países, analisar os inventários de emissões e discutir novas descobertas científicas sobre o tema. Foi criada na ECO-92 e teve sua primeira edição em 1995, em Berlim na Alemanha. Desde então, reuniões da COP ocorrem anualmente. (Nota da IHU On-Line)

tradicões. Sistema quer dizer a conectividade, ou seja, pensar o que ética tem a ver com metafísica, o que tem a ver antropologia com ética e filosofia da natureza. Uma vez eu disse para um colega analítico que ele fazia filosofia como se fizesse matemática, ou seja, com problemas segmentados, sem pensar a relação entre eles. Ele, então, respondeu que fazia uma grande coisa porque já tinha saído de uma visão completamente historicista da filosofia. Eu concordo, mas é preciso ir além. As pessoas, às vezes, não entendem e dizem que eu sou um comentador de filósofos, mas não entendem que o que está por trás de comentar um autor é entender de que modo ele pode contribuir para resolver um problema de ordem sistemática.

O filósofo sistemático não é aquele que está interessado somente em ver historicamente o que os outros disseram, mas aquele que pensa conectividades fundamentais em todas as coisas e em última instância descobre uma esfera que liga todas as esferas, a conexão das conexões. É isso que é um filósofo sistemático estritamente, e é isso que eu procuro fazer. Sei que eu sou um extraterrestre, mas isso pouco me importa (risos).

IHU On-Line - Quais são as dificuldades de se fazer no Brasil uma discussão filosófica pública, como nos EUA, em que os filósofos fazem referência uns aos trabalhos dos outros? Começou-se a fazer isso no Brasil, minimamente?

Manfredo Araújo de Oliveira -Ainda não começamos isso no Brasil e a primeira grande dificuldade da existência de um debate público. Temos ainda uma cabeca subdesenvolvida; os filósofos brasileiros não se leem a si mesmos. Veia. nos EUA praticamente não existia filosofia, a não ser algumas teorias pragmáticas. Na Europa se dizia que nos EUA não existia filosofia, e hoje os EUA é o lugar no mundo talvez mais importante para a filosofia, tanto que a língua inglesa se tornou obrigatória para quem faz filosofia hoje.

Em Belo Horizonte, num congresso sobre Apel, eu estava caminhando com um dos discípulos dele, que me disse: "Veja que interessante os americanos, eles nos conhecem, mas não nos citam; só citam os antigos, Kant, Hegel, mas eles se conhecem a si mesmos e citam uns aos outros". No Brasil as pessoas têm medo de citar um colega, porque acham que o seu artigo vai baixar de nível. Então, é impressionante como os filósofos brasileiros não se conhecem e, portanto, não há debate público. Nós escrevemos para quem? Não sei. Sinceramente acho que sou um dos pouquissimos que lê os filósofos brasileiros e não tenho vergonha de citar e discutir com brasileiros. Recebo uma recensão do meu livro na Espanha e não no Brasil, e acho isso muito estranho. É impressionante como não há debate público no Brasil; é como se tudo que viesse de fora fosse melhor do que o que se tem aqui.

João Carlos Salles, que é reitor da Universidade Federal da Bahia, fez um esforço gigantesco, quando à frente da ANPOF, para estimular a criação de uma literatura filosófica em língua nacional, mas o movimento que existe é contrário a isso, porque muitos filósofos brasileiros acham que têm de falar e publicar em inglês no país.

IHU On-Line - Organizar uma literatura brasileira não significa fazer uma filosofia brasileira?

Manfredo Araújo de Oliveira -Claro, temos de fazer filosofia no Brasil, nos EUA, e criar um diálogo, mas não defendo algo como alguns defendem, que estudar filosofia brasileira significa apenas ler filósofos brasileiros ou filósofos latino-americanos, porque isso é um absurdo, uma vez que a filosofia é algo universal. Do mesmo modo, não posso fazer matemática falando de um tipo de matemática que se faz só no Brasil. Agora, ler o que os brasileiros escrevem é fundamental para começar a criar um debate filosófico público no país. ■

LEIA MAIS...

- Filosofia, teologia e autonomia a partir de Rahner. Entrevista com Manfredo Araújo de Oliveira, publicada na revista IHU On-Line nº 446, de 16-06-2014, disponível em http://bit. lv/1LYF1Di
- Contingência e liberdade. A aporia fundamental do sistema hegeliano. Entrevista com Manfredo Araújo de Oliveira, publicada na revista IHU On-Line nº 261, de 09-06-2008, disponível em http://bit.ly/1LYF1TO
- O Projeto de Ética Mundial de Hans Küng. Entrevista com Manfredo Araújo de Oliveira, publicada nas Notícias do Dia, de 19-08-2008, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos IHU, disponível em http://bit.ly/107fkpP
- O ECOmenismo de Laudato Si'. Revista IHU On-Line nº 469, disponível em http://bit. ly/1PQo04f

ESTANTE

Por uma teologia da libertação animal

Luiz Carlos Susin e Gilmar Zampieri apresentam livro que retoma a história ocidental da ética animal e propõem novas perspectivas para analisar a questão

Por Ricardo Machado

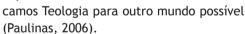
uem são os outros? Esta pergunta tem milênios. Já foi respondida de milhares de formas diferente e mesmo assim ainda não foi totalmente respondida. Luiz Carlos Susin e Gilmar Zampieri dão novos contornos à questão ao responderem. "Os animais são os 'outros'. E os outros sempre inspiram as melhores reflexões éticas porque a ética é a inclusão do outro", provocam, ao concederem entrevista por e-mail à IHU On-Line, sobre o livro A vida dos outros. Ética e teologia da libertação animal (São Paulo: Paulinas, 2015).

"Na segunda parte o livro pergunta se a forma como tratamos os animais não humanos, é a forma correta, boa, moral e eticamente justificada e, se não for a melhor forma, o que deveríamos fazer para cessar de causar terror, sofrimento e morte a um ser que compartilha com os humanos pelo menos duas condições básicas que lhe confere igual consideração de interesse e direitos, a saber: eles sofrem e vivem uma vida e são sujeitos de uma vida que vale por si e não são meio para uma outra vida ou interesse", exemplificam.

Em tempos de ofensivas cada vez mais amplas e variadas sobre o direito dos animais, que há muito deixaram de ser sacrificados apenas para a alimentação humana, mas são uma das "commodities" preferidas da indústria de cosméticos e da moda, o livro recoloca o debate em torno do tema. "Portanto, ética e filosoficamente, é preciso fazer valer a nossa condição de seres livres, isto é, capazes de dizer não. E no caso, capazes de dizer não à indús-

tria do sofrimento e da morte", ponderam.

Luiz Carlos Susin é frei capuchinho, mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Leciona na PUCRS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana - Estef, em Porto Alegre. É também secretário-geral do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Dentre suas obras, desta-



Gilmar Zampieri, frade capuchinho, graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas e em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF), com mestrado nas duas áreas na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. É professor de Ética e Direitos Humanos no Centro Universitário Lasalle de Canoas e de Teologia Fundamental na ESTEF.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em sentido amplo, do que trata o livro A vida dos outros. Ética e teologia da libertação animal? De que forma ele atualiza o debate ético a cerca do tema?

Luiz Carlos Susin e Gilmar Zampieri - O livro trata, primeiramente, da relação dos homens com os animais. Relação que sempre foi cruel, mas com o incremento da indústria da carne, ovos, leite e seus derivados, com a indústria do couro, pele, com indústria dos cosméticos e produtos químicos testados em animais, aumentou assustadoramente, a ponto de o

prêmio Nobel de literatura, J.M. Coetzee, 1 em seu livro A vida dos

1 **John Maxwell Coetzee**: escritor sul-africano Nobel de Literatura em 2003, sendo o quarto escritor africano a receber esta honraria e o segundo no seu país (depois de Nadine Gordimer, em 1991). A sua carreira literária no campo da ficção começou em 1969, mas o seu primeiro livro, Dusklands, só foi publica-

animais (São Paulo: Companhia das Letras, 2002), sugerir uma instigante analogia entre o holocausto humano perpetrado aos judeus na segunda guerra mundial, e o holocausto animal imposto, diariamente, pelo homem aos indefesos e inocentes animais. A conclusão é que o termo "campos de concentração" é o que melhor define a nossa relação com os "outros" animais. A primeira parte do livro se debruca sobre esses "campos de concentração" (estimação, pesquisa, instrumentos, entretenimento, alimentação) mostrando como os animais, no atual estágio da indústria, são coisificados, sem consideração para com seus interesses e direitos.

Segunda parte

Na segunda parte o livro pergunta se a forma como tratamos os animais não humanos, é a forma correta, boa, moral e eticamente justificada e, se não for a melhor forma, o que deveríamos fazer para cessar de causar terror, sofrimento e morte a um ser que compartilha com os humanos pelo menos duas condições básicas que lhe confere igual consideração de interesse e direitos, a saber: eles sofrem e vivem uma vida e são sujeitos de uma vida que vale por si e não são meio para uma outra vida ou interesse. Nesse particular o livro resgata a história da ética, nos seus momentos e autores mais representativos, e faz ver como a temática dos animais tem sido posta e debatida. Tradicionalmente os filósofos justificaram o trato dos animais como coisa e propriedade do humano, sem valor inerente e, portanto, fora da comunidade moral, colocado no reino das coisas e não no reino dos fins em si mesmo. Essa postura hierarquizante e antropocêntrica culmina em Kant² na conhecida fórmula: "O

do na África do Sul em 1974. Coetzee recebeu vários prémios antes do Nobel e foi o primeiro a receber o Booker Prize por duas vezes. (Nota da IHU On-Line) homem tem dignidade, tudo o mais têm preço". Se o animal tem preço, então pode ser tratado como coisa e substituído por qualquer coisa e nisso não implica um erro do ponto de vista moral.

Novas visões

Hoje, porém, essa concepção já não faz sentido. Depois de Jeremy Bentham,³ Darwin,⁴ Peter Singer⁵

menon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em http://bit.ly/ihuon93. Também sobre Kant foi publicado o Cadernos IHU em Formação número 2, intitulado Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em http://bit. ly/ihuemo2. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios, disponível em http://bit.ly/ ihuon417. (Nota da IHU On-Line)

3 Jeremy Bentham (1748-1832). Filósofo, jurista e reformador social britânico. É reconhecido como o fundador do utilitarismo moderno, que prega o desenvolvimento de ações com a máxima eficiência para o bem-estar social e a felicidade. Foi também o primeiro a utilizar o termo deontologia, para se referir ao conjunto de princípios éticos a serem aplicados às atividades profissionais. (Nota da IHU On-Line)

4 Charles Darwin (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, propositor da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro A Origem das Espécies. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005. a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra obra Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida, de Charles Darwin, no evento Abrindo o Livro, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Sobre o assunto, confira as edições 300 da IHU On-Line, de 13-07-2009, Evolução e fé. Ecos de Darwin, disponível em http://bit.ly/UsZlrR, e 306, de 31-08-2009, intitulada Ecos de Darwin, disponível em http://bit.ly/1tABfrH. De 9 a 12-09-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da IHII On-Line)

5 **Peter Singer** (1946): filósofo australiano. Concedeu entrevista na edição 191 da **IHU On-Line**, de 14-08-2006, intitulada *Por uma ética do alimento. Sobriedade e Com-* e Tom Regan, sustentar essa posição é, no mínimo, desinformação ou uma postura alheia e insensível com o que há de mais elevado moralmente. E o que há de mais elevado moralmente é justamente a proteção, compaixão, justiça, libertação e cuidado para com o mais frágil e vulnerável, inclusive os animais não humanos. Nesse aspecto impõe-se uma real conversão animal, ao lado da conversão ecológica proposta pelo Papa Francisco⁷ na Laudato Si'.

Debate ético

E, por fim, o livro apresenta uma novidade no debate atual em torno do bem-estar e direitos dos animais. A tradição religiosa e teológica ocidental de cunho judaico-cristã, reiteradamente, tem sido criticada e acusada de antropocêntrica pelos defensores dos direitos dos animais. Uma leitura fundamentalista da Bíblia iustificou e fundamentou uma postura antropocêntrica e desastrosa para o meio ambiente e, sobretudo, para os animais. Mas, não é fazer justica com a Bíblia e com Deus, continuar repetindo mantras do tipo: Deus não se preocupa com o boi; está escrito na Bíblia que devemos nos multiplicar, dominar e submeter tudo, inclusive os animais, a nosso favor etc. Para reverter o que está inscrito no inconsciente do senso comum religioso, e até de uma postura teológica conservadora e fundamentalista, será necessário

paixão, em http://bit.ly/ihuon191. Singer é autor, entre outros, de *The way we eat. Why our food choices matter?* (New York: Rodale, 2006). (Nota da **IHU On-Line**)

6 Tom Regan (1938): é um filósofo norte--americano que se especializado na teoria dos direitos animais. É professor emérito de Filosofia da Universidade da Carolina do Norte, onde ele lecionou desde 1967 até a sua aposentadoria em 2001. Ativista dos direitos animais, publicou, entre outros The Case for Animal Rights e Animal Rights and Human Obligations (organizado juntamente com Peter Singer). Jaulas Vazias (Porto Alegre: Editora Lugano, 2006) é seu primeiro livro publicado no Brasil. (Nota da IHU On-Line) **7 Papa Francisco** (1936): Argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. (Nota da IHU On-Line)

² Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *nou-*

um longo esforço de hermenêutica que, modestamente, o livro propõe.

Nesse aspecto o livro abre um debate no campo teológico como, ao que se sabe, nunca tinha sido feito explicitamente, pelo menos no Brasil. Provocativamente, o subtítulo sugere o fazer teológico sob um novo enfoque, para além do ecoteológico que, a nosso ver, não dá conta de pensar a especificidade dos seres particulares sencientes e sujeitos de uma vida como são os animais.

IHU On-Line - Quem são os animais? Qual a questão de fundo que está por trás desta pergunta? De que forma ela se torna ética e filosoficamente um ponto crucial em nosso tempo?

Luiz Carlos Susin e Gilmar Zampieri - Os animais são os "outros". E os outros sempre inspiram as melhores reflexões éticas porque a ética é a inclusão do outro. No âmbito humano, costumamos dizer que os outros são os diferentes, os não-eu, os de fora do círculo do eu, os mais distantes, os além da margem, os pobres etc. Fala-se, até mesmo, do outro totalmente outro. E diz-se que um ser humano é tanto mais ético e religioso, quanto mais for capaz de respeitar e se sacrificar pelo outro. Ora, não seria o caso de pensar os animais como os outros, verdadeiramente outros? Por isso o título pode soar provocativo: A vida dos outros.

Os outros, que são os animais, são muitos. Não infinitos, mas, certamente, incontáveis. Não há recenseamento de todos os animais que vivem na terra, debaixo da terra, no ar e nas águas. São incontáveis! Mas há uma conta que os órgãos governamentais conhecem e os defensores dos direitos dos animais também conhecem. Estima--se que assassinamos anualmente em torno de 60 bilhões de animais, para o nosso prazer na alimentação. Isso significa algo em torno de 180 milhões diariamente. Sete milhões por hora. Os números impressionam. Os números também têm peso moral. Não é a mesma coisa a morte de um e a morte de bilhões. Esses animais são criados em condições precárias, para não

dizer cruéis. Esses animais vivem em campos de concentrações e sacrificados no altar do mercado que é insensível aos humanos e muito mais insensível à vida dos animais não humanos.

Os animais

Quando se pergunta quem são os animais, é preciso colocar a dimensão qualitativa e quantitativa. Bem sabemos da variedade que se esconde sob o nome genérico: animais. Animal é o mosquito, a mosca, a barata, o inseto mais imperceptível, o passarinho, o cachorro, o gato, o boi, o leão etc. Não podemos continuar com a postura especista seletiva que constituiu a moral tradicional. Amamos e cuidamos os cachorros e gatos, mas matamos e comemos sem sentimento de culpa, vergonha e indignação, o boi, a vaca, o carneiro, o coelho, o peixe etc. Como continuar sustentando essa postura?

Portanto, ética e filosoficamente, é preciso fazer valer a nossa condição de seres livres, isto é, capazes de dizer não. E no caso, capazes de dizer não à indústria do sofrimento e da morte que constitui a indústria da carne, ovos e leite, para dar um exemplo apenas.

IHU On-Line - Em termos teológicos e bíblicos, como se compreendeu historicamente a relação entre o ser humano e os animais (Gênesis 1:26-28)? Qual o impacto da Laudato Si' (LS 69) sobre a hermenêutica bíblica e como isso atualiza o debate?

Luiz Carlos Susin e Gilmar Zampieri - O texto bíblico está repleto de referências aos animais, da primeira à ultima pagina. Mas para ver o obvio é necessário prestar atenção de forma diferente. A Escritura foi objeto de uma leitura viciada por, praticamente, os dois mil anos que se seguiram ao texto. Ela traz uma história da relação dos humanos com os demais seres vivos, sobretudo com os mais próximos, os animais. Nessa história está tanto a tragédia da relação de abuso - comer, sacrificar, idolatrar etc - como os ensinamentos que provem dos próprios animais, o que é mais do que se imagina ao ler com atenção. O Papa Francisco, na Laudato si', insiste que é mais do que tempo de corrigir uma leitura antropocêntrica e arbitrária do célebre mandato de "dominar" sobre os animais que, na verdade, é governar no sentido ético, responsável. Além disso, o Papa leva mais adiante a compreensão de que os animais tem um valor em si mesmos, inerente às suas vidas, e não podem ser reduzidos a uso humano.

IHU On-Line - A partir de quando os animais passam a ser vistos como seres de direitos? De que forma isso coloca em questão o antropocentrismo exacerbado que surge a partir do Iluminismo?

Luiz Carlos Susin e Gilmar Zam**pieri** - Por muito tempo, e ainda continuamos com essa mentalidade, pensamos que os animais só teriam direitos indiretos. Direitos indiretos que nos colocam deveres indiretos. Tanto Tomás de Aguino⁸ quanto Kant, expressam essa concepção limpidamente. Eles dizem que não devemos maltratar ou matar animais não porque a eles devemos algum respeito por um valor inerente que nos obrigaria a não maltratar. Não. Segundo esses autores, e eles são a síntese do todo antropocentrismo, não devemos maltratar os animais, porque em maltratando-os nos tornamos piores e desumanos. Não devemos ser cruéis com os animais, porque, com isso nos tornaríamos insensíveis e propensos a cometer crueldade também com os humanos. O argumento é, pois, de deveres indiretos exatamente porque os animais não portam direitos. Isso mudou no século XX, através de vários autores, mas principalmente com Peter Singer, e mais definitivamente, com o filósofo americano Tom

⁸ São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas "Summae", sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

Regan. É inestimável a contribuição desses dois pensadores para a inclusão dos animais não humanos na roda do discurso e prática moral. A partir desses dois autores a ação de não maltratar e não matar muda de centro. Não é por nossa causa, é por eles mesmos.

IHU On-Line - Metodologicamente, como a Teologia de Libertação Animal aborda a questão de fundo em torno dos direitos dos animais?

Luiz Carlos Susin e Gilmar Zampieri - Se o título do livro pode parecer demasiado e provocativo, o subtítulo pode parecer pretensioso, inadequado e inoportuno. Mas é importante lembrar que o livro que levantou a poeira da nossa consciência moral foi exatamente o livro que se intitula *Libertação Animal* (Porto Alegre: Lugano, 2004), de Peter Singer.

Sabemos que a teologia da libertação opera com o método ver, julgar e agir, agora também incorporado até pelo Papa, como é o caso da Laudato Si'. O ponto de partida para uma teologia da libertação sempre será uma situação de opressão, escravidão, sofrimento, cruz. Lá onde não há cruz, não há porque insistir e proclamar a ressurreição e libertação. Onde há paz, bem-estar, vida plena, liberdade etc, aí acontece o reino e a glória. A libertação arranca da dor. A libertação inicia lá onde o sofrimento e morte se insinuam. É teologia porque o horizonte de juízo, avaliação e de olhar é da fé no sentido religioso, em nosso caso, com fonte bíblica.

A guestão é que nunca se colocou explicitamente um enfoque teológico em que o sujeito seja a vaca, o boi, o cachorro etc. Até há uma ecoteologia da libertação com relativo relevo e produção teológica. A Laudato Si' é um bom exemplo. Mas na ecoteologia, parece-nos, há um excesso de platonismo. Insiste--se, acertadamente, na necessidade de pensar o todo, as conexões. a integralidade. Acertada e corajosamente o Papa Francisco eleva em nível teológico e religioso a reflexão em torno da ecologia integral, pensando a necessidade do cuidado da casa comum de uma forma que une economia, política, ética, antropologia, religião, ciências e teologia.

O valor dessa reflexão e dessa metodologia é inestimável. Mas ainda não chega ao ponto de uma possível teologia da libertação animal. E sem uma teologia da libertação animal, a reflexão fica a meio caminho. E por quê? Porque os animais não compõem o meio ambiente, não são apenas parte de um todo, não são valiosos somente como espécie para a harmonia do todo. Não. Os animais são nossos irmãos. São nossos iguais, mesmo sendo os "outros". São iguais no sofrimento e no desejo de viver livres, em estado de bem estar, com saúde e respeito. Eles não são um produto, uma mercadoria na cadeia alimentar. Eles não são algo, são alguém. Se aceitarmos isso, então há um longo caminho de teologia da libertação animal a ser percorrido. O nosso intuito foi exatamente, além de revisitar as fontes filosóficas na sua dimensão ética, testar as fontes bíblicas para ver se é possível contar com a fé para uma mudança de mentalidade e de ação em relação aos animais. E a conclusão é que a acusação de que a tradição judaico-cristã é antropocêntrica e especista, não se confirma, quando a leitura bíblica for colocada numa ajustada hermenêutica.

IHU On-Line - Como Francisco de Assis ajuda a pensar a questão animal nos dias atuais? Que harmonias possíveis há entre o ser humano e os animais? De que ordem é tal desafio ético?

Luiz Carlos Susin e Gilmar Zampieri - Para compreender Francisco é necessário distinguir dois tipos de escritos: os dele mesmo, que são poucos, e o que depois se escreveu sobre ele. Francisco prefere deixar os animais viverem suas próprias vidas e, por isso, proíbe seus seguidores de terem animais de criação. Ele se recusa a utilizar animais até para seu encantamento. Ao invés de dispor dos animais. sugere que se deve estar disposto a "obedecer" os animais, se Deus assim guiser. Isso parece bobagem, mas, na verdade, é uma inversão da hierarquia em que os humanos sempre se colocam no topo da hierarquia da vida. Para ele, o mandato bíblico de governar é traduzido em "servir" inclusive os animais. Os textos poéticos coincidem todos no fato de que Francisco amava uma relação de reciprocidade com os animais, cada um falando a sua própria língua: ele pregava o evangelho e o louvor a Deus, e os animais gorgeavam, abanavam o rabo... uma convivência que antecipa o sonho de Isaías, a boa convivência entre humanos e animais no gozo do Reino do Messias.

LEIA MAIS..

- A semântica do sacrifício na obra da salvação. Entrevista com Luiz Carlos Susin publicada na revista IHU On-Line, nº 403, de 24-09-2012, disponível em http://bit.ly/1l5PiH7;
- Franz Rosenzweig. Um pensador para ajudar o Ocidente a se curar de sua esquizofrenia.
 Entrevista com Luiz Carlos Susin publicada na revista IHU On-Line, nº 386, de 19-03-2012,
 disponível em http://bit.ly/1KVXEpz;
- A evolução como elemento central do espiritismo. Entrevista com Luiz Carlos Susin publicada na revista IHU On-Line, nº 349, de 01-11-2010, disponível em http://bit.ly/1k7mmOS;
- Uma Igreja tradicionalista nunca será criativa. Entrevista com Luiz Carlos Susin publicada na revista IHU On-Line, n° 320, de 21-12-2009, disponível em http://bit.ly/1Q3cv9x.





ihu.unisinos.br



unisinos.br/blogs/ihu



fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos



instagram.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



twitter.com/_ihu



Tema de Capa

Biografias

Duas vidas, uma vida

Por Ricardo Machado

ascido em 1942, na cidade de Santo Amaro da Purificação, no recôncavo baiano, Caetano Emanuel Vianna Telles Velloso, quinto de uma família baiana de sete filhos, chega aos 50 anos de carreira. Começou cantando em bares de Salvador com sua irmã. Quando estava em casa, volta e meia era interpelado por dona Canô, sua mãe, que o chamava dizendo: "Caetano, vem ver o preto que você gosta". O preto era Gilberto Gil.

No mesmo ano, nasceu em Salvador, mas cresceu no interior da Bahia, em Ituaçu, um pequeno moleque miúdo e negro que não resistia ao primeiro tilintar de clarinete, que ressoava na festa à padroeira. Deixava-se levar pela música, que era ao mesmo tempo a música da terra e a música do céu. Seu nome, Gilberto Gil.

Estes dois pequenos personagens mal podiam imaginar que suas vidas iriam se cruzar e seriam muitas e uma só. Em 2015 celebram-se os 50 anos de carreira de Caetano Veloso e Gilberto Gil, cuja obra ilustra a riqueza de um país em sua essência. Dois dos grandes nomes do Tropicalismo, Gil e Caetano retomam o antropofagismo como forma de devolver o Brasil ao Brasil.

Perseguidos e censurados pelo regime de exceção, exilaram-se em Londres. Voltaram ao país na reabertura política. Agora, já de cabelos brancos e olhares serenos, consta em seus currículos Grammys, milhares de discos vendidos e uma carreira digna das bodas de ouro.

A biografia de Caetano e Gil vem sendo contada há cinco décadas e recontála seria um exercício precário e vão. O que fazemos nas próximas páginas não é recontar a história de Gil e Caetano, mas apresentar olhares de "uma vida" que reverbera em nossa cultura.

Com vocês, Caetano e Gil!



Discografia Caetano Veloso

- 1967 Domingo
- 1967 Caetano Veloso
- 1968 Tropicália ou Panis et Circencis
- 1969 Caetano Veloso
- 1971 Caetano Veloso
- 1972 Transa
- 1973 Aracá Azul
- 1975 Joia
- 1975 Qualquer Coisa
- 1977 Bicho
- 1978 Muito Dentro da Estrela Azulada
- 1979 Cinema Transcendental
- 1981 Outras Palavras
- 1982 Brasil
- 1984 Velô
- 1986 Totalmente Demais
- 1986 Caetano Veloso
- 1989 Estrangeiro
- 1991 1991
- 1993 Tropicália 2
- 1994 Fina Estampa
- 2002 Eu Não Peço Desculpa (com Jorge Mautner)
- 2004 A Foreign Sound
- 2006 Cê
- 2009 Zii e Zie
- 2012 Abraçaço



Discografia Gilberto Gil

- 1963 Salvador 1962/1963
- 1967 Louvação
- 1968 Tropicália ou Panis et Circencis
- 1968 Gilberto Gil
- 1969 Gilberto Gil
- 1970 Copacabana Mon Amour (trilha sonora)
- 1971 Gilberto Gil
- 1972 Barra 69 Caetano e Gil Ao Vivo na Bahia
- 1972 Expresso 2222
- 1974 Cidade Do Salvador
- 1974 Ao Vivo
- 1975 Refazenda
- 1975 Gil & Jorge Ogum Xangô
- 1977 Refavela
- 1977 Refestança
- 1978 Ao Vivo em Montreux
- 1979 Nightingale
- 1979 Realce
- 1981 Brasil
- 1981 Luar (A Gente Precisa Ver o Luar)
- 1982 Um Banda Um
- 1983 Extra [WEA Latina]
- 1984 Quilombo (trilha sonora)
- 1984 Raca Humana
- 1985 Dia Dorim Noite Neon
- 1987 Em Concerto
- 1987 Um Trem para as Estrelas (trilha sonora)
- 1988 Ao Vivo em Tóquio (Live in Tokyo)
- 1989 O Eterno Deus Mu Dança
- 1991 Parabolicamará
- 1994 Acústico MTV
- 1995 Esotérico: Live in USA 1994
- 1995 Oriente: Live in Tokyo
- 1996 Em Concerto
- 1996 Luar
- 1997 Indigo Blue
- 1997 Quanta
- 1998 Ao Vivo em Tóquio (Live in Tokyo) [Braziloid]
- 1998 O Sol de Oslo
- 1998 O Viramundo (Ao Vivo)
- 1998 Quanta Gente Veio Ver
- 1998 Ensaio Geral (caixa com gravações de 1967 a 1977)
- 2000 Me, You, Them
- 2001 Milton e Gil
- 2001 São João Vivo
- 2002 Kaya N'Gan Daya
- 2002 Quanta Live
- 2002 Z: 300 Anos de Zumbi
- 2004 Eletrácustico
- 2005 Ao Vivo
- 2005 As Canções de Eu, Tu, Eles
- 2005 Soul of Brazil
- 2006 Gil Luminoso
- 2006 Rhythms of Bahia
- 2008 Banda Larga Cordel
- 2009 BandaDois Ao Vivo
- 2010 Fé na Festa
- 2010 Fé na Festa: Ao Vivo
- 2011 Gil + 10: Gilberto Gil Convida ao vivo
- 2012 Concerto de cordas e Máquinas de Ritmo
- 2014 Gilbertos Samba
- 2014 Live in London '71 (com Gal Costa)

twitter.com/ ihu

youtube.com/ihucomunica

A musicalidade disruptiva da Tropicália em 50 anos de trajetória artística

Para Celso Fernando Favaretto, no tropicalismo Caetano e Gil definiram suas carreiras e transformaram o cenário cultural brasileiro

Por Leslie Chaves

s 50 anos de carreira de Caetano e Gil são repletos de acontecimentos interessantes e significativos. Entre os mais marcantes, destaca-se o Tropicalismo, que representa uma revolução cultural no sentido mais amplo da expressão. Conforme Celso Fernando Favaretto aponta em entrevista por telefone à IHU On-Line, esse movimento "vem responder a uma necessidade experimental, a qual tinha duas facetas: um lado propriamente musical, isto é, levar adiante o que a Bossa Nova já havia trazido de modernização e, por outro lado, responder, de maneira radical e muito particular, aos desafios sociais e políticos que se acentuaram depois do golpe de 1964".

Para o pesquisador, as referências da Tropicália reverberam até hoje no campo artístico brasileiro construindo novos modos de criação e fruição artística, articulando variadas fontes de alimentação, de diversos locais e temporalidades, ao engajamento às questões do contexto social e político. Segundo Favaretto, até hoje Caetano e Gil "são muito fiéis a essa origem tropicalista, ou seja, experimental e definidora de outros modos de compor e cantar, que levam a outros modos de audição, a partir de uma vinculação simultânea com a tradição da música popular brasileira e as influências do presente, tanto nacionais como internacionais, na música, arte e cultura em geral. Soma-se ainda a presença e atuação política de ambos".

Celso Fernando Favaretto é graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP, onde também tem livredocência pela Faculdade de Educação e aposentou-se como professor. Entre suas publicações destacam-se *Tropicália: alegoria, alegria* (São Paulo: Kairós Editora, 1979) e *A invenção de Hélio Oiticica* (São Paulo: Edusp, 1992).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a importância do movimento Tropicalista nas carreiras de Gil e Caetano? De que forma foi se compondo o cenário para a emersão deste movimento?

Celso Fernando Favaretto - No Tropicalismo, Caetano e Gil se definiram como cancionistas, como músicos da música popular brasileira. Eles foram os principais criadores e integrantes desse movimento, juntamente com Torquato Neto¹,

1 Torquato Pereira de Araújo Neto (1944 - 1972): nascido em Teresina, foi um poeta brasileiro, jornalista, letrista de música popular, experimentador ligado à contracultura. Torquato atuava como um agente cultural e polemista defensor das manifestações artísticas de vanguarda, como a Tropicália, o cinema marginal e a poesia concreta, circulando no meio cultural efervescente da época, ao lado de amigos como os poetas Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos. o cineasta Ivan Cardoso e o artista plástico Hélio Oiticica. Nesta época, Torquato passou a ser visto como um dos participantes do Tropicalismo, tendo escrito o breviário Tropicalismo para principiantes, no qual defendeu a necessidade de criar um "pop" genuinamente brasileiro. No final da década Capinan² e Tom Zé³.

de 1960, com o AI-5 e o exílio dos amigos e parceiros Gil e Caetano, viajou pela Europa e Estados Unidos. De volta ao Brasil, no início dos anos 1970, Torquato começou a se isolar, sentindo-se alienado tanto pelo regime militar quanto pela "patrulha ideológica" de esquerda. Ele se suicida em 1972. (Nota da IHU On-Line)

2 José Carlos Capinam (1941): mais conhecido como Capinam ou Capinan é um poeta e músico brasileiro. Também é jornalista. Nascido em Esplanada, na Bahia, tem uma vasta obra literária e diversas composições musicais. Participou ativamente da Tropicália como um destacado letrista. (Nota da IHU On-Line)

3 Antônio José Santana Martins – Tom **Zé** (1936): é um compositor, cantor, arran-

66

A musicalidade encontrou um lugar disruptivo, uma mudança do ouvido musical brasileiro

O Tropicalismo surgiu da necessidade de uma revisão do que vinha sendo a música popular brasileira, que ao mesmo tempo respondia de maneira muito direta às pressões políticas e sociais daquele momento dos anos 1960, tanto as questões anteriores quanto posteriores ao golpe de 19644; e estava tentando responder ao impulso de modernidade que se desenvolvia nas artes e na cultura desde os anos 1950. Momento em que aparecia uma série de proposições de vanguarda nas artes plásticas, como o grupo Ruptura⁵, de São Paulo, e o grupo Frente⁶, do Rio de

jador e jardineiro brasileiro. É considerado uma das figuras mais originais da música popular brasileira, tendo participado ativamente do movimento musical conhecido como Tropicália nos anos 1960 e se tornado uma voz alternativa influente no cenário musical do Brasil. (Nota da IHU **On-Line**)

4 Golpe Militar: Movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos EUA, desencadearam a Operação Brother Sam, que garantiu a execução do Golpe, que destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar os militares assumem o poder. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar o IHU publicou o 4º número dos Cadernos IHU em Formação, intitulado Ditadura 1964. A memória do regime militar. Confira, também, as edições nº 96 da IHU On-Line, intitulada O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário, de 12 de abril de 2004, e nº 95, de 5 de abril de 2005, 1964-2004: hora de passar o Brasil a limpo. (Nota da IHU On-Line)

5 **Grupo Ruptura**: Grupo de artistas surgido na cidade de São Paulo, em 1952, reunindo os pioneiros do Concretismo no Brasil. Liderado por Waldemar Cordeiro, seu porta-voz e principal teórico, o grupo era, a princípio, formado também por Geraldo de Barros, Luís Sacilotto, Lothar Charroux, Kazmer Fejer, Anatol Wladslaw e Leopoldo Haar, recebendo a adesão posterior de Hermelino Fiaminghi, Judith Lauand e Maurício Nogueira Lima. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Grupo Frente:** foi um grupo artístico brasileiro, considerado um marco no movimento construtivo das artes plásticas. Criado

Janeiro; ou na poesia, como a Poesia Concreta⁷ de Augusto, Haroldo⁸ e Décio Pignatari⁹; também os processos que aos poucos vão gerar o Cinema Novo¹⁰, inicialmente com Nelson Pereira dos Santos¹¹; e

em 1954, o grupo era formado pelo artista carioca Ivan Serpa e vários de seus alunos e ex-alunos. O grupo aceitava pintores de todos os gêneros, inclusive figurativistas e, segundo Ivan Serpa, a única condição para participar do grupo era romper com as fórmulas da velha academia, dispondo-se a questionar a arte e caminhar pelos próprios pés. A extinção do Grupo Frente, em 1956, foi uma conseqüência natural do crescimento do prestígio de muitos de seus participantes, os quais passaram a encontrar condições de prosseguir cada um o seu próprio caminho. (Nota da IHU On-Line)

7 Poesia Concreta: é um tipo de poesia vanguardista, de caráter experimental, basicamente visual, que procura estruturar o texto poético escrito a partir do espaço do seu suporte, sendo ele a página de um livro ou não, buscando a superação do verso como unidade rítmico-formal. Surgiu na década de 1950 no Brasil e na Suíça, tendo sido primeiramente nomeada por Augusto de Campos na revista Noigandres de número 2, de 1955, publicada por um grupo de poetas homônimo à revista e que produziam uma poesia afins. (Nota da IHU On-Line)

8 Augusto e Haroldo de Campos: poetas concretistas brasileiros. (Nota do IHU On-Line)

9 **Décio Pignatari** (1927-2012): Nascido em Jundiaí, SP, foi um publicitário, poeta, ator, ensaísta, professor e tradutor brasileiro. Desde os anos 1950, realizava experiências com a linguagem poética, incorporando recursos visuais e a fragmentação das palavras. Tais aventuras verbais culminaram no Concretismo, movimento estético que fundou junto com Augusto e Haroldo de Campos, com quem editou as revistas Noigandres e Invenção e publicou a Teoria da Poesia Concreta (1965). Sua obra poética está reunida em Poesia Pois é Poesia (1977). (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Cinema Novo:** movimento cinematográfico brasileiro, influenciado pelo neo-realismo italiano e pela "Nouvelle Vague" francesa, com reputação internacional. Surge em circunstâncias idênticas ao do movimento homônimo português, também referido como Novo Cinema. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Nelson Pereira dos Santos** (1928): é um diretor de cinema brasileiro. Bacharel em direito pela Faculdade de Direito da Univer-

ainda os desenvolvimentos na música erudita contemporânea e na música popular, nesse último caso a emergência daquilo que seria a Bossa Nova¹², com o surgimento dos três primeiros discos de João Gilberto¹³ e a atividade enorme de Tom Jobim¹⁴ e de outros músicos que vão surgindo, chamados de "bossanovistas".

Os anos 1950 foram aqueles em que efetivamente começou a haver uma modernização da sociedade brasileira, inclusive em termos estruturais, políticos e econômicos, mas principalmente houve a introdução da modernidade cultural que se buscava desde os anos do

sidade de São Paulo, turma de 1952. Considerado um dos mais importantes cineastas do país, seu filme Vidas Secas, baseado na obra de Graciliano Ramos, é um dos filmes brasileiros mais premiados em todos os tempos, sendo reconhecido como obra-prima. Foi um dos precursores do movimento do Cinema Novo. É o fundador do curso de graduação em Cinema da Universidade Federal Fluminense. (Nota da IHU On-Line)

12 Bossa nova: derivado do samba e com forte influência do jazz, trata-se de um movimento da música popular brasileira do final dos ano 50 lançado por João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes e jovens cantores e/ou compositores de classe média da zona sul carioca. De início, o termo era apenas relativo a um novo modo de cantar e tocar samba naquela época, ou seja, a uma reformulação estética dentro do moderno samba carioca urbano. Com o passar dos anos, a Bossa Nova tornou-se um dos movimentos mais influentes da história da música popular brasileira, conhecido em todo o mundo, um grande exemplo disso é a música Garota de Ipanema composta em 1962 por Vinícius de Moraes e Antônio Carlos Jobim. Sobre o tema, confira a edição da IHU On-Line intitulada Chega de saudade... Bossa Nova, 50 anos, de 08-09-2008, disponível em http:// bit.lv/YzDFvb. (Nota da IHU On-Line)

13 João Gilberto Prado Pereira de Oliveira: conhecido como João Gilberto, violonista e cantor, é considerado um dos pais da bossa-nova brasileira, juntamente com Tom Jobim. Nasceu em Juazeiro (BA), em 1931, mudando-se para o Rio de Janeiro, em 1950. Perfecionista, apresenta-se com sucesso em todo o mundo (Nota do IHU On-Line)

14 Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim (1927-1994): mais conhecido como Tom Jobim, foi um compositor, maestro, pianista, cantor, arranjador e violonista brasileiro. É considerado o maior expoente de todos os tempos da música brasileira pela revista Rolling Stone, e um dos criadores do movimento da bossa nova. É praticamente uma unanimidade entre críticos e público em termos de qualidade e sofisticação musical. (Nota da IHU On-Line)

Modernismo de 2215 e que finalmente se efetivou. E essa efetivação se deu em novas condições, em uma sociedade em ritmo de desenvolvimento, pelo menos de maneira mais acentuada a partir do governo de Juscelino Kubitschek¹⁶, com as consequentes mudancas sociais, inclusive nos costumes, nas relações entre as pessoas, na educação, nos meios de comunicação, que começavam a se desenvolver, na produção de livros e na tradução de títulos estrangeiros; enfim, houve uma veloz transformação cultural dos anos 1950 até o final dos anos 1960.

Dentro deste contexto, o Tropicalismo vem responder a uma necessidade experimental, a qual tinha duas facetas: um lado propriamente musical, isto é, levar adiante o que a Bossa Nova já havia trazido de modernização, e por outro lado responder, de maneira radical e muito particular, aos desafios sociais e políticos que se acentuaram depois do golpe de 1964. O Tropicalismo deu uma resposta singular, muito especial a essas duas coisas.

Altamente experimental, incluindo não só os elementos da tradição

15 Semana de Arte Moderna: também chamada de Semana de 1922, ocorreu em São Paulo nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro daquele ano, no Teatro Municipal. Representou uma verdadeira renovação de linguagem, na busca de experimentação, na liberdade criadora da ruptura com o passado e até corporal, pois a arte passou então da vanguarda para o modernismo. Participaram da Semana nomes consagrados do modernismo brasileiro, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Víctor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti. Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tarsila do Amaral, Tácito de Almeida, Di Cavalcanti entre outros. (Nota da IHU On-Line)

16 Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Juscelino instituiu o plano de governo baseado no slogan "Cinquenta anos em cinco", direcionado para a rápida industrialização do País (especialmente via indústria automobilística). Além do progresso econômico, no entanto, houve também um grande aumento da dívida pública. Sobre JK, confira a edição 166, de 28-11-2005, A imaginação no poder. JK, 50 anos depois, disponível em http://bit.ly/ihuon166. (Nota da IHU On-Line)

da música popular brasileira, como também elementos da chamada música contemporânea e outros de procedências diversas, como do cinema, teatro e literatura, o Tropicalismo compôs uma suma muito interessante em que o contexto social e político encontrava aí uma nova forma de expressão, com a nova acentuação de uma política disruptiva. Simultaneamente, a musicalidade encontrou um lugar também disruptivo, isto é, uma mudanca do ouvido musical brasileiro. Isso porque a integração de procedimentos de vanguarda, das mais diversas procedências, fazia com que as músicas tropicalistas fossem um tanto quanto estranhas, tanto na letra como na musicalidade. Caetano e Gil, como eu disse antes, com Torquato Neto, Tom Zé e Capinan, juntando-se a eles o canto da Gal Costa¹⁷, algumas vezes o da Nara Leão18 etc., produ-

17 Maria da Graça Costa Penna Burgos – Gal Costa (1945): é uma cantora brasileira. Gal estreou ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Tom Zé e outros, o espetáculo Nós, Por Exemplo..., – que estreou em 22 de agosto de 1964-, que inaugurou o Teatro Vila Velha, em Salvador. Nesse mesmo ano participou de Nova Bossa Velha, Velha Bossa Nova, no mesmo local e com os mesmos parceiros. (Nota da IHU On-Line)

18 Nara Lofego Leão Diegues - Nara Leão (1989): foi uma cantora brasileira considerada a musa da Bossa Nova, movimento que nasceu em 1957, quando Nara fazia reuniões no apartamento de seus pais, em Copacabana, das quais participavam nomes que seriam consagrados no gênero, como Roberto Menescal, Carlos Lyra, Chico Feitosa e Ronaldo Bôscoli. Mas a consagração efetiva ocorre após o golpe militar de 1964, com a apresentação do espetáculo Opinião, ao lado de João do Vale e Zé Keti, um espetáculo de crítica social à dura repressão imposta pelo regime militar. Nara Leão vai mudando suas preferências musicais ao longo dos anos 1960. De musa da Bossa Nova, passa a ser cantora de protesto e simpatizante das atividades dos Centros Populares de Cultura da UNE. Em 1966, interpretou a canção A Banda, de Chico Buarque no Festival de Música Popular Brasileira (TV Record), que ganhou o festival e público brasileiro. Dentre as suas interpretações mais conhecidas, destacam-se O Barquinho, A Banda e Com Acúcar e com Afeto – feita a seu pedido por Chico Buarque, cantor e compositor a quem homenagearia nesse disco homônimo, lançado em 1980. Nara também aderiu ao movimento tropicalista, tendo participado do disco-manifesto do movimento -Tropicália ou Panis et Circensis, lançado pela Philips em 1968. (Nota da IHU On-Line)

ziram uma reconfiguração da música popular que não só definiu a carreira deles como compositores e cantores, cancionistas, como redefiniu os rumos da música popular brasileira.

A partir de então, muitos músicos, mais jovens ou não, passaram a ter uma liberdade imensa de composição. Coisa que não tinham antes, seja pela pressão das imposições da cultura de massa, seja pela pressão vinda da necessidade da música de expressar a realidade brasileira, seja pelo fato de os compositores ainda não conseguirem fundir as novas contribuições vindas de dentro e de fora do país.

Depois de 1968, que foi o momento tropicalista da cultura brasileira, a música e outras artes encontraram, exatamente devido às atividades tropicalistas, uma liberdade muito maior de atuação, de criatividade e desenvolvimentos variados em diferentes atos.

IHU On-Line - Como está situado o movimento Tropicalista na narrativa construída por Caetano e Gil ao longo dos seus 50 anos de carreira?

Celso Fernando Favaretto - Nos anos de 1967 e 1968, prioritariamente, eles desenvolveram um programa propriamente experimental de música popular brasileira. Eles já vinham ensaiando isso antes, em algumas músicas, mas nesse período eles definem uma nova postura diante daquilo que se entende por música popular e outros modos de fazer música popular.

Uma vez encerrado o Movimento Tropicalista - eu digo encerrado porque com o AI-5¹⁹ não só houve

¹⁹ AI-5 (Ato Institucional Número Cinco): decretado pelo general Arthur da Costa e Silva, que ocupava a cadeira de presidente, em 13 de dezembro de 1968, foi um instrumento de poder que deu ao regime militar poderes políticos absolutos. A primeira consequência do AI-5 foi o fechamento por quase um ano do Congresso Nacional. O ato representou o ápice da radicalização do regime de exceção e inaugurou o período em que as liberdades individuais foram mais restringidas

muita repressão da censura e do regime militar, como também Caetano e Gil saíram do país -, entre o final de 1968 e o período em que ficaram exilados em Londres eles foram redefinindo a maneira de trabalharem na música, porém em condições adversas. Eles estavam no exterior em contato com músicos e outros artistas das mais diferentes proveniências, e nesse contexto puderam repensar aquilo que tinham feito no Tropicalismo. Primeiro eles mantiveram sempre a importância da experimentação. Segundo, conservaram a importância do cruzamento da tradicão da música popular brasileira com aquilo que estava aparecendo, como no Brasil os desenvolvimentos que vinham da Jovem Guarda, e no exterior o rock, que participou da constituição de alguns agrupamentos no país; um dos exemplos mais importantes foram Os Mutantes20, que trabalharam diretamente com eles.

Desta inter-relação entre novas referências musicais, nacionais e internacionais, e a experimentação tropicalista que eles tinham desenvolvido durante dois anos, vão, cada um deles, encontrar caminhos singulares para continuar fazendo música brasileira, mas com os mais diversos sotaques, exatamente porque estavam influenciados pelo cruzamento de muitas referências. Isso eles vão desenvolver de lá até hoje, porque são muito fiéis a essa origem tropicalista, ou seja, experimental e definidora de outros modos de compor e cantar, que levam a outros modos de audi-

e desrespeitadas, constituindo-se em movimento final de "legalização" da arbitrariedade que pavimentou uma escalada de torturas e assassinatos contra opositores reais e imaginários ao regime. (Nota da **IHU On-Line**) 20 Os Mutantes: banda psicodélica brasileira formada em 1966, em São Paulo, por Rita Lee (vocais), Sérgio Dias (guitarra, vocais) e Arnaldo Baptista (baixo, teclado, vocais). Depois de quase trinta anos ausentes dos palcos, o grupo retorna em 2006 com sua formação clássica, exceção feita a Rita Lee, que não aceitou voltar ao grupo. A cantora Zélia Duncan foi convidada a assumir os vocais e desde então acompanha a banda. (Nota da IHU On-Line)

ção, a partir de uma vinculação simultânea com a tradição da música popular brasileira, de Noel Rosa²¹ em diante, e com as influências do presente, tanto nacionais como internacionais, na música, na arte e na cultura em geral. Soma-se ainda a presença e atuação política de ambos.

66

No Tropicalismo Caetano e Gil se definiram como cancionistas

IHU On-Line - De que modo a identidade do Movimento Tropicalista se relaciona com as identidades de Caetano e Gil individualmente? Como interpretar a atuação desses artistas individualmente e coletivamente?

Celso Fernando Favaretto - Na verdade, não houve formalmente um grupo. Em 1968 o que se chamou de "grupo baiano" se constituiu aos poucos em torno do Caetano e do Gil principalmente, junto com o Torquato, o Capinan e o Tom Zé. Naquela época, até se pode dizer que houve um grupo baiano pensando e trabalhando junto, que constituiu um programa de trabalho que atuou durante dois anos. Terminado esse período, eles se distanciaram. Caetano e Gil foram para Londres, Tom Zé, Torquato e Capinan ficaram por agui. Em seguida o Torquato morre, o Capinan volta para a Bahia e o Tom Zé fica meio obscurecido em São Paulo até reaparecer décadas depois.

21 Noel de Medeiros Rosa — Noel Rosa (1910-1937): sambista, cantor, compositor, bandolinista, violonista brasileiro e um dos maiores e mais importantes artistas da música no Brasil. Teve contribuição fundamental na legitimação do samba de morro e no "asfalto", ou seja, entre a classe média e o rádio, principal meio de comunicação em sua época — fato de grande importância, não só o samba, mas a história da música popular brasileira. (Nota da IHU On-Line)

Em Londres, Caetano e Gil, embora morando juntos e trabalhando perto, começaram a desenvolver carreiras e, principalmente, modos muito particulares de fazer música; ao voltarem para o Brasil, eles se particularizaram mais ainda. Cada um seguiu sugestões e interesses muito próprios. Ambos se tornaram astros, artistas da maior importância no Brasil até hoje. Eles dois, juntamente com Chico Buarque²², talvez sejam as presenças artísticas na música popular mais relevantes surgidas dos anos 1960 para cá.

Assim, não se pode dizer que houve um grupo formal, e necessariamente esses artistas nunca definiram uma posição em uníssono. Muitas vezes, inclusive, não em termos de música, mas em termos de cultura e de política, nem sempre eles tiveram a mesma posição, mas evidentemente sempre se respeitaram e mantêm uma relação muito viva e forte de amizade e participação cultural, haja vista os shows que eles fizeram recentemente, tanto no exterior como agui no Brasil, comemorando os 50 anos de carreira. Eles continuam irmãos, parceiros, mas cada um com sua singularidade.

IHU On-Line - Você poderia falar um pouco sobre o papel do músico popular na sociedade brasileira, principalmente à luz das discussões em torno do posicionamento

22 Chico Buarque de Hollanda (1944): músico, dramaturgo e escritor brasileiro. conhecido por ser um dos maiores nomes da MPB. Sua discografia conta com aproximadamente oitenta discos, entre eles discos-solo, em parceira com outros músicos e compactos. É compositor de Construção, considerada uma das melhores músicas brasileiras já feitas. Filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda, iniciou sua carreira como escritor em 1962. Ganhou destaque como cantor a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, Chico Buarque de Hollanda, e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música A Banda. Socialista declarado autoexilou-se na Itália em 1969, devido à crescente repressão da regime militar do Brasil nos chamados "anos de chumbo", tornando-se, ao retornar, em 1970, um dos artistas mais ativos na crítica política e na luta pela democratização no país. (Nota da IHU On-Line)

político de Caetano e Gil, que se identificavam com o compromisso artístico e estético, porém por um lado foram perseguidos pelo regime ditatorial e por outro muito cobrados por parte do público? Como esses conflitos incidiram na carreira de ambos?

Celso Fernando Favaretto Como fez parte do próprio Tropicalismo, a relação entre arte e política sempre foi o lugar em que eles estiveram e estão até hoje. Eles são acima de tudo artistas, sempre se definiram como músicos populares e o compromisso inicial deles era um avanco e um trabalho dentro da música popular, mas em nenhum momento eles deixaram de participar da vida política e social brasileira. Entretanto, nem sempre essa participação precisa ser feita sob a forma de militância; ela pode ser feita através do trabalho artístico em si, onde eles sempre se posicionaram. Em alguns momentos esse trabalho inclusive levou-os a ser mais explícitos. O Tropicalismo ao mesmo tempo era uma pesquisa de linguagens artísticas, particularmente na música popular, era experimental na música e no campo artístico em geral, mas também era experimental em pensar novas relações entre arte e cultura e arte e política. Tanto é assim que grande parte das músicas dos tropicalistas é experimental artisticamente e muito política, fazendo a crítica da sociedade brasileira daquele momento.

O importante é que eles sempre se posicionaram, nunca deixaram de fazer isso. Naquele tempo, exatamente porque o momento dos anos 1960 propiciava e exigia, as coisas eram mais explícitas. Dos anos 1970 até hoje nem sempre os posicionamentos políticos são tão explícitos nas músicas, nem sempre as canções são explicitamente críticas, mas o são no modo de fazer música internamente, através da formulação de novas linguagens, temas e assuntos.

Gil, distintamente de Caetano, foi além, em certo momento foi vereador em Salvador, depois foi ministro da Cultura. Afora ele ter uma significação social com a música, a partir das suas declarações e atuação, acabou exercendo cargos políticos. Já Caetano age diferente, pois sua atuação política está na música que ele faz, na sua produção intelectual escrita, nas referências que faz em entrevistas ou em shows etc. Mas ambos nunca deixaram de aliar experimentalismo artístico e participação social.

IHU On-Line - Em seu livro "Tropicália alegoria alegria" (Divinópolis: Kairós, 1979) consta uma afirmação de Luiz Tatit apontando que "o Tropicalismo deixou estilhaços em diversos lugares da cultura brasileira", os quais ainda estão vívidos. Nas obras de Caetano e Gil, onde é possível verificar essas fagulhas atualmente?

Celso Fernando Favaretto - É difícil citar pontualmente essa influência na obra deles, mas o fato mais importante é que o trabalho dos tropicalistas liberou os artistas para pesquisas que até então eles não ousavam fazer. Mais ainda, o Tropicalismo abriu um campo social de audição de música até então interditado. Por exemplo, naquele tempo se considerava que o rock e a Jovem Guarda produziam músicas alienadas, não nacionalistas etc. O Tropicalismo quebrou essas alegações muito falsas porque não condiziam com as condições culturais do Brasil e do mundo naquele momento de fluxo de informações culturais e artísticas de todas as partes e de crítica à concepção estanque de gêneros de música e de arte em geral. Isto é que perdurou!

Depois do Tropicalismo os músicos se sentiram autorizados a fazer o que tinham necessidade e vontade e que não tinham espaço para fazer. Por exemplo, a indústria fonográfica não aceitava música experimental, tanto era assim que, mesmo depois do Tropicalis-

mo, músicos como Jards Macalé²³ e Walter Franco²⁴ - só para citar dois, que continuaram a fazer uma experimentação na linha tropicalista - nunca tiveram realmente oportunidade clara de fazer discos que recebessem mais apoio, que fossem distribuídos nacionalmente em grande escala. Aí a questão é da relação entre mercado e experimentação.

Como se sabe, a experimentação geralmente não vende. Não pense que os Tropicalistas venderam muito no tempo do Tropicalismo, porque a audição deles era muito difícil, mas seu trabalho serviu para abrir as portas para muitas experimentações musicais e outras tentativas que vieram logo depois,

23 Jards Anet da Silva - Jards Macalé (1943): é um ator, cantor e compositor brasileiro. Começou carreira profissional em 1965, como violonista no Grupo Opinião. Fez direção musical dos primeiros espetáculos de Maria Bethânia. Teve composições gravadas por Elisete Cardoso, Nara Leão. Com Gal Costa, Paulinho da Viola e o parceiro José Carlos Capinam, criou a agência Tropicarte, para administrar os próprios espetáculos. Em 1969, participou do 4.º Festival Internacional da Canção apresentando a canção Gotham City, e lançou o primeiro disco, "Só Morto". Macalé é autor de canções como Vapor Barato. Anjo Exterminado, Mal Secreto, Movimento dos Barcos, Rua Real Grandeza, Alteza, Hotel das Estrelas, Poema da Rosa, Teve como parceiros Capinam, Waly Salomão, Torquato Neto, Naná Vasconcelos, Xico Chaves, Jorge Mautner, Gláuber Rocha e ainda Abel Silva, Vinícius de Morais, Fausto Nilo. Entre os intérpretes de suas canções, estão Gal Costa ("Hotel das Estrelas" e "Vapor barato"), Maria Bethânia ("Anjo exterminado" e "Movimento dos barcos"), Clara Nunes ("O mais--que-perfeito"), Camisa de Vênus ("Gotham City") e O Rappa ("Vapor Barato"), entre outros. (Nota da IHU On-Line)

24 Walter Rosciano Franco - Walter Franco (1945): é um cantor e compositor paulistano. Não chegou a participar de nenhum movimento cultural musical, como bossa nova ou tropicalismo, mas sempre esteve na vanguarda, em vários momentos. Já era parte da Vanguarda Paulista, antes mesmo da expressão ser cunhada pela geração de Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção. Trabalhou com arranjadores como Rogério Duprat e Júlio Medaglia, e teve a letra da música "Cabeça" traduzida para o inglês por Augusto de Campos. Seu álbum mais aclamado pela crítica é Revolver, de 1975. Walter Franco já foi regravado por artistas como Leila Pinheiro, Oswaldo Montenegro e Chico Buarque, além de bandas de rock como Ira!, Camisa de Vênus, Pato Fu e Titãs que também regravaram músicas do compositor. (Nota da IHU On-Line)

como eu citei, Walter Franco e Macalé, ainda Luiz Melodia²⁵, João Bosco²⁶ e tanta gente que se desenvolveu depois de uma maneira muito singular.

Esses artistas não apareceriam com facilidade, ou talvez fosse impossível que eles surgissem se o Tropicalismo não tivesse aberto as portas da seguinte maneira: ao mesmo tempo afirmando a experimentação como sendo também um domínio próprio da música popular brasileira e mostrando que a música popular do Brasil não era só o que foi produzido nos anos 1920, como Noel Rosa e outros; nem eram apenas os ritmos que vieram depois por influência do mambo e

25 Luiz Carlos dos Santos - Luiz Melodia (1951): é um ator, cantor e compositor brasileiro de MPB, rock, blues, soul e samba. Começou sua carreira musical em 1963, ao mesmo tempo em que trabalhava como tipógrafo, vendedor, caixeiro e músico em bares noturnos. Em 1964 formou o conjunto musical Os Instantâneos, com Manoel, Nazareno e Mizinho. Lanca seu primeiro LP em 1973, Pérola Negra. No "Festival Abertura", competição musical da Rede Globo, consegue chegar à final com sua canção "Ébano". Nas décadas seguintes Melodia lançou diversos álbuns e realizou shows no Brasil e na Europa. Em 1987, apresentou-se em Chateauvallon, na França, e em Berna, Suíça. Em 1992, participou do "III Festival de Música de Folcalquier", na França, e, em 2004, do Festival de Jazz de Montreux, à beira do Lago Leman, onde se apresentou no Auditorium Stravinski, palco principal do festival. (Nota da IHU On-Line)

26 João Bosco de Freitas Mucci - João Bosco (1946): é um cantor, violonista e compositor brasileiro. começou a tocar violão aos doze anos, incentivado por uma família repleta de músicos. Alguns anos depois, iniciou na Escola de Minas em Ouro Preto cursando Engenharia Civil. Apesar de não deixar de lado os estudos, dedicava-se sobremaneira à carreira musical, influenciado principalmente por gêneros como jazz e bossa nova e pelo tropicalismo. Foi em Ouro Preto, em 1967, que conheceu Vinícius de Moraes, com o qual compôs as seguintes canções: rosa-dos--ventos, Samba do Pouso e O mergulhador - dentre outras. Em 1970 conheceu aquele que viria a ser o mais frequente parceiro, com quem compôs mais de uma centena de canções: Aldir Blanc, O mestre sala dos mares, O bêbado e a equilibrista, Bala com bala, Kid cavaquinho, Caça à raposa, Falso brilhante, O rancho da goiabada, De frente pro crime, Fantasia, Bodas de prata, Latin Lover, O ronco da cuíca, Corsário, dentre muitas outras. Em 1972 conheceu Elis Regina, que gravou uma parceria sua com Blanc: Bala com Bala; a carreira deslanchou quando da interpretação da cantora para o bolero Dois pra lá, dois pra cá. (Nota da IHU On-Line)

do baião etc.; nem só era a música folclórica das diversas regiões do país, mas também incluía aquilo que artistas cultos faziam conjugando diferentes tradições culturais. Isso é que possibilitou a emergência de uma produção musical, que também teve a influência de outras áreas artísticas, muito grande a partir dos anos 1970 até hoje.

66

Caetano e Gil reconfiguraram a música popular brasileira

IHU On-Line - De que forma a canção "Alegria, Alegria", de Caetano Veloso, representa uma das marcas da atividade dos tropicalistas. Por quê?

Celso Fernando Favaretto - Essa foi a primeira música que Caetano apresentou no festival da TV Record. É uma canção que revela que estávamos vivendo um momento histórico de abertura nos comportamentos, de vida muito marcada pelo consumo, pelas referências do rock, mas principalmente marcada por muitas informações que vinham pela imprensa, pela banca de jornal como ele diz, ainda pelo cinema etc. Então é uma música muito ágil e muito bonita que contempla esses diferentes aspectos da abertura cultural que se estava vivendo. No cerne dessa canção tem uma referência clara à situação brasileira.

Caetano fala, num certo momento, "no coração do Brasil", quer dizer: tudo isso está acontecendo no país como um todo. Há uma crítica política interna porque a música é leve, meio irônica inclusive, vai narrando fatos e nomes e, ao fazer essa narração, diz que tudo isso está compondo naquele momento o Brasil. É uma música muito ins-

tigante, bonita, simples e que foi cativante no momento e até hoje envolve pelo seu ritmo bastante rápido. É como se cantássemos sempre "Alegria, alegria" com um sorriso nos lábios.

IHU On-Line - De que forma a canção "Domingo no parque", de Gilberto Gil, emprega a prática antropofágica oswaldiana?

Celso Fernando Favaretto -Essa música surgiu no mesmo festival da Record em que é lançada "Alegria, alegria". Ambas foram premiadas: Se bem me lembro, "Domingo no parque" ficou em terceiro lugar e "Alegria, alegria" em quarto. "Domingo no parque" é uma música altamente experimental, só que é diversa da do Caetano. Em meu livro, por exemplo, eu mostrei que enquanto "Alegria, alegria" poderia ser comparada com um filme de Godard²⁷, isto é, um filme sem cortes, em continuidade, "Domingo no parque", ao contrário, é uma música toda construída, como o cinema do Eisenstein²⁸. Então, é uma canção feita pela montagem de diversas cenas, gerando a história de um amor. O mais importante é a maneira como a música se desenvolve, ela vai se construindo aos poucos em um ritmo meio alucinante, que vai produzindo uma figuração, como

27 Jean-Luc Godard (1930): cineasta francês, reconhecido por um cinema vanguardista e polêmico, que tomou como temas e assumiu como forma, de maneira ágil, original e quase sempre provocadora, os dilemas e perplexidades do século XX. Além disso, é também um dos principais nomes da Nouvelle Vague, assim como Truffaut. Um de seus filmes é Vivre sa vie (1962). (Nota da IHU On-Line) 28 Serguei Mikhailovitch Eisenstein (1898 - 1948): foi um dos mais importantes cineastas soviéticos. Foi também um filmólogo. Relacionado ao movimento de arte de vanguarda russa, participou ativamente da Revolução de 1917 e da consolidação do cinema como meio de expressão artística. Notabilizou-se por seus filmes mudos A Greve, O Encouraçado Potemkin e Outubro, assim como os épicos históricos Alexandre Nevski e Ivan, o Terrível. Sua obra influenciou fortemente os primeiros cineastas devido ao seu

uso inovador de escritos sobre montagem.

(Nota da IHU On-Line)

se estivéssemos vendo alguma coisa acontecer, como um cinema na nossa frente. Essa introdução do cinema vai ser fundamental na música do Caetano e do Gil desde então

Essa música do Gil não se contrapõe à do Caetano, representa o outro lado dele. "Domingo no parque" é experimental, construtivista como "Alegria, alegria", só que enquanto Caetano chama a atenção para o ritmo de vida da sociedade de consumo, Gil está atentando para o outro lado da história e da nossa sociedade: o modo de vida popular.

Sobre a sua pergunta, todo o Tropicalismo é oswaldiano e antropofágico, porque ele vai integrando referências, sob a forma de citação, de música, de literatura, de cinema, de teatro... ele integra.

IHU On-Line - De que maneira a ditadura militar se configurou como uma força reativa à liberdade que emergiu na década de 60 e se materializou no Brasil com os tropicalistas?

Celso Fernando Favaretto -Mais do que reativa, a ditadura foi reacionária. O golpe de 1964²⁹ interrompeu uma produção cultural, educativa, social e política que vinha se desenvolvendo numa tentativa de pensar um Brasil mais livre, mais liberado dos mecanismos internacionais de controle, um país menos desigual, que deveria fazer reforma fiscal e agrária. Então, foi interrompido esse processo que vinha se configurando com dificuldades desde os anos 1950 de diversas maneiras.

Nesse sentido, o golpe militar foi terrível porque parou os desenvolvimentos da cultura brasileira de uma maneira drástica, não só porque instaurou a censura, mas também porque efetuou prisões, torturou, exilou etc. A partir de 1965, houve uma retomada da análise do que havia sido a cultura brasileira nos anos anteriores ao golpe, as influências que ele provocou, e novas táticas e estratégias foram sendo construídas entre 1965 e 1968.

Em 1968, ao perceber que estas novas táticas e estratégias culturais estavam produzindo resultado e estabelecendo novamente uma conscientização muito grande da estagnação que o regime ditatorial havia provocado, o governo militar reage fortemente às criações artísticas, como as tropicalistas, as do Teatro de Arena³⁰,

30 **Teatro de Arena**: fundado em São Paulo, em 1953, pelo ator e diretor José Renato, que faz parte da primeira turma da Escola de Arte Dramática de São Paulo (EAD), como forma de se contrapor aos espetáculos produzidos na época pelo Teatro Brasileiro de Comédia (TBC). A proposta era de apresentar produções de baixo custo, que durante dois anos forma apresentadas em espaços improvisados. Em 1955, uma garagem na Rua Theodoro Baima, no centro de São Paulo, é adaptada e passa a ser a sede da companhia. Atinge o sucesso com a chegada de Gianfrancesco Guarnieri, um jovem ator do Teatro Paulista

do Teatro Oficina³¹, do cinema de Glauber Rocha³² e a tantas outras da época. Os militares reagem, e ao produzir o Al-5 enrijecem ainda mais a censura, a prisão, o exílio e a tortura. Isto realmente foi um golpe dentro do golpe. 1964 já havia sido brutal, mas 1968 foi duplamente brutal.■

do Estudante, que apresenta, em 1958, seu texto "Eles Não Usam Black-Tie", que permanece mais de um ano em cartaz e abre espaço para o surgimento de um movimento para revelar novos autores brasileiros, destacando--se, entre outros, Vianna Filho e Flávio Migliaccio. Numa outra fase, o Teatro de Arena volta-se para os musicais, sob a influência do teatro de Bertold Brecht, com espetáculos como "Arena conta Zumbi" e "Arena conta Tiradentes", duas parcerias de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri. A inovação é o chamado sistema coringa, em que todos os atores revezavam-se representando quase todos os personagens, sem caracterização. Mas a repressão do governo militar a partir de 1964 e o Ato Institucional nº 5, o AI-5, impedem a continuidade destas experiências. E a trajetória do grupo é interrompida 1972. (Nota da IHU On-Line)

31 Teatro Oficina Uzyna Uzona ou simplesmente Teatro Oficina: é uma companhia de teatro do Brasil, localizada em São Paulo no bairro do Bixiga. Foi fundada em 1958 na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo - USP por Amir Haddad, José Celso Martinez Correa e Carlos Queiroz Telles. O local de grande parte da experiência cênica internacional, que reuniu de Brecht, Sartre ao Living Theatre. Foi neste lugar que foi lançado um importante manifesto da cultura brasileira, o Tropicalismo, versão na década de sessenta do movimento antropofágico de Oswald de Andrade. Este influenciou músicos, poetas e outros artistas. (Nota da IHU On-Line)

32 Glauber de Andrade Rocha – Glauber Rocha (1939 – 1981): foi um cineasta brasileiro, ator e escritor. Começou a realizar filmagens (seu filme Pátio, de 1959, ao mesmo tempo em que ingressou na Faculdade de Direito da Bahia, hoje da Universidade Federal da Bahia, entre 1959 a 1961), que logo abandonou para iniciar uma breve carreira jornalística, em que o foco era sempre sua paixão pelo cinema. Queria uma arte engajada ao pensamento e pregava uma nova estética, uma revisão crítica da realidade. Era visto pela ditadura militar, que se instalou no país em 1964, como um elemento subversivo. (Nota da IHU On-Line)

LEIA MAIS...

 Tropicalismo, uma revolução? Entrevista especial com Celso Fernando Favaretto publicada na Revista IHU On-Line nº 411, de 10-12-2012, disponível em http://bit.ly/1ScEFxd.

²⁹ Golpe Militar: Movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos EUA, desencadearam a Operação Brother Sam, que garantiu a execução do Golpe, que destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar os militares assumem o poder. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar o IHU publicou o 4º número dos Cadernos IHU em Formação, intitulado Ditadura 1964. A memória do regime militar. Confira, também, as edições nº 96 da IHU On-Line, intitulada O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário, de 12 de abril de 2004, e nº 95, de 5 de abril de 2005, 1964 -2004: hora de passar o Brasil a limpo. (Nota da IHU On-Line)

Ousadia e sensibilidade de uma vida inteira

Para Pedro Bustamante Teixeira, essas são tônicas que marcam os 50 anos de carreira de Caetano e Gil, que simultaneamente se mantêm situados no tempo e fora dele

Por Leslie Chaves

ilberto Gil e Caetano Veloso participaram ativamente dos diversos momentos históricos que marcaram a construção do Brasil, tanto cultural quanto politicamente. Ao mesmo tempo que seus protagonismos pontuaram os contextos sociopolíticos do país que perpassaram os 50 anos de suas carreiras, ambos continuam se reinventando, prática que os mantêm atentos e vivos em qualquer tempo. "A importância de Caetano e de Gil para a formação da cultura brasileira, na segunda metade do século XX, é central. Não só pelo impacto que causaram com a virada tropicalista - que vem para questionar as bases de um nacionalismo cultural essencialista, herdeiro de um modernismo Mário Andradiano, predominante na MPB e nas artes ditas brasileiras no início dos anos 60 -, mas por continuarem tropicalistas, neoantropófagos, ao longo de todos esses anos, o que significa, apesar do paradoxo, jamais repousar no mesmo", ressalta Pedro Bustamante Teixeira em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Para o professor e pesquisador, o trabalho de Caetano e Gil foi um dos precursores do processo de redemocratização da sociedade brasileira, antecipando causas que atualmente estão na agenda política mundial. "Nos anos 70, ambos irão engajar-se em causas levantadas pela contracultura. Questões de

gênero, raciais, homoafetivas, religiosas, rítmicas, tudo isso estará presente na obra desses artistas que mais pela micropolítica do que pela macropolítica detonariam um processo de abertura mental e corporal que, por outros caminhos, também levarão à abertura política", frisa.

Ao longo da entrevista, Pedro Bustamante Teixeira fala sobre a dimensão das contribuições artística e política de Gilberto Gil e Caetano Veloso no cenário cultural brasileiro e internacional e salienta: "A vida desses artistas é de uma coragem, de uma entrega comovente. O artista não é esse que se permite viver o que deveria de fato ser vivido? É por isso que assim o são, por todos nós que não o somos".

Pedro Bustamante Teixeira é graduado em Língua Portuguesa e Língua Italiana e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, instituição pela qual também obteve os títulos de especialista em Estudos Literários, mestre e doutor em Letras: Estudos Literários. Entre suas publicações destacam-se Do samba à Bossa Nova: inventando um país (Curitiba: Appris, 2015), tema de sua pesquisa de mestrado, e Sonhe com os sonhos ou o ano em que tive 18 anos (Rio de Janeiro: Animula Vagula Blandula, 2000).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a importância de Caetano e Gil para a formação da cultura brasileira na segunda metade do século XX? Qual é o principal aspecto que lhes dá notoriedade nesse contexto?

Pedro Bustamante Teixeira - A importância de Caetano e de Gil

para a formação da cultura brasileira, na segunda metade do século XX, é central. Não só pelo impacto que causaram com a virada tropicalista¹ - que vem para questionar as bases de um nacionalismo cultural essencialista, herdeiro de um modernismo Mário Andradiano², predominante na MPB e nas artes ditas brasileiras no início dos anos 60 -, mas por continuarem tropicalistas, neoantropófagos³, ao longo de todos esses anos, o que significa, apesar do paradoxo, jamais repousar no mesmo.

Ser tropicalista nos anos 60 não é o mesmo que ser tropicalista nos

1 Tropicalismo, Movimento tropicalista ou Tropicália: movimento cultural brasileiro que surgiu sob a influência das correntes artísticas de vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira (como o pop-rock e o concretismo), misturou manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. Tinha objetivos comportamentais, que encontraram eco em boa parte da sociedade, sob o regime militar, no final da década de 1960. O movimento manifestou-se principalmente na música (cujos maiores representantes foram Gilberto Gil, Torquato Neto, Os Mutantes e Tom Zé): manifestações artísticas diversas, como as artes plásticas (destaque para a figura de Hélio Oiticica), o cinema (o movimento sofreu influências e influenciou o Cinema novo de Gláuber Rocha) e o teatro brasileiro (sobretudo nas pecas anárquicas de José Celso Martinez Corrêa). Um dos maiores exemplos do movimento tropicalista foi uma das canções de Caetano Veloso, denominada exatamente de "Tropicália". Leia a edição 411, intitulada Tropicalismo, O desejo de uma modernidade amorosa para o Brasil, disponível em http://bit.ly/ihuon411. (Nota da IHU On-Line)

2 Mário Raul de Morais Andrade (1893-1945): poeta, romancista, crítico de arte, folclorista, musicólogo e ensaísta brasileiro. Em 1917 foi publicado o seu primeiro livro de versos: Há uma gota de sangue em cada poema. A sua segunda obra, Pauliceia desvairada, colocou-o entre os pioneiros do movimento modernista no Brasil, culminando, em 1922, como uma das figuras mais proeminentes da famosa Semana da Arte Moderna. Durante a década de 1920 continuou sua carreira literária, ao mesmo tempo que exercia a função de crítico musical e de artes plásticas na imprensa escrita. Em 1928 publicou seu romance mais conhecido, Macunaíma, considerado por muitos como uma das obras capitais da narrativa brasileira no século XX. Alguns dos seus livros de poesia mais conhecidos são: Losango cáqui, Clã do jabuti, Remate de males, Poesias e Lira paulistana. (Nota da IHU On-Line)

3 Movimento Antropofágico: manifestação artística brasileira da década de 1920. Baseado no *Manifesto Antropófago*, escrito por Oswald de Andrade, o movimento antropofágico brasileiro tinha por objetivo a deglutição (daí o caráter metafórico da palavra "antropofágico") da cultura norte-americana e europeia. Foi certamente um dos marcos do modernismo brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

anos 70, assim como ser tropicalista nos anos 80 não é o mesmo que ser tropicalista nos anos 90, e assim por diante. O que significa ser tropicalista hoje? Os aggiornamentos4 da dupla não são senão o esforco de se manterem fiéis a uma série de princípios, tropicalistas, no tempo presente. Acredito que vem daí a notoriedade da dupla. As respostas que eles dão ao tempo nunca são as mesmas. E não o sendo, estaremos sempre atentos ao que dizem, porque dizem conforme uma lógica muito singular, não--binária, embrionária no modernismo da Semana de 225 - em Oswald de Andrade⁶ sobretudo - e que só se inaugura na música popular e de massa com o tropicalismo.

IHU On-Line - Como vêm se situando ao longo do tempo as obras de Caetano e Gil no cenário cultural brasileiro? E para além do Brasil?

Pedro Bustamante Teixeira - Caetano e Gil acabaram se tornando muito mais famosos pelo que fizeram depois do exílio, quando assu-

4 **Aggiornamento:** é um termo italiano, que significa "atualização". Esta palavra foi a orientação chave dada como objetivo para o Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII em 1962. Por outras palavras, o aggiornamento é a adaptação e a nova apresentação dos princípios católicos ao mundo atual e moderno, sendo por isso um objetivo fundamental do Concílio Vaticano II. Aqui na entrevista este termo é empregado com o sentido de inovação, atualização, como citado inicialmente. (Nota da IHU On-Line)

5 Semana de Arte Moderna: também chamada de Semana de 1922, ocorreu em São Paulo nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro daquele ano, no Teatro Municipal. Representou uma verdadeira renovação de linguagem, na busca de experimentação, na liberdade criadora da ruptura com o passado e até corporal, pois a arte passou então da vanguarda para o modernismo. Participaram da Semana nomes consagrados do modernismo brasileiro, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Víctor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tarsila do Amaral, Tácito de Almeida, Di Cavalcanti entre outros. (Nota da IHU On-Line)

6 José Oswald de Sousa Andrade (1890-1954): escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro. Foi um dos promotores da Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, tornando-se um dos grandes nomes do modernismo literário brasileiro. Foi considerado pela crítica como o elemento mais rebelde do grupo. (Nota da IHU On-Line)

mem uma postura menos marginal, do que pelo que fizeram com o movimento tropicalista. A prisão e o exílio, mais os vinte anos de um regime militar no Brasil, cobririam com um grosso véu essa parte da história da dupla. Por muitos anos. as referências ao tropicalismo, à prisão, ao regime e ao exílio tinham que ser escamoteadas. Daí ser tão difícil visualizar uma coerência na práxis artística e política desses dois artistas. Sem a compreensão da proposta inicial da Tropicália, é mesmo inviável entender a movimentação desses artistas ao longo do tempo.

Mas acontece que ambos tiveram, dado o acordo que fizeram com o tempo, a sorte de ver o mundo e o Brasil dar muitas voltas. E, aquilo que não se entendia e que não se podia explicar, teve o tempo de se revelar também. O que a princípio parecia rendição ao mercado ou um flagrante da alienação desses artistas, se revelaria um projeto artístico radical, um dos mais ousados movimentos artísticos da segunda metade do século XX. Talvez o primeiro movimento artístico a enfrentar de frente o binarismo que tanto marcou o século XX.

A redemocratização nos anos 80, que reunia, talvez por uma última vez, os artistas da Música Popular Brasileira em prol de um objetivo comum, apagava certas diversidades ideológicas, que a volta das eleições diretas faria novamente aparecer. O fim do regime militar⁷ com a campanha

⁷ Golpe Militar: movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos EUA, desencadearam a Operação Brother Sam, que garantiu a execução do Golpe, que destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar os militares assumem o poder. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar o IHU publicou o 4º número dos Cadernos IHU em formação, intitulado Ditadura 1964. A memória do regime militar. Confira, também, as edições nº 96 da IHU On-Line, intitulada O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário, de 12 de abril de 2004, e nº 95, de 5 de abril de 2005, 1964 – 2004: hora de passar o Brasil a limpo. (Nota da IHU On-Line)

das Diretas Já8 daria início a um rearranjo das forcas políticas do país. Caetano e Gil, por sua vez, o primeiro, "menos estrangeiro no lugar que no momento", e o segundo, mais envolvido com a política do que com a música (Gil tornara-se vereador de Salvador pelo PMDB em 1988, e no ano seguinte se filiara ao Partido Verde), não se enquadravam no ambiente eufórico da reabertura política. O que antes era nebuloso, a saber, o papel desempenhado pela Tropicália nos idos de 1967/1968, permaneceria oculto, mesmo após a reabertura política.

Mas os anos 90 veriam reemergir soluções tropicalistas para equalizar binarismos antigos, políticos e culturais que voltavam a predominar nos anos 80. Além disso, nos anos 90, os discos tropicalistas voltam a ser cultuados por colecionadores, tanto no Brasil quanto fora dele. São redescobertos Os Mutantes, Tom Zé, Rogério Duprat, e, logo depois, o Caetano, o Gil e a Gal tropicalista.

8 Diretas Já: foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido em 1983-1984. A possibilidade de eleições diretas para a Presidência da República no Brasil se concretizaria com a votação da proposta de Emenda Constitucional Dante de Oliveira pelo Congresso. Entretanto, a Proposta de Emenda Constitucional foi rejeitada, frustrando a sociedade brasileira. Ainda assim, os adeptos do movimento conquistaram uma vitória parcial em janeiro do ano seguinte quando Tancredo Neves foi eleito presidente pelo Colégio Eleitoral. A ideia de criar um movimento a favor de eleições diretas foi lançada em 1983, pelo então senador alagoano Teotônio Vilela no programa Canal Livre da Rede Bandeirantes. A primeira manifestação pública a favor de eleições diretas ocorreu no recém-emancipado município de Abreu e Lima, em Pernambuco, no dia 31 de março de 1983. Organizada por membros do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) no município, a manifestação foi noticiada pelos jornais do estado. Diversas outras manifestações se seguiram a esta, porém a que ganhou mais notoriedade pública foi a realizada em São Paulo, no Vale do Anhangabaú, no Centro da Capital, que comemorava seu aniversário - dia 25 de janeiro. Mais de 1,5 milhão de pessoas se reuniram para declarar apoio ao Movimento das Diretas Já. O ato foi liderado por Tancredo Neves, Franco Montoro, Orestes Quércia, Fernando Henrique Cardoso, Mário Covas, Luiz Inácio Lula da Silva e Pedro Simon, além de artistas e intelectuais engajados pela causa. (Nota da IHU On-Line)

Embora tardio, o êxito planetário da Tropicália provocaria uma série de lançamentos nos anos 90, no Brasil e no mundo. A desconstrução tropicalista tornar-se-ia finalmente inteligível. Não por acaso, nos anos 90, a divisão entre rock e MPB que marcou os anos



A vida desses artistas é de uma coragem, de uma entrega comovente

80 começa a ser violada. Artistas retomam estratégias tropicalistas para circularem livres entre os opostos. É quando Cazuza vai gravar Cartola, quando Marisa Monte regrava em um só disco: Os Mutantes, Caetano, Candeia e Titãs. Quando Arnaldo Antunes deixa os Titãs para se tornar um dos principais artistas brasileiros da contemporaneidade. Quando os Paralamas do Sucesso voltam-se para a música brasileira.

Enfim, ora explicitamente ora implicitamente, o tropicalismo de Gil e de Caetano foi sempre uma questão a ser debatida não só na cultura brasileira como também na política, ainda que por muitas vezes preferiu-se acreditar que ela já estava superada.

IHU On-Line - Que história do Brasil é contada ao longo dos 50 anos de carreira de Caetano e Gil? Quais são as passagens mais marcantes da narrativa construída pelos artistas?

Pedro Bustamante Teixeira -Advindo do que já se chamou de segunda geração da bossa nova, Caetano Veloso e Gilberto Gil, primeiramente, operaram para assegurar importância da bossa nova para além da ideologia Cepecista⁹ que reduziria sobremaneira em sua leitura ideológica, um movimento musical singular brasileiro que afirmava a nossa música para muito além das nossas fronteiras. Foram eles, sobretudo Caetano Veloso, os primeiros a denunciar a regressão da estética da música popular diante da progressão de uma arte engajada no Brasil. No entanto, a crítica, sozinha, não seria capaz de enfraquecer um movimento nacionalista de esquerda como era o da música popular nos anos 60.

Com o tropicalismo, a crítica enfim transformava-se em práxis, e então, o que era tabu para a esquerda se transformaria em totem para a Tropicália. E enfraquecendo uma ideologia hegemônica conseguia-se salvar a sua maior vítima, que, ao contrário do que se pensava, não era o regime militar, e sim a própria arte brasileira, já que a cartilha cepecista sacrificava dois dos seus mais exitosos movimentos: a poesia concreta e a bossa nova. São os tropicalistas os artífices de um movimento que irá detonar os pressupostos essencialistas de uma arte popular. São eles que incluirão os Beatles, a arte pop, a alegria oswaldiana e a contracultura nas rodas das esquerdas. E sempre com um senso de responsabilidade muito grande diante do público, algo inédito no Brasil. A dupla não só agia, como também não se furtava a explicar as suas razões e os seus propósitos.

Nos anos 70, ambos irão engajar-se em causas levantadas pela contracultura. Questões de gênero, raciais, homoafetivas, religiosas, rítmicas, tudo isso estará presente na obra desses artistas que mais pela micropolítica do que pela ma-

⁹ Centro Popular de Cultura (CPC): foi uma organização associada à União Nacional de Estudantes (UNE). Foi criado em 1961 no Rio de Janeiro, no Brasil. Foi extinto pelo Golpe de Estado no Brasil em 1964. Um grupo de intelectuais de esquerda, com o objetivo de criar e divulgar uma "arte popular revolucionária", reuniu artistas de diversas áreas, como teatro, música, cinema, literatura e artes plásticas, para defender o caráter coletivo e didático da obra de arte, bem como o engajamento político do artista. (Nota da IHU On-Line)

cropolítica detonariam um processo de abertura mental e corporal que, por outros caminhos, também levarão à abertura política. Se a ditadura, como já afirmam muitos historiadores, não foi só militar, e sim civil-militar, os questionamentos micropolíticos e comportamentais levantados pela dupla também terão sua importância no processo de reabertura. Como diz a canção: "pipoca ali, aqui, pipoca lá, desanoitece e amanhã tudo mudou".

Nos anos 80, já com carreiras internacionais mais sólidas, acompanhariam de perto o surgimento do BRock¹⁰ e serviriam de inspiração para muitos artistas que se propunham a ir além do rock ou além da MPB. Nos anos 90, saudaram com entusiasmo o sucesso do sambareggae, o ressurgimento dos blocos afro, participariam ativamente na recuperação da Tropicália, e sempre em frente, iriam, ambos, se tornando cada vez mais famosos no mundo

Em 2006, o Caetano sério do início dos anos 2000 rejuvenesce e sorri com a Banda Cê, e Gil investe na excelência de sua música, repetindo aquilo que Caetano fizera no final dos anos 90 com a regência de Jacques Morelembaum, já que antes de Caetano, integrara-se muito

10 BRock: denominação dada por Nelson Motta, para o período dos anos 80 em que novas bandas brasileiras surgiram, sob influência principal de bandas dos anos 70. A efervescência que cursava nos primeiros anos da década e o fim da ditadura foram os principais motivos que propiciaram o renascimento do rock, com integrantes que até então eram jovens impedidos de falar e com os anos 80 puderam se expressar. É caracterizado por influências variadas, indo do new wave, passando pelo punk e o próprio conteúdo pop emergente do final da década de 70. Ainda assim, em alguns casos, tomou por referência ritmos como o reggae e a soul music. Suas letras falam na majoria das vezes sobre amores perdidos ou bem-sucedidos, não deixando de abordar algumas temáticas sociais. O grande diferencial das bandas deste período era a capacidade de falar sobre estes assuntos sem deixar a música tomar um peso emocional ou político exagerados. Fora a capacidade que seus integrantes tinham de falar a respeito de quase tudo com um tom de ironia, outra característica marcante do movimento. Outra particularidade típica foi o visual próprio da época, cabelos armados ou bastante curtos para as meninas, gel, roupas coloridas e extravagantes para os meninos. (Nota da IHU On-Line)

bem à geração dos anos 90, acompanhando Marisa Monte, os Paralamas do Sucesso e outros. Agora, justo agora, estão os dois juntos encerrando uma turnê internacional no Brasil em que comemoram 50 anos de carreira.

Enfim, a vida desses artistas é de uma coragem, de uma entrega comovente. O artista não é esse que se permite viver o que deveria de fato ser vivido? É por isso que assim o são, por todos nós que não o somos.

IHU On-Line - O que representa para a carreira de Caetano e Gil o posicionamento político contestatório (questionador tanto da direita quanto da esquerda) que eles sempre tiveram (a despeito de não sobreporem a política à arte)?

Pedro Bustamante Teixeira - A dificuldade de se entender os posicionamentos políticos de Caetano e de Gil é a mesma que se tem para entender a Tropicália ou, expandindo, a contracultura. A sociedade contemporânea ainda não se acostumou a viver para além dos binarismos clássicos. Querem o sim ou o não. Isso ou aquilo. À esquerda ou à direita. Não admitem o talvez, o isso e aquilo ou, o que seria mais trágico ainda, o nem isso nem aquilo. Ou seja, não se admite senão o preconcebido, o já dado. Mas Caetano e Gil não se furtam de pensar, mesmo em público. Mais importante que o resultante de um determinado raciocínio é o próprio e explícito ato de pensar. De pensar o movimento, não o todo. Porque mesmo o todo é regido pelo "tempo, tempo, tempo, tempo"11 de Caetano ou pelo "eterno deus mudança"12 de Gil. Assim o que vale para a vida, vale para a arte, vale para a política, nessa ordem e não ao contrário.

Ser tropicalista significa estar em movimento, para ser vários sendo o mesmo. Na medida em que o tempo passa é preciso reposicionar-se para, como diz Caetano: "manter o sol no centro do céu". Significa também desconfiar dos pares opositivos, para desconstruir dogmas e hegemonias culturais. E significa, antes de tudo, zelar pela liberdade de experimentação artística, geral e irrestrita. Significa zelar pela beleza da arte nacional ao longo do tempo, que se dá por acolher e não por expelir outras culturas.

IHU On-Line - De que maneira a ousadia e sensibilidade artística de Caetano e Gil para influências culturais diversas do Brasil e de outros países vêm contribuindo ao longo dos 50 anos de carreira dos dois artistas para o cenário cultural brasileiro?

Pedro Bustamante Teixeira -Ousadia e sensibilidade regeram a vida de Caetano e de Gil ao longo de todos esses anos. No entanto, é a partir da ruptura tropicalista que se acentuam os aspectos que lhes diferenciariam dos outros compositores da MPB. O rompimento com um padrão estético nacionalista, o livre fluxo entre as ideologias de então, a presença de um jeito de corpo, masculino e feminino, o flerte com o mundo, enfim, faz aparecer o protótipo de um novo homem, de uma nova mulher, de um novo artista. É esse novo artista que servirá de modelo para uma leva de artistas que vem, dentre eles os Novos Baianos, Nev Matogrosso, Djavan, Cazuza, Marisa Monte e Adriana Calcanhotto.

IHU On-Line - Que canções dos dois artistas você destacaria como as mais representativas na trajetória dos 50 anos de carreira de ambos? Por quê?

Pedro Bustamante Teixeira - Acredito que seja muito complicado destacar as canções mais representativas na trajetória deles, se fosse para dizer alguns discos já seria bem complicado, canções então... Mas, arriscando um pouco, diria que a recente "Não Tenho Medo da Morte" (2008) de Gilberto Gil apresenta muito bem um processo de composição seu, bem filosófico, que representa ainda assim

¹¹ Canção "Oração ao tempo", de Caetano Veloso, 1970. (Nota da **IHU On-Line**) 12 Canção "O eterno Deus Mu Dança", de Gilberto Gil, 1989. (Nota da **IHU On-Line**)

apenas uma faceta de sua obra. Já para Caetano, é impossível não pensar em "Quereres"¹³, para tentar dar conta de sua maneira singular de pensar, e na poesia de "Ciúme"¹⁴ e de "Terra" (1968).

IHU On-Line - Como se dá a relação de Caetano e Gil com outros artistas do cenário cultural brasileiro e internacional ao longo desses anos de carreira?

Pedro Bustamante Teixeira -Após o rompimento tropicalista, que é claro, deixou algumas rusgas, tanto Gil quanto Caetano caminharam para uma harmonia cada vez maior com seus pares no cenário nacional. Ainda que se negassem ao tropicalista alguns espaços na esguerda mais tradicional, fora dela a simpatia era quase total. Sobretudo a partir da prisão e do exílio, quando se tornavam heróis nacionais. Por outro lado, Caetano e Gil sempre se entusiasmaram pelo novo, e assim, iamais adotaram atitudes reativas para com os artistas vindouros.

Quanto à influência internacional, somente agora podemos observar alguns reflexos da Tropicália em artistas como Devendra Banhart e Beck. A conjuntura nacional não permitiu ao tropicalismo voos semelhantes aos da bossa nova, e a saída para o exílio de Caetano e de Gil não significou, apesar das tentativas, a consagração internacional desses artistas. Então o que poderia ter se dado concomitantemente ao movimento, só viria a se dar muito depois nos "estranhos anos 90". Contudo, hoje, nos países lusófonos, na Inglaterra, nos EUA e no Japão, e em boa parte dos países de língua neolatina, Ca-

13 Canção de Caetano Veloso, "O Quereres", 1984. (Nota da **IHU On-Line**) etano e Gil são reconhecidos e cultuados como grandes artistas.

IHU On-Line - Em um de seus estudos, você menciona que "Os Mutantes em 1967 abriam caminho para um devir-rock à música e à poesia de Caetano". Poderia

66

Ousadia e sensibilidade regeram a vida de Caetano e de Gil ao longo de todos esses anos

falar um pouco sobre o que significa essa influência no trabalho tanto de Caetano quanto dos Mutantes?

Pedro Bustamante Teixeira -Até o contato com Caetano e Gil. Os Mutantes eram uma banda de rock 'n' roll antinacionalista que compunha em inglês. Como já disse Rita Lee, Caetano e Gil foram mostrando a eles como poderiam fazer o que faziam em português. Concomitantemente, os Mutantes mostravam a Caetano e Gil o lifestyle rock 'n' roll que eles, até então, jamais haviam presenciado. A partir do tropicalismo, Os Mutantes começavam a se sentir novamente brasileiros, e poderiam até mesmo fazer música popular. Sem o rock de Os Mutantes, dificilmente os baianos Caetano e Gil teriam as credenciais para adentrarem em mundo novo que não lhes pertencia ainda, e assim seria bem mais complicado ir muito além do otimismo melancólico da bossa nova

ou da dor esperançosa da canção de protesto.

IHU On-Line - Você menciona que a Tropicália foi o primeiro movimento a apontar uma saída essencialmente contracultural e, sobretudo, artística, para o contexto político entre as décadas de 1960 e 1970. O que representou essa alternativa em termos políticos e culturais para o cenário brasileiro da época? Ela se reflete de alguma maneira atualmente?

Pedro Bustamante Teixeira - Na época a Tropicália representou um rompimento. Quebra de paradigma. Instauração de um novo problema numa época de crise. Isto é, uma época que, para alguns, a inserção de uma outra questão parecerá inapropriada, e para outros, urgente. Para as esquerdas uma traição que só será perdoada com a prisão e o exílio. Contudo, como essa história não termina com o perdão das esquerdas, fatalmente as mesmas diferenças se sobressaltariam e novos confrontos ideológicos se instaurariam por conta dessa eterna desafinação entre as partes. Pois aceitar o perdão não significa se juntar ao algoz, a paz entre as partes não silenciará as vozes, nem de um lado, nem de outro.

Mais recentemente, quando Gil é convidado pelo presidente Lula a assumir, em seu primeiro mandato, o Ministério da Cultura, o músico faz questão de destacar, afastando a hipótese de um estranho conluio político: "saibam que quem vai comandar o Ministério da Cultura é um tropicalista". Ou seja, há sempre um descompasso, que considero sadio, entre a Tropicália e as esquerdas que foi, é e continuará sendo essencial para o amadurecimento de um pensamento cultural e político no Brasil e no mundo.

LEIA MAIS...

- Um movimento libertário? Entrevista especial com Pedro Bustamante Teixeira, publicada na revista IHU On-Line, nº 411, de 10-12-2012, disponível em http://bit.ly/1Gvlcqi;
- O samba como símbolo de brasilidade. Entrevista especial com Pedro Bustamante Teixeira, publicada na revista IHU On-Line, nº 380, de 14-11-2011, disponível em http://bit.ly/1MgsxWK_

¹⁴ Canção de Caetano Veloso, "O Ciúme", 1987. (Nota da **IHU On-Line**)

Caetano e Gil: Uma trajetória de construção utópica e autorreflexiva do Brasil

Para Frederico Oliveira Coelho, a obra dos artistas pensa e conta a história do país e expressa o anseio por uma nação vanguardista

Por Leslie Chaves

versatilidade e a ousadia artística sempre permearam as carreiras de Gilberto Gil e Caetano Veloso. De acordo com Frederico Oliveira Coelho, esse perfil fez com que a arte de ambos circulasse em espaços bastante diversos da cultura. Eles "transitaram durante boa parte de sua carreira entre os públicos sofisticados e populares. Não só atuaram no âmbito massivo da música popular brasileira - isto é, o rádio, a televisão e a indústria fonográfica -, como sempre estiveram próximos de repertórios de vanguarda através de conversas, trabalhos e relações com intelectuais ligados à poesia concreta, ao cinema experimental, à poesia, à literatura e às artes visuais", explica o professor em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Esse trânsito intenso entre diversas áreas e públicos, o contato com variadas fontes de influências e ainda o engajamento político atento às demandas dos diferentes momentos conjunturais do Brasil contribuíram para que Caetano e Gil construíssem carreiras sólidas em âmbito nacional e internacional. "Todos esses elementos, aliados, claro, à qualidade dos seus trabalhos, fizeram deles personagens centrais na formação cultural brasileira do seu período", conforme ressalta Coelho.

Para o professor e pesquisador, o alcance da obra desses dois artistas, individual e coletivamente, chegou tanto à cultura de massa quanto à Academia. Foi sobretudo a Tropicália a responsável por abrir passagem no Brasil para informações acerca do que acontecia com a juventude mundial e por ampliar o repertório cultural do país, a partir de

uma concepção arrojada de nação, mas simultaneamente atenta às adversidades. "A grande contribuição de ambos foi por uma política da diversidade de gêneros, etnias e opiniões. Caetano e Gil assumiram uma sexualidade dúbia e reivindicaram a cultura africana no Brasil e a cultura negra brasileira como base de seus trabalhos. Se há uma 'história do Brasil' contada nessas trajetórias, é a história de um país sempre em construção utópica pelo viés da diferença e sempre autorreflexivo na consciência de suas mazelas e limites", aponta.

Frederico Oliveira Coelho é graduado em História e mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e doutor em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Atua como pesquisador para documentários, sítios eletrônicos, editoras e instituições culturais. Atualmente é professor dos cursos de graduação em Literatura e Artes Cênicas e do Programa de Pós--Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da PUC-Rio. Entre suas publicacões destacam-se Eu, brasileiro, confesso minha culpa e meu pecado - cultura marginal no Brasil nas décadas de 1960 e 1970 (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010), Livro ou livro-me - os escritos babilônicos de Hélio Oiticica (1971-1978) (Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010), Série Encontros - Tropicália (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2008) e A MPB em discussão - Entrevistas (Belo Horizonte: UFMG, 2005).

Confira a entrevista.

66

Suas canções e opiniões tornaram-se patrimônio pessoal de milhões de ouvintes e temas de reflexões críticas no centro do pensamento acadêmico nacional

IHU On-Line - Qual a importância de Caetano e Gil para a formação da cultura brasileira na segunda metade do século XX? Qual é o principal aspecto que lhes dá notoriedade nesse contexto?

Frederico Oliveira Coelho -Creio que é difícil precisar exatamente a importância de dois artistas que transitaram durante boa parte de sua carreira entre os públicos sofisticados e populares. Não só atuaram no âmbito massivo da música popular brasileira - isto é, o rádio, a televisão e a indústria fonográfica -, como sempre estiveram próximos de repertórios de vanguarda através de conversas, trabalhos e relações com intelectuais ligados à poesia concreta, ao cinema experimental, à poesia, à literatura e às artes visuais. Suas canções e suas opiniões tornaram--se patrimônio pessoal de milhões de ouvintes e temas de reflexões críticas que atingiram o centro do pensamento acadêmico nacional. Além disso, os dois, principalmente Gilberto Gil, nunca se furtaram em participar dos desafios políticos do país. Todos esses elementos, aliados, claro, à qualidade dos seus trabalhos, fizeram deles personagens centrais na formação cultural brasileira do seu período.

IHU On-Line - Como vêm se situando ao longo do tempo as obras de Caetano e Gil no cenário cultural brasileiro? E para além do Brasil?

Frederico Oliveira Coelho - Eles sempre tiveram em estado de trânsito entre extremos da divisão cultural moderna, do popular ao erudito, do massivo ao sofisticado. Isso compõe uma trajetória bem sólida, em que seus discos foram comentando as mudanças mais importantes da sociedade e da cultura brasileira e mundial. Desde o momento tropicalista no fim dos anos 1960, passando pela fase internacional do exílio no início dos anos 1970, mergulhando na relação da Bahia e da África com o Brasil, flertando com a black music através do movimento Black Rio¹, assumindo o rock pop dos anos 1980, se tornando profissionais maduros nos anos 1990 e lancando discos de forma ininterrupta até hoje, todos esses fatos os colocam sempre como referência entre diferentes gerações. No que diz respeito às suas carreiras internacionais, também são sólidas, apesar de em escala reduzida. Nunca foram pop stars mundiais, mas sempre fizeram tur-

1 Movimento Black Rio: surgido nos anos 1970, foi uma espécie de resposta a uma época de contestação, de luta por direitos humanos, de uma procura involuntária por uma identidade negra universal, com base no que os negros americanos reivindicavam e que os africanos recém-libertos do domínio colonial europeu se permitiam fazer em sua terra, após séculos de diáspora para América e a própria Europa. O gênero que fundia a soul music ao samba ganhava uma projeção inédita e transbordava e importava ideias: os artistas burilavam suas canções, enquanto os adeptos em geral se espelhavam na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos para combater o preconceito racial. Os artistas negros tornaram-se subversivos por exibir orgulho de sua cultura e cor. Não pretendiam, necessariamente, se vincular à luta armada ou, apesar da importação de valores, aos Panteras Negras. A musicalidade era o ponto de convergência daquela geração e a influência estrangeira surgiu como uma opção à MPB, que não oferecia canais para ela se expressar. Entretanto, com o período ditatorial a ação repressiva surtiu efeito neutralizador e o ímpeto e a atitude original se esvaíram. (Nota da IHU On-Line)

nês e são respeitados por nomes de peso em diferentes países.

IHU On-Line - As obras de Gil e Caetano se influenciam reciprocamente? Como se dá e em que aspectos é possível se perceber essa influência mútua?

Frederico Oliveira Coelho - Sim. desde o início dos dois, ainda nos primeiros anos de 1960, eles se tornaram amigos musicais, dividindo repertórios, descobertas, trabalhos. Caetano sempre apontou a excelência musical de Gil como um motor que o ensinou bastante, assim como Caetano foi sempre uma espécie de liderança natural, "organizando o movimento" das acões deles e do grupo de amigos mais amplo ao redor dos dois. Em 1964, ainda em Salvador, ele já estava dirigindo Gil, Gal, Bethânia e outros amigos no espetáculo "Nós, por exemplo". Mas Caetano viu, em casa, Gil cantar na televisão antes de se conhecerem. Quando vieram para o Rio (Caetano) e São Paulo (Gil), vieram por motivos distintos, mas rapidamente se articularam em amizades e trabalhos. São parceiros de canções, de discos, de projetos, de turnês, de famílias. É impossível que a obra de um não cause profundo impacto na obra do outro.

IHU On-Line - Que história do Brasil é contada ao longo dos 50 anos de carreira de Caetano e Gil? Quais são as passagens mais marcantes da narrativa construída pelos artistas?

Frederico Oliveira Coelho -Uma história de um país que precisou, em poucas décadas, sair de uma condição rural, pré-industrial e arcaica para uma situação de sociedade urbana, tecnológica e de massa. Que teve de entender como lidar com a demanda moderna de ruptura com a tradição e, simultaneamente, com a força tradicional da Nacão. A geração de Gil e Caetano foi responsável por pensar politicamente e esteticamente essa passagem dramática dos anos 1950/1970 que o país viveu. Claro que um dos momentos

culminantes e desencadeadores de conflitos que até hoje permanecem no debate cultural brasileiro foi o breve momento tropicalista de 1967/1968, em que os compositores baianos e seus parceiros marcaram profundamente o imaginário brasileiro ao nos mostrar nossas contradições nesse projeto moderno-conservador que sempre nos serviu de lastro para nos explicarmos. O enfrentamento do componente nacionalista presente nas esquerdas de seu tempo, a abertura das matrizes tradicionais da canção para outras fontes internacionais e industriais, o comentário poético sobre uma sociedade paralisada pelas benesses fugazes de um regime civil-militar, são temas fundamentais ao redor do período dos seus primeiros discos. No mais, a grande contribuição de ambos foi por uma política da diversidade de gêneros, etnias e opiniões. Caetano e Gil assumiram uma sexualidade dúbia e reivindicaram a cultura africana no Brasil e a cultura negra brasileira como base de seus trabalhos. Se há uma "história do Brasil" contada nessas trajetórias, é a história de um país sempre em construção utópica pelo viés da diferenca e sempre autorreflexivo na consciência de suas mazelas e limites.

IHU On-Line - Como é a participação de Gil e Caetano no Tropicalismo? De que forma participaram da gênese e construção desse movimento? Qual a importância desse movimento nas carreiras de ambos e na história brasileira?

Frederico Oliveira Coelho - Essa participação está amplamente mapeada em inúmeros trabalhos de todos os tipos e qualidades que foram feitos ao longo dos últimos 50 anos. Os dois são fundadores de uma ideia que teve parceiros fundamentais para que fosse concebida e executada. O talento de ambos se junta ao talento de jovens como Torquato Neto, José Carlos Capinam, Rogério Duarte, Rogerio Duprat, Os Mutantes, Hélio Oiticica, Rubens Gerchman e muitos outros.

O movimento surgiu espontaneamente, por uma série de contingências e de uma tentativa da mídia e de críticos em sintetizar em uma palavra - um ismo, bem ao estilo das vanguardas modernas - a ação coletiva desses artistas. A importância do movimento também já vem sendo debatida há décadas. Foi marcante, pois despertou debates, se espalhou pela cultura de massa e pela Academia, tornou-se tanto tema de camiseta quanto de teses, virou documentários, enfim, sua atuação em apenas dois anos se desdobrou em muitos outros eventos que reivindicaram ali a sua origem. Por ter sido responsável pela entrada sistemática de uma série de informações globalizadas sobre a juventude mundial em uma época que isso não ocorria no país, também contribuiu para a ampliação do repertório cultural do país.

66

São parceiros de canções, de discos, de projetos, de turnês, de famílias. É impossível que a obra de um não cause profundo impacto na obra do outro

IHU On-Line - De que forma a experiência do exílio de Caetano e Gil aparece em suas obras?

Frederico Oliveira Coelho - Diretamente nas suas letras e nos discos que fizeram no exílio (cada um gravou dois discos em Londres). Comentaram de formas bem distintas o fato, em que Caetano assumiu um viés melancólico e nostálgico e Gil assumiu um viés universalista e afirmativo. Essas diferenças ficaram evidentes também na relação dos dois com o violão, instru-

mento de trabalho. Ambos dizem, em entrevistas, que se tornaram compositores mais concentrados e melhores músicos. Além disso, tiveram a possibilidade de conviver com a cena de rock mais intensa do período que era a de Londres. Viram shows de músicos no auge, foram aos grandes festivais como o da Ilha de Wight² e tudo isso contribuiu decisivamente para suas vidas e suas obras.

IHU On-Line - Como as obras de Gil e Caetano dialogam/se contrapõem com outros estilos musicais que circulam no cenário cultural brasileiro? Como se deram tais relações ao longo dessas cinco décadas? Que momento (ou momentos) o senhor destaca como mais marcante?

Frederico Oliveira Coelho -Eles sempre foram antenas ligadas ao que circulava de mais contemporâneo na sua época. Ao mesmo tempo, sempre tiveram capacidade de articular as novidades com o repertório tradicional do cancioneiro nacional. Luiz Gonzaga e Bob Marley, João Gilberto e Pixies, Stevie Wonder e Peninha, Black Rio e Racionais MCs, todos esses e muitos outros sons atravessam suas obras desde o início. Na busca dessa linguagem universal e brasileira, algumas experiências foram mais felizes que outras. Se nos anos 1980 a aproximação com o pop pasteurizado das rádios não resultou em discos potentes, nos dias atuais ambos apresentam trabalhos provocadores e que não são óbvios. Como fã, o momento mais feliz foram os anos 1970, em que suas ideias estavam em diálogo com uma série de experimentações e

² Festival da Ilha de Wight: (The Isle of Wight Festival) é um festival musical que acontece anualmente na Ilha de Wight, Inglaterra. Foi realizado originalmente entre 1968 e 1970, respectivamente em Ford Farm (próximo a Godshill), Wootton e Afton Down (próximo a Freshwater). A edição de 1970 foi de longe a maior e mais famosa dos primeiros festivais desse estilo. O evento foi retomado em 2002 no Seaclose Park, um local de recreação nos arredores de Newport. Tem sido realizado anualmente desde então. (Nota da IHU On-Line)

renovações temáticas da música e da cultura em geral. Mesmo assim, é difícil dizer que momento é mais marcante que outro, pois toda a trajetória deles é coesa e de extrema qualidade.

IHU On-Line - De que maneira o senhor avalia a relação de Caetano e Gil com o público? De que forma foi sendo construído o público desses artistas? Que perfil de público eles tiveram e têm ao longo dos 50 anos de carreira?

Frederico Oliveira Coelho - São muitos públicos para quem está há meio século trabalhando. A relação sempre foi positiva, calcada na formação de um corpo de canções incontornáveis no imaginário nacional do século XX. Suas letras e melodias passam de pais para filhos, frequentam escolas em todas as idades, fazem parte de trilhas sonoras infantis, são estudadas na universidade, tornaram-se standards da história de nossa música, enfim, são obras que estão na corrente sanguínea de todos. Seus

públicos sempre aguardam deles provocações, qualidade, inventividade e, ao mesmo tempo, manutenção do mesmo - como ocorre com qualquer clássico forjado na lógica da ruptura. Assim, cada um ao seu modo, eles continuam ampliando e renovando públicos - seja Caetano com sua guinada ao power trio dos últimos três discos, seja Gil se envolvendo diretamente no planejamento e execução de novas políticas culturais para a juventude e os múltiplos povos brasileiros.

LEIA MAIS..

- Tropicalismo, "força fatal" da música popular. Entrevista especial com Frederico Oliveira Coelho publicada na revista IHU On-Line, nº 411, de 10-12-2012, disponível em http://bit. lv/1k7nZLV
- A música na Semana de Arte Moderna: fluidez entre o erudito e o popular. Entrevista especial com Frederico Oliveira Coelho publicada na revista IHU On-Line, nº 395, de 04-06-2012, disponível em http://bit.ly/1Mq693p





Cadernos IHU ideias





O Cadernos IHU ideias apresenta artigos produzidos por palestrantes convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores(as) em diversas universidades e instituições de pesquisa.





Acesse: ihu.unisinos.br



A fluidez artística entre as estruturas

Alexandre Faria destaca a habilidade de Caetano e Gil em perambular entre estilos musicais e posições políticas que se polarizam

Por Leslie Chaves e João Vitor Santos

aetano Veloso e Gilberto Gil surgem em um momento de "popularização e massificação no Brasil do projeto estético e político do modernismo literário", destaca o professor de Literatura Alexandre Faria. Entretanto, entende que o sucesso dos dois pode ser atribuído à habilidade de não se aterem apenas a um estilo ou mesmo a uma posição política única. Ao mesmo tempo que absorviam novidades estéticas, não se colocavam como alternativos, respondendo também a demandas do mercado fonográfico. "Talvez o aspecto que melhor tenha garantido a notoriedade de Caetano e Gil nesse panorama tão rico tenha sido a habilidade que ambos tiveram para entrar e sair das estruturas. A Bossa Nova, o CPC/UNE, a Jovem Guarda/leieiê, forças que se polarizavam naquela segunda metade dos anos 1960, foram todas visitadas pelos parceiros baianos, que, no entanto, não se comprometeram com nenhuma delas", destaca.

Faria reconhece que o trabalho dos artistas é banhado por questões políticas. O que não quer dizer que assumissem a postura dura de resistência. "As canções que envolvem o projeto tropicalista não são absolutamente canções de protesto, embora tenham um espírito de contestação, no plano mais amplo, dos valores e comportamentos da época. Não há, no entanto, uma apre-

ensão coletiva, a ideia de povo, mas a reafirmação de um individualismo em liberdade, o que é, até hoie, potente e necessário frente às ondas de conservadorismo que avancam no Brasil". explica o professor. Na entrevista, concedida por e-mail à IHU On-Line, Faria ainda destaca o domínio e trabalho empregado pelos artistas na composição e interpretação das letras. Eles concebem cada música de forma muitíssimo particular. "A variedade de gêneros musicais em que ambos investem é a prova de uma pesquisa detalhada sobre a melhor maneira de cantar uma letra ou de pôr letra numa canção".

Alexandre Faria é professor de Literatura no Departamento de Letras -ICHL da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, é mestre em Literatura Brasileira na PUC-Rio. Publicou o livro Literatura de subtração: experiência urbana e literatura contemporânea (Rio de Janeiro: Papel Virtual, 1999), resultante de sua dissertação de mestrado. Em 1998, ingressou no doutorado em Letras, também na PUC--Rio. Desenvolveu pesquisa sobre a representação da identidade nacional na cultura brasileira contemporânea, que resultou na tese "O Brasil presente: construções-ruínas do imaginário nacional contemporâneo".

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a importância de Caetano e Gil para a formação da cultura brasileira na segunda metade do século XX? Qual é o principal aspecto que lhes dá notoriedade nesse contexto?

Alexandre Faria - Talvez, a melhor maneira de pensar essa questão seja imaginar Caetano e Gil como pessoas certas na hora certa. Mas não foram os únicos no cenário cultural brasileiro dos anos 60,

nem na esfera musical. Sem falar nos compositores da 2ª Geração da Bossa Nova, que também despontavam nos festivais, na própria onda tropicalista figuras como Tom 66

O tempo deixa claro que a alternativa tropicalista foi muito mais eficiente na articulação entre política e estética

Zé¹, Rogério Duprat², Rogério Duarte³, Os mutantes⁴, entre outros, foram importantes na constituição desse contexto a que nos referimos. É um contexto que, em linhas gerais, pode ser pensado como o momento de popularização

- 1 Antônio José Santana Martins Tom Zé (1936): é um compositor, cantor, arranjador e jardineiro brasileiro. É considerado uma das figuras mais originais da música popular brasileira, tendo participado ativamente do movimento musical conhecido como Tropicália nos anos 1960 e se tornado uma voz alternativa influente no cenário musical do Brasil. (Nota da IHU On-Line)
- 2 **Rogério Duprat** (1932-2006): compositor e maestro brasileiro. Um dos maiores responsáveis pela ascensão da Tropicália, personalizando o som do então emergente movimento musical com arranjos bem elaborados, criativos e perfeitamente antenados com as tendências internacionais da época. (Nota da IHU On-Line)
- 3 Rogério Duarte Guimarães (Ubaíra, 10 de abril de 1939): Intelectual multimédia baiano, Rogério Duarte é artista gráfico, músico, compositor, poeta, tradutor e professor. Nos anos 60 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como diretor de arte da UNE e da Editora Vozes. Foi o autor de vários cartazes para filmes de seu amigo Glauber Rocha, como Deus e o diabo na terra do sol (símbolo do cinema nacional), Terra em transe e A idade da terra. Também criou, para este último, a trilha sonora. Entre os vários artistas com os quais colaborou, contam-se Gilberto Gil, Caetano Veloso, João Gilberto, Jorge Ben e Gal Costa, Considerado um dos mentores intelectuais do movimento tropicalista, Rogério foi também um dos primeiros a ser preso e a denunciar publicamente a tortura no regime militar. Preso juntamente com seu irmão Ronaldo Duarte, o caso mobilizou artistas e mereceu ampla divulgação no jornal carioca Correio da Manhã, que publicou uma carta coletiva pedindo a libertação dos "Irmãos Duarte". (Nota da IHU On-Line)
- 4 **Os Mutantes**: banda psicodélica brasileira formada em 1966, em São Paulo, por Rita Lee (vocais), Sérgio Dias (guitarra, vocais) e Arnaldo Baptista (baixo, teclado, vocais). Depois de quase trinta anos ausentes dos palcos, o grupo retorna em 2006 com sua formação clássica, exceção feita a Rita Lee, que não aceitou voltar ao grupo. A cantora Zélia Duncan chegou a integrar a banda nesse período. (Nota da **IHU On-Line**)

e massificação no Brasil do projeto estético e político do modernismo literário.

Momento em que artistas ligados à canção popular, ao cinema, ao teatro, à televisão (incipiente naquele momento) desenvolvem suas linguagens a partir do profícuo diálogo com Oswald⁵ e Mário de Andrade⁶, com os romancistas de 30, com Drummond⁷, João Cabral⁸,

- 5 José Oswald de Sousa Andrade (1890-1954): escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro. Foi um dos promotores da Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, tornando-se um dos grandes nomes do modernismo literário brasileiro. Foi considerado pela crítica como o elemento mais rebelde do grupo. (Nota da IHU On-Line)
- 6 **Mário Raul de Moraes Andrade** (1893-1945): poeta, escritor, crítico literário, musicólogo, folclorista, ensaísta brasileiro. Ele foi um dos pioneiros da poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro Pauliceia Desvairada em 1922. Andrade exerceu uma grande influência na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso foi um pioneiro do campo da etnomusicologia sua influência transcendeu as fronteiras do Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)
- 7 Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. Confira a edição 232 da revista IHU On-Line, de 20-08-2007, intitulada Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo, disponível em http://bit.ly/1beJjIJ. (Nota da IHU On-Line)
- 8 João Cabral de Melo Neto (1920-1999): poeta e diplomata brasileiro. Sua obra poética, caracterizada pelo rigor estético, com poemas avessos a confessionalismos e marcados pelo uso de rimas toantes, inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil. Membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Letras, foi agraciado com vários prêmios literários. Confira a edição 310 da revista IHU On-Line, de 05-10-2009, intitulada *A secura do sertão nos versos de João Cabral de Melo Neto*, disponível para download em http://bit.ly/1P9KBqL. (Nota da IHU On-Line)

Guimarães Rosa⁹, Clarice Lispector¹⁰ e outros autores modernistas. Se a Tropicália¹¹ radicalizou

9 **João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: Sagarana, Corpo de baile, Grande sertão: veredas, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, Primeiras estórias (1962), Tutameia (1967), A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título "Sertão é do tamanho do mundo". 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em http://migre. me/qQX8. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas. Confira, ainda, a edição 275 da revista IHU On-Line, de 29-09-2008, intitulada Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil, disponível em http://bit. ly/mBZOCe. (Nota da IHU On-Line)

tora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944 publicou seu primeiro romance. Perto do coração selvagem. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, reminiscente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é A hora da estrela, o último publicado antes de sua morte. Este livro conta a vida de Macabéa, uma nordestina de Alagoas que vai morar no Rio de Janeiro, em uma pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-07-2008, intitulada Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho, disponível para download em http://migre. me/qQHT. (Nota da IHU On-Line)

10 Clarice Lispector (1920-1977): escri-

11 Tropicalismo, Movimento tropicalista ou Tropicália: movimento cultural brasileiro que surgiu sob a influência das correntes artísticas de vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira (como o pop-rock e o concretismo) misturou manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. Tinha objetivos comportamentais, que encontraram eco em boa parte da sociedade, sob o regime militar, no final da década de 1960. O movimento manifestou-se

programaticamente a aposta na interseção entre as tradições arcaicas e a modernidade industrial na cultura brasileira, este aspecto estará presente, em outra medida, nas diversas produções não tropicalistas do período. Nesse sentido, talvez o aspecto que melhor tenha garantido a notoriedade de Caetano e Gil nesse panorama tão rico tenha sido a habilidade que ambos tiveram para entrar e sair das estruturas. A Bossa Nova, o CPC/UNE¹², a Jovem Guarda/leieiê¹³, forças que se polarizavam naquela segunda metade dos anos 1960, foram todas visitadas pelos parceiros baianos, que, no entanto, não se comprometeram com nenhuma delas. Da mesma maneira que, ao longo da carreira, não se negaram às demandas do mercado fonográfico e cultural nem somente se renderam a ele.

principalmente na música (cujos maiores representantes foram Gilberto Gil, Torquato Neto, Os Mutantes e Tom Zé); manifestações artísticas diversas, como as artes plásticas (destague para a figura de Hélio Oiticica), o cinema (o movimento sofreu influências e influenciou o Cinema novo de Glauber Rocha) e o teatro brasileiro (sobretudo nas peças anárquicas de José Celso Martinez Corrêa). Um dos maiores exemplos do movimento tropicalista foi uma das canções de Caetano Veloso, denominada exatamente de "Tropicália". Leia a edição 411, intitulada Tropicalismo. O desejo de uma modernidade amorosa para o Brasil, disponível em http://bit.ly/ihuon411. (Nota da IHU On-Line)

12 Centro Popular de Cultura (CPC): foi uma organização associada à União Nacional de Estudantes (UNE), criado em 1961, no Rio de Janeiro. Foi extinto pelo Golpe de Estado no Brasil em 1964. Um grupo de intelectuais de esquerda, com o objetivo de criar e divulgar uma "arte popular revolucionária", reuniu artistas de diversas áreas, como teatro, música, cinema, literatura e artes plásticas, para defender o caráter coletivo e didático da obra de arte, bem como o engajamento político do artista. (Nota da IHU On-Line)

13 Jovem Guarda: movimento cultural brasileiro surgido em meados da década de 1960, que mesclava música, comportamento e moda. Surgida em agosto de 1965, a partir de um programa televisivo exibido pela TV Record, em São Paulo, apresentado pelo cantor e compositor Roberto Carlos, juntamente com o também cantor e compositor Erasmo Carlos e da cantora Wanderléa, a Jovem Guarda deu origem a toda uma nova linguagem musical e comportamental no Brasil. Sua alegria e descontração transformaram-na em um dos maiores fenômenos nacionais do século XX. Sua principal influência era o rock and roll do final da década de 1950 e início dos 1960. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Que história do Brasil é contada pelas letras das canções ao longo dos cinquenta anos de carreira de Caetano e Gil? Quais são as passagens mais marcantes da narrativa construída pelos artistas?

Alexandre Faria - O fato de estarem atuando sempre na tensão entre as demandas comerciais e os anseios de um projeto estético e político, pode-se dizer que os artistas (e nesse caso não só Caetano e Gil, mas todos os ligados a essa geração que tiveram e têm um papel preponderante junto ao público e ao mercado) constituem a si mesmos como personagens. Compositores de canções, parceiros de outros músicos afinados com seus projetos, e capazes de circular em

(Caetano e Gil)
Tornam-se
herdeiros dos
modernistas
da primeira
metade do
século XX

diversas estruturas da indústria fonográfica, do mercado, do *mainstream*, tornam-se personagens que interpretam a si mesmos enquanto artistas, portadores de uma voz privilegiada que pode ser difundida como leitura e interpretação do Brasil.

Também nesse sentido, tornam-se herdeiros dos modernistas da primeira metade do século XX, momento em que o autor e o intelectual colocam sua obra em função da ideologia nacional. São artistas diametralmente diferentes dos que, no BRock anos 80, embalados pela onda Punk, escapam pelo do it yourself; ou dos que, como no RAP, a partir dos anos 90, começaram a representar "a voz da comunidade", num movimento de evidente

contorno étnico-social que valoriza a diferença em detrimento do projeto nacional que buscava alguma forma de unidade fundamentada na diversidade.

Caetano e Gil são autores de projetos de interpretação do Brasil, que estão explícitos em canções--manifesto como "Tropicália" (Veloso) e "Geleia Geral" (Gil e Torquato Neto), ou em "Haiti" (da dupla), que justamente por esse aspecto, apesar de constituir-se pela linguagem do RAP, difere do RAP típico, do que chamei "voz da comunidade", por representar o preto/pobre como o outro e não como o eu. Quando o refrão afirma e nega que o Haiti é/não é aqui (citando outra cancão de Caetano "o Havaí que seja aqui"), este "aqui" refere-se à nação brasileira. O eu que surge nas canções de Caetano e Gil, nas canções que manifestam esse projeto político, coloca-se como o cantor (crítico, é claro) do

Enfim, Caetano e Gil criaram e representam personagens que são leitores do Brasil, como tantos outros de sua geração. Isso só foi possível graças ao legado modernista de que são herdeiros diretos. O que se coloca hoje em dia é se isso ainda é possível para um artista.

IHU On-Line - De que modo o senhor avalia as letras das canções compostas por Gil e Caetano durante o período ditatorial no Brasil, em que os artistas se posicionavam politicamente contra esse sistema e eram constantemente vigiados pela censura?

Alexandre Faria - Caetano e Gil praticamente não fizeram a canção de protesto típica dos anos 60/70. É claro que haverá uma ou outra exceção, das quais me lembro agora de "Roda" (Gil e João Augusto). Mas as canções que envolvem o projeto tropicalista não são absolutamente canções de protesto, embora tenham um espírito de contestação, no plano mais amplo, dos valores e comportamentos da época. Não há, no

entanto, uma apreensão coletiva, a ideia de povo, mas a reafirmação de um individualismo em liberdade, o que é, até hoje, potente e necessário frente às ondas de conservadorismo que avançam no Brasil.

Ouando a personagem da canção "Alegria, alegria" (Caetano) diz "Eu vou... sem livros e sem fuzil". demarca exatamente uma posição de quem não se alinha nem aos militares no poder (fuzil) nem ao CPC/UNE (livros). Outros gestos, demarcados na canção, como "eu tomo uma Coca-Cola" são arredios ao projeto anti-imperialista de esquerda. Caetano Veloso fará uma canção de protesto mais típica muito tardiamente, nos anos 1980, que é "Podres poderes". Há que se frisar que Gil e Caetano, como eu disse na questão anterior. nunca deixaram de dialogar com as estratégias e as convenções composicionais da época. Há, por exemplo, uma referência a Marighella¹⁴, num grito dado por Gil, na gravação feita por ambos da canção "Alfômega" (Gil), do Disco Branco (1969) de Veloso. Mas isso fica tão subliminar que quase nunca é mencionado.

Por outro lado, a maneira como os valores simbólicos são apropriados pela cultura ao longo do tempo pode relativizar essas leituras. Quando "Alegria, alegria" se tornou tema de abertura de uma minissérie da Globo sobre os anos de chumbo ("Anos Rebeldes", de Gilberto Braga), foi equivocadamente assimilada como uma canção de protesto da época. Da mesma forma, nada me assustará se "Pra não dizer que não falei das flores" (Vandré) venha a ser usada numa campanha publicitária do alista-

14 Carlos Marighella (1911-1969): político e guerrilheiro brasileiro, um dos principais organizadores da luta armada para a implantação do Comunismo no Brasil e contra o regime militar a partir de 1964. Preso no Presídio Especial de São Paulo, Marighella foi torturado pela polícia de Filinto Müller. Na noite de 04-11-1969 Marighella foi surpreendido por uma emboscada na alameda Casa Branca, na capital paulista. Foi morto a tiros por agentes do DOPS, em uma ação coordenada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury. (Nota da IHU On-Line)

mento militar. Lida longe do calor da hora, a canção de Vandré é uma convocação para um alinhamento à esquerda.

O tempo deixa claro que a alternativa tropicalista foi muito mais eficiente na articulação entre política e estética, na compreensão

66

Caetano e Gil criaram e representam personagens que são leitores do Brasil

profunda das contradições que ainda assombram a sociedade brasileira. A compreensão do Brasil por esse viés torna claro por que ainda hoje a classe média/alta ocupa a Avenida Paulista para pedir golpe, conclamar a volta dos militares e manifestar sem "silêncio sorridente" o ódio aos pretos, pobres, nordestinos etc. É significativo como, nesse momento, a figura de Marighella reapareça no cancioneiro de Caetano ("Um comunista", Abraçaço). Nessa canção fica claro o elogio da posição dissidente do líder comunista em relação ao projeto autoritário e totalitarista do partido.

IHU On-Line - De que modo o senhor avalia a poesia nas canções de Gil e Caetano? Quais características você destacaria como as mais marcantes no trabalho dos artistas? Por quê?

Alexandre Faria - As melhores escolas do estudo da canção desaconselham a ler a letra dissociada dos demais elementos constituintes do todo, a melodia, o ritmo, a harmonia, o desempenho vocal e (nas apresentações ao vivo) corporal do artista. Todos esses elementos são significativos para a leitura

da canção. Por isso, falar de uma poesia, isoladamente, deixaria a desejar em se tratando da leitura de suas canções. Mas considerando a letra que fazem, é tentador, para o crítico - e muitos o fazem - deslocá-los para o lugar do poeta. Não que seja mais importante, ou melhor, ser poeta do que letrista. São trabalhos diferentes. Mas o trato que Caetano e Gil dão à letra demonstra, quase sempre, uma habilidade que ultrapassa, e às vezes iguala-se, a de letristas que são unanimemente considerados ótimos.

Isso é um diferencial da dupla que talvez só encontre equivalência em alguns outros nomes, todos mais ou menos da mesma geração, dentre os quais é obrigatório citar Chico Buarque¹⁵. Outros letristas à altura desses nomes destacam-se como apenas letristas, mas não são intérpretes da própria canção, e aí temos um time muito maior. Não vou me lembrar de todos os nomes agora, mas são gênios como Aldir Blanc¹⁶,

15 Chico Buarque [Francisco Buarque de Hollanda] (1944): músico, compositor, teatrólogo e escritor carioca. Ganhou fama por sua música, que comenta o estado social, econômico e cultural do Brasil. Abordou a ditadura e, fugindo dela, criou um pseudônimo para continuar compondo e não ser barrado pela censura: Julinho da Adelaide com o qual compôs apenas três músicas. Sobre a canção "Cálice", além do título da composição ter som idêntico à expressão cale-se, seus versos poderiam ser confundidos com uma divagação religiosa, tal como no trecho "Pai, afasta de mim esse cálice, De vinho tinto de sangue, Como beber dessa bebida amarga, Tragar a dor, engolir a labuta, Mesmo calada a boca, resta o peito, Silêncio na cidade não se escuta". Gilberto Gil e Chico Buarque foram proibidos pela censura de cantar a canção em parceria no festival Phono 73, que aconteceu de 11 a 13 de maio de 1973, no Anhembi, em São Paulo. A dupla resolveu peitar a censura ao vivo, mas teve os microfones desligados. (Nota da IHU On-Line)

16 Aldir Blanc Mendes (1946): compositor e escritor brasileiro. Notabilizou-se como letrista a partir de suas parcerias com João Bosco, criando músicas como "Bala com Bala" (sucesso na voz de Elis Regina), "O Mestre-Sala dos Mares", "De Frente Pro Crime" e "Caça à Raposa". Uma de suas canções mais conhecidas, em parceria com João Bosco, é "O Bêbado e a Equilibrista", que se tornou um hino contra a ditadura militar, também tendo sido gravada por Elis Regina. (Nota da IHU On-Line)

Paulo Cesar Pinheiro¹⁷, Fausto Nilo¹⁸, Fernando Brant¹⁹ etc.

IHU On-Line - De que forma letra e música se relacionam nas canções de Caetano e Gil? Que papéis desempenham na construção simbólica transmitida nas músicas? O que representou para o cenário cultural brasileiro as experimentações estéticas?

Alexandre Faria- É evidente o trabalho da articulação entre letra e música na produção de Caetano e Gil. A variedade de gêneros musicais em que ambos investem é a

17 Paulo César Francisco Pinheiro (1949): compositor e poeta brasileiro. Tem mais de duas mil canções, das quais mais de mil gravadas, compostas com cerca de 120 parceiros, uma grande variedade que inclui músicos como João Nogueira, João de Aquino, Francis Hime, Dori Caymmi, Raphael Rabello, Antônio Carlos Jobim, Ivan Lins, Edu Lobo, Mauro Duarte, Guinga, Toquinho, Eduardo Gudin, Luciana Rabello, Mauricio Carrilho, Cristovão Bastos, Sergio Santos, Moacyr Luz, Danilo Caymmi, Baden Powell e Maria Bethânia. (Nota da IHU On-Line) 18 Fausto Nilo Costa Júnior (1944): compositor, arquiteto e poeta brasileiro. Deixou a cidade natal aos onze anos de idade e foi para a capital, Fortaleza, onde viria a se formar em Arquitetura, na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará. Junto com Antonio Carlos Aires Medina. Em 1971 mudou-se para Brasília e depois São Paulo e Rio de Janeiro. Gravou o primeiro grande sucesso, "Fim do mundo", em 1972. É considerado até hoje, ao lado de Paulo César Pinheiro, Ivan Lins, Vítor Martins, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Jobim, Roberto & Erasmo Carlos Vinícius de Moraes, Chico Buarque e Noel Rosa, um dos compositores com maior número de composições, cerca de 400 sucessos. (Nota da IHU On-Line)

19 Fernando Rocha Brant, conhecido como Fernando Brant (1946-2015): foi compositor brasileiro. Na década de 1960, na cidade de Belo Horizonte participou do movimento musical Clube da Esquina e durante a sua carreira foi parceiro de Milton Nascimento, Lô Borges, Wagner Tiso, Márcio Borges, Nivaldo Ornelas, Toninho Horta e Paulo Braga. (Nota da IHU On-Line)

prova de uma pesquisa detalhada sobre a melhor maneira de cantar uma letra ou de pôr letra numa canção. Ao mesmo tempo, o ecletismo é marca do que poderíamos chamar de registro poético-musical dos artistas. Usamos agui o termo registro no mesmo sentido em que se pode falar em registro linguístico, diferentes níveis de acessibilidade a um código. É assim que suas canções variam desde elaborações bastante acessíveis (e isso não quer dizer simples ou fáceis ou pobres. como alguns costumam entender), em diálogo com profundas tradições populares brasileiras, como o samba e o baião, até elaborações mais voluntariamente hibridizadas (porque aquelas já são híbridas em sua origem), em momentos de maior ou menor experimentação.

É claro que o custo de acessibilidade das canções mais experimentais é alto e pode representar "fracassos" comerciais, como foi o caso do disco *Araçá Azul*, de Veloso. Outro aspecto é que o diálogo com musicalidades populares muitas vezes se estabelece através de letras que se tornam profundamente reflexivas sobre aquele gênero que está sendo executado. Acontece, por exemplo, em "Desde que o samba é samba", "Miami maculelê", ou "Funk melódico".

IHU On-Line - Que canções dos dois artistas você destacaria como as mais representativas na trajetória dos 50 anos de carreira de ambos? Por quê?

Alexandre Faria - É praticamente impossível eleger algumas canções, de dois repertórios tão amplos, sem isso conter um aspecto absolutamente idiossincrático. As únicas menções que já podem ser historicamente garantidas são as canções-manifesto do movimento tropicalista, "Tropicália" e "Geleia geral"; as que os lançaram no festival de 1967, "Alegria, alegria" e "Domingo no parque"; e a antológica gravação ao vivo de "Proibido proibir", no Festival Internacional da Cancão de 1968, no Teatro Universidade Católica - TUCA, da Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP, principalmente pelo conteúdo do discurso furioso de Caetano. Com exceção desse título, qualquer citação de canções parecerá pessoal e aleatória. Eu mesmo teria diversas plavlists de ambos e dos dois juntos para compartilhar.

Cumpre ressaltar, ainda, que embora estejam comemorando os 50 anos de carreira juntos (como o fizeram pelos 25 anos, em 1993, com Tropicália 2) e sejam os dois nomes mais lembrados quando se fala de Tropicália, estamos refletindo sobre dois artistas bastante diferentes entre si. Compartilham uma amizade pública mais do que opções artísticas e estéticas que cada um evidencia em sua obra. O sintoma disso é que só em alguns momentos muito pontuais assinaram parcerias. Como a entrevista é feita sobre os dois juntos, talvez fosse o caso de lembrar aqui suas parcerias, que não deve chegar no total a 20 títulos, dos quais eu destaco "Panis et circenses", "Divino maravilhoso", "Batmacumba", "Cinema novo", "Haiti", além da recentíssima "As Camélias do Quilombo do Leblon".■

LEIA MAIS...

 A palavra escrita, falada e cantada como realizações da arte literária. Entrevista com Alexandre Faria, publicada na revista IHU On-Line, nº 380, de 14-11-2011, disponível em http://bit.ly/10cZVnW.

Os libertadores da criação artística brasileira

Para Miguel Jost Ramos, Caetano e Gil inauguram uma forma de fazer música no Brasil. Eles misturam o pop com o erudito, o novo com o tradicional e a comunicação de massa com a contracultura

Por Leslie Chaves e João Vitor Santos

magine um liquidificador que recebe doses de arcaico e moderno, de popular e erudito, de elemento pop e elemento folclórico, da comunicação de massa e da contracultura, tudo ao mesmo tempo. O resultado dessa mistura é uma "geleia geral" que mixa elementos culturais diversos. Para o professor do departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio Miguel Jost Ramos, essa é a receita do movimento da Tropicália, que tem Gilberto Gil e Caetano Veloso como seus expoentes. "Como consequência, influenciaram muitas gerações posteriores de artistas brasileiros de diferentes linguagens a ampliarem suas possibilidades de atuação", destaca. Assim, Ramos entende que os parceiros abandonam a ideia de dicotomia cultural, estética e política e passam a ver "seus aspectos de complementaridade e tensão". O resultado é que "Caetano e Gil libertaram a criação artística brasileira de amarras históricas como, por exemplo, o nacionalismo fechado e tacanho que acreditava numa essência da música popular brasileira a ser preservada e protegida".

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Ramos ainda destaca o caráter de complementaridade das carreiras, influenciando-se mutuamente. "Caetano sempre se caracterizou por ser um compositor e intérprete atento ao contemporâneo. Em muitos momentos de sua obra vemos

uma aproximação com colaboradores jovens que trouxeram para o seu trabalho uma estética inovadora e original", destaca. Gil, por sua vez, é entendido pelo professor como um verdadeiro multiculturalista brasileiro que vai do rock, reggae, funk, ao disco e ao soul norte-americano, sem esquecer marcas bem nacionais como o samba. "Gil tem um aspecto do seu trabalho que o coloca numa relação especial com outros instrumentistas e compositores. Sua forma de entender e conceber música tem uma originalidade muito forte, marca de sua assinatura, e, ao mesmo tempo, o coloca como um virtuoso da música brasileira", completa.

Miguel Jost Ramos é formado em Ciências Sociais pela PUC-Rio, mestre e doutor em Estudos de Literatura por esta mesma instituição. É pesquisador musical, atuando junto ao Núcleo de Estudos em Literatura e Música - Nelim, da PUC-Rio. Tem experiência nas áreas de Literatura e Sociologia, com ênfase em Cultura Brasileira, Música Popular e Produção Cultural Contemporânea. Desde 2013, atua como parecerista em editais para teatro e música na Secretaria de Cultura do município do Rio de Janeiro e na Secretaria de Cultura do Espírito Santo. Atualmente é pós-doutorando CAPES/PNPD no Departamento de Letras da PUC-Rio, onde atua como professor e coordena o curso de extensão e pós-graduação em Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo.

Confira a entrevista.

66

A carreira de ambos é marcada por uma pluralidade que nos dificulta apontar uma característica ou mesmo delimitar um espaço de atuação

IHU On-Line - Como se deu a aproximação artística entre Gil e Caetano e como entender essa aliança que perdura até os dias de hoje?

Miguel Jost Ramos - A cidade de Salvador na década de 1960 (Cidade da Bahia à época) vivia uma efervescência cultural muito específica na história brasileira. Esse fato decorria, a meu ver, principalmente da experiência radical proposta pela Universidade Federal da Bahia - UFBA sob a direção do reitor Edgar Santos¹ a partir do fim dos anos 50. Médico e político de tendências conservadoras, Edgar Santos aplicou na Universidade da Bahia uma proposta, nunca reeditada em mesma escala na universidade brasileira, de investimentos amplos e decisivos nas escolas de linguagens artísticas como dança, teatro e música. Como reitor, convidou professores e artistas do Brasil e do exterior para gerir esses investimentos, e lhes concedeu total liberdade para criação de programas ousados, inéditos para a educação brasileira, e com uma direção às perspectivas contemporâneas e de vanguarda. Fortaleceu também as faculdades das áreas das ciências humanas e sociais com investimentos estruturais e no corpo docente, e criou o primeiro centro de estudos afro-orientais da academia brasileira, sob a batuta de Agostinho Santos², figura paradigmática da UFBA naquele momento.

São inúmeros os relatos, de quem viveu em Salvador nestes anos, de que essa experiência de uma 'nova' universidade criou na cidade um ambiente que fomentava e incentivava a criação artística, o debate, o pensamento crítico, e que foi decisivo para toda uma geração na qual estavam inseridos também Caetano e Gil. Quem melhor chama atenção para essa experiência e o impacto dela é o antropólogo Antonio Risério³, que já escreveu

2 Agostinho dos Santos (1932-1973): cantor e compositor brasileiro. Seu maior sucesso foi cantando músicas da peça Orfeu da Conceição e depois do filme Orfeu Negro, como Manhã de Carnaval e Felicidade. Participou da apresentação de bossa nova no Carnegie Hall, em Nova Iorque (1962). Faleceu, em 1973, em trágico desastre aéreo nas imediações do Aeroporto de Orly em Paris, no Voo Varig 820. (Nota da IHU On-Line) 3 Antonio Risério (1953): antropólogo, poeta, ensaísta e historiador brasileiro. Em 1968, fez política estudantil, mergulhou na contracultura, sendo preso como subversivo pela ditadura militar aos dezesseis anos de idade. Em 1995, defende tese de mestrado em Sociologia com especialização em Antropologia na Universidade Federal da Bahia. Integrou grupos de trabalho que implantaram a televisão educativa, as fundações Gregório de Matos e Ondazul, e o Hospital Sarah Kubitschek, na Bahia. Elaborou o projeto geral para implantação do Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, e do Cais do Sertão Luiz Gonzaga, no Recife. Tem feito roteiros de cinema inúmeras vezes sobre isso em sua obra. O fato é que estamos falando de um período da Cidade da Bahia muito rico, que teve, não ao mesmo tempo, a presença de nomes como Glauber Rocha⁴, Raul Seixas⁵, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé⁶, Waly Salomão⁷, Rogério Duarte⁸,

e televisão e diversos ensaios sobre urbanismo e história da Bahia e do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

4 Glauber de Andrade Rocha (1939-1981): foi um cineasta brasileiro, ator e escritor. Começou a realizar filmagens (seu filme Pátio, de 1959), ao mesmo tempo em que ingressou na Faculdade de Direito da Bahia, onde atualmente é a Universidade Federal da Bahia, entre 1959 a 1961, e logo abandonou para iniciar uma breve carreira jornalística, em que o foco era sempre sua paixão pelo cinema. Ele se propunha a fazer uma arte engajada ao pensamento e pregava uma nova estética, uma revisão crítica da realidade. Era visto pela ditadura militar que se instalou no país, em 1964, como um elemento subversivo. (Nota da IHU On-Line)

5 Raul Seixas (1945-1989): cantor, compositor brasileiro, pioneiro do rock. É considerado o pai do rock brasileiro. Em 1973, lançou Kirg-Há, Bandolo! (Nota da IHU On-Line) 6 Antônio José Santana Martins — Tom Zé (1936): é um compositor, cantor, arranjador e jardineiro brasileiro. É considerado uma das figuras mais originais da música popular brasileira, tendo participado ativamente do movimento musical conhecido como Tropicália nos anos 1960 e se tornado uma voz alternativa influente no cenário musical do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

7 Waly Dias Salomão (1943-2003): poeta brasileiro. Era filho de sírio com uma sertaneja, formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia em 1967, mas nunca exerceu a profissão. Cursou a Escola de Teatro da mesma universidade (1963-1964) e estudou inglês na Columbia University, Nova York (1974-1975). Na década de 1960, participou do movimento tropicalista. Foi também uma figura importante da contracultura no Brasil, nos anos 1970. Atuou em diversas áreas da cultura brasileira. Foi letrista de canções de sucesso, como "Vapor Barato", em parceria com Jards Macalé. (Nota da IHU On-Line) 8 Rogério Duarte Guimarães (1939): intelectual multimédia baiano, Rogério Duarte é artista gráfico, músico, compositor, poeta, tradutor e professor. Nos anos 60 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como diretor de arte da UNE e da Editora Vozes. Foi o autor de vários cartazes para filmes de seu amigo Glauber Rocha, como Deus e o diabo na terra do sol (símbolo do cinema nacional), Terra em transe e A idade da terra. Também criou, para este último, a trilha sonora. Entre os vários artistas com os quais colaborou, contam-se Gilberto Gil, Caetano Veloso, João Gilberto, Jorge Ben e Gal Costa. Considerado um dos mentores intelectuais do movimento tropicalista, Rogério foi também um dos primeiros a ser preso e a denunciar publicamente a tortura no regime militar. Preso juntamente com seu irmão Ronaldo

¹ Edgard do Rêgo Santos (1894-1962): médico e político brasileiro. Formou-se na Faculdade de Medicina em 1917, clinicou na cidade de São Paulo, e em 1922 volta para a Bahia. Em seguida, segue para a Europa, em viagem de estudos e trabalho em hospitais da França e Alemanha. De volta ao Brasil em 1924, ingressa por concurso no quadro de docentes da sua Faculdade de Medicina, como lente da recém-criada cátedra de Patologia Cirúrgica. Neste concurso apresenta duas teses: "Câncer de bexiga" e "Intervenção cirúrgica nos domínios do simpático". Assume a direção do Hospital do Pronto-Socorro de Salvador, acumulando com a direção da Faculdade de Medicina da Bahia. Após a extinção do Estado Novo, esteve à frente da unificação das faculdades baianas na Universidade da Bahia. (Nota da IHU On-Line)

Carlos Nelson Coutinho⁹, entre muitos outros que protagonizaram uma cena cultural e intelectual vitalizada. Esse é o ambiente urbano e cultural que aproximou Gil e Caetano e lhes proporcionou a chance de fazerem coisas juntos no teatro e na música.

No sentido prático e biográfico. é importante constatar que Gil já tinha uma breve carreira de músico nos programas de auditório de rádios e televisões da Bahia, e que Caetano, ainda em Santo Amaro, já sabia quem era e prestava relativa atenção em Gilberto Gil. Caetano citou muitas vezes em entrevistas e depoimentos o fato de que sua mãe lhe gritava da frente da televisão: "Caetano, venha ver aquele preto que você gosta tocando violão na televisão". Assim, ao chegar em Salvador, vindo de Santo Amaro, ele já reconhecia o lugar de Gil como músico popular.

IHU On-Line - Quais características você destacaria como as mais marcantes do trabalho de Gil e Caetano? Por quê?

Miguel Jost Ramos - A carreira de ambos é marcada por uma pluralidade que nos dificulta apontar uma característica ou mesmo delimitar um espaço de atuação para estes dois artistas. Mas podemos dizer que, num primeiro momento, dentro do que consideramos ser o período do tropicalismo, Gil e Caetano foram artífices de profundas transformações nos horizontes estéticos da canção popular produzida no Brasil. A incorporação de uma série de novos elementos líri-

Duarte, o caso mobilizou artistas e mereceu ampla divulgação no jornal carioca Correio da Manhã, que publicou uma carta coletiva pedindo a libertação dos "Irmãos Duarte". (Nota da IHU On-Line)

9 Carlos Nelson Coutinho: filósofo brasileiro, livre docente pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e docente nesta instituição. Organizou as obras Ler Gramsci, entender a realidade (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003) e Antonio Gramsci, Escritos políticos (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004). Traduziu para o português os Cadernos do cárcere, lançados pela editora Civilização Brasileira. É autor de, entre outros, Marxismo e Política. A dualidade de poderes e outros ensaios (São Paulo: Cortez, 1996). (Nota da IHU On-Line)

cos, harmônicos, melódicos, assim como de procedimentos e suportes da cultura pop, da pop art, da música erudita de vanguarda, da poesia concreta, da publicidade, entre outros meios do qual o tropicalismo se apropriou, revolucionou a forma



Caetano e Gil abriram uma possibilidade nova de fazer música no Brasil

de se pensar e fazer música no Brasil com implicações presentes até os dias de hoje.

O trânsito com artistas de outras linguagens como Zé Celso Martinez Correa¹⁰, Hélio Oiticica¹¹, José

10 José Celso Martinez Corrêa, conhecido como Zé Celso (1937): é uma das pessoas mais importantes ligadas ao teatro brasileiro. Destacou-se como um dos principais diretores, atores, dramaturgos e encenadores do Brasil. Seu trabalho, encarado às vezes como orgiástico e antropofágico, iniciou-se no fim da década de 1950, e se definiu na década de 1960 quando Zé Celso liderou a importante Teatro Oficina – grupo amador formado quando integrava a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. (Nota da IHU On-Line)

11 Hélio Oiticica (1937-1980): pintor, escultor, artista plástico e performático de aspirações anarquistas. É considerado por muitos um dos artistas mais revolucionários de seu tempo e sua obra experimental e inovadora é reconhecida internacionalmente. Em 1959, fundou o Grupo Neoconcreto, ao lado de artistas como Amilcar de Castro, Lygia Clark, Lygia Pape e Franz Weissmann. Na década de 1960, Hélio Oiticica criou o Parangolé, que ele chamava de "antiarte por excelência" e uma pintura viva e ambulante. O Parangolé é uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que só mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas, grafismos e textos (mensagens como "Incorporo a Revolta" e "Estou Possuido"), e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha) a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, é considerado uma escultura móvel. Em 1965. foi expulso de uma mostra no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro por levar ao evento integrantes da Mangueira vestidos com parangolés. A experiência dos morros cariocas

Agrippino de Paula¹², e os irmãos Haroldo e Augusto de Campos¹³ também são um dado fundamental para entender como a música popular expandia o seu campo de atuação e de interesses naquele momento. Gil e Caetano, sem dúvida alguma, foram forças centrais desse processo, e esse é um primeiro aspecto a destacar que caracteriza de maneira singular o surgimento dos dois artistas.

Após o exílio dos dois em Londres entre 1969 e 1971-2, imposto pela ditadura civil militar brasileira, e a volta ao Brasil já sem o compromisso com o movimento tropicalista, suas carreiras percorreram caminhos diversos. Assim, compõem um quadro muito complexo para apontar uma característica ou outra que seja a mais marcante.

IHU On-Line - Qual a importância de Caetano e Gil para a formação da cultura brasileira na segunda metade do século XX? Qual é o principal aspecto que lhes dá notoriedade nesse contexto?

Miguel Jost Ramos - Caetano e Gil abriram uma possibilidade nova de fazer música no Brasil, e como consequência influenciaram muitas gerações posteriores de artistas brasileiros de diferentes linguagens a ampliarem suas possibilidades de atuação. O fato de adotar como dado positivo a coexistência do arcaico e do moderno, do popular e do erudito, do elemento pop e do elemento folclórico, da comunicação de massa e da contracultura, entre outras dicotomias que não eram pensadas em suas obras como polos de oposição, mas sim em seus aspectos de complementaridade e tensão, Caetano e Gil libertaram a criação artística brasileira de amarras históricas como, por

fazia parte da dimensão da sua obra. (Nota da IHU **On-Line**)

12 **José Agrippino de Paula** (1937–2007): escritor brasileiro. Dentre os livros de sua autoria se destaca *PanAmérica* (1967), obra fundamental para o desenvolvimento do movimento da Tropicália. (Nota da **IHU On-Line**)

13 Augusto e Haroldo de Campos: poetas concretistas brasileiros. (Nota do IHU On-Line) exemplo, o nacionalismo fechado e tacanho que acreditava numa essência da música popular brasileira a ser preservada e protegida. A experiência tropicalista de colocar no mesmo liquidificador, e criar uma verdadeira miscelânea, ou melhor, uma verdadeira geleia geral, em que misturava e mixava os elementos culturais mais diversos que conviviam no Brasil, é uma marca definitiva da história desse movimento e, mais especificamente, dos dois cantores e compositores.

IHU On-Line - Como vem se situando ao longo do tempo as obras de Caetano e Gil no cenário cultural brasileiro? E para além do Brasil?

Miguel Jost Ramos - Caetano e Gil tem, desde 1967, um papel de protagonismo no cenário cultural brasileiro. Suas canções, seus discos, shows, turnês possuem enorme relevância e ampla divulgação dos meios de comunicação, dos circuitos da crítica, e costumam atingir um grande e fiel público. Para além disso, são constantemente abordados e questionados a responderem sobre os mais variados temas da política e da sociedade brasileira. Em todas as entrevistas que concedem, os dois artistas são chamados a comentar fatos mais distintos da política nacional, como a corrupção de determinado partido ou governo, sua posição na política de drogas, ou do aborto, ou da redução da maioridade penal, ou do direito ao casamento, entre tantos outros temas polêmicos para nossa sociedade. Ao longo destas décadas ambos se tornaram figuras paradigmáticas do nosso meio cultural e também político. Seus posicionamentos a favor de um candidato A ou B, ou a favor do posicionamento X ou Y dentro de um tema polêmico, costumam gerar acalorados debates em meios de comunicação, crítica e redes.

Tanto Gil quanto Caetano tem um relevante destaque internacional de suas carreiras. Seus shows em turnês internacionais têm, além da presença de brasileiros radicados no exterior, um grande número de

estrangeiros interessados por suas obras. Se não desfrutaram do mesmo impacto que o sucesso de artistas da Bossa Nova como João Gilberto¹⁴ e Tom Jobim¹⁵ gerou fora do Brasil, não deixam de ter uma carreira internacional de destaque em vendas, público e crítica. E, ainda, ambos criaram parcerias com ar-



Ao longo destas décadas ambos se tornaram figuras paradigmáticas do nosso meio cultural e também político

tistas de fora do Brasil de grande projeção na música mundial. Vide, por exemplo, a colaboração de Gilberto Gil com nomes consagrados da música norte-americana como Stevie Wonder¹⁶ e Quincy Jones¹⁷.

14 João Gilberto Prado Pereira de Oliveira: conhecido como João Gilberto, violonista e cantor, é considerado um dos pais da bossa-nova brasileira, juntamente com Tom Jobim. Nasceu em Juazeiro (BA), em 1931, mudando-se para o Rio de Janeiro, em 1950. Perfeccionista, apresenta-se com sucesso em todo o mundo (Nota do IHU On-Line)

15 Antonio Carlos Jobim (1927-1994.): músico brasileiro. Foi pianista, compositor, arranjador, cantor, violonista e um dos principais compositores da bossa-nova. Fez carreira internacional. Sua composição "Garota de Ipanema", composta em parceria com Vinicius de Morais em 1962, chegou a figurar entre as dez mais executadas do mundo, tendo sido gravada pelo cantor estadunidense Frank Sinatra, entre outros intérpretes. Sobre o tema bossa-nova, confira a edição 272 da revista IHU On-Line, 08-09-2008, intitulada *Chega de saudade... Bossa nova, 50 anos*, disponível para download em http://bit.ly/1jXeSh7. (Nota do IHU On-Line).

16 Stevie Wonder (1950): nome artístico de Stevland Hardaway Morris, compositor, cantor e ativista de causas humanitárias e sociais estadunidense. Gravou mais de trinta sucessos que alcançaram o top ten e ganhou 25 Grammy Awards, o maior número já ganho por um artista masculino. (Nota da IHU On-Line)

17 **Quincy Delight Jones Jr.** (1933): empresário, arranjador vocal e produtor musical de trilhas sonoras norte-americano. Duran-

IHU On-Line - Que elementos você destacaria como mais relevantes na construção dos perfis de artista e das obras de Caetano e Gil? Quais mais contribuíram para eles serem como são?

Miguel Jost Ramos - Caetano, ao longo de sua carreira, sempre se caracterizou por ser um compositor e intérprete atento ao contemporâneo. Em muitos momentos de sua obra vemos uma aproximação com colaboradores jovens que trouxeram para o seu trabalho uma estética inovadora e original. Isso aconteceu em trabalhos dos anos 70, 80, 90, e mesmo de 2000 para cá. Sua veste 'camaleônica' é uma marca muito forte e pode ser vista de forma clara em discos que interviram no cenário cultural do seu tempo de maneira contundente como "Araçá Azul" (1973), "Estrangeiro" (1989) ou mesmo o recente "Cê" (2006), primeiro disco da trilogia completada por "Zii e Zie" (2009) e "Abraçaço" (2012).

Gil tem um aspecto do seu trabalho que o coloca numa relação especial com outros instrumentistas e compositores. Sua forma de entender e conceber música tem uma originalidade muito forte, marca de sua assinatura, e, ao mesmo tempo, o coloca como um virtuoso da música brasileira. Sua veia tropicalista, permanente no interesse por experiências da cultura pop como o rock, o reggae, o funk, a disco e o soul norte-americano, se expressa também no conhecimento profundo da tradição da música popular brasileira por via do samba, o samba de roda da Bahia e o baião. Gil é um multiculturalista no sentido pleno do termo, e não no contexto da armadilha políticoretórica que o termo criou dos anos 90 para cá. Seu interesse em pesquisar, descobrir e processar sonoridades de todos os lugares e fontes possíveis é uma espécie de

te 50 anos na indústria do entretenimento, o trabalho de Jones foi indicado para 79 Grammy Award, sendo premiado com 27 destes, e um Grammy Legends Award em 1991. Ele é mais conhecido por ajudar o ícone cultural Michael Jackson a produzir o álbum Thriller, que viria a ser o álbum mais vendido de todos os tempos. (Nota da IHU On-Line)

motor do seu trabalho nesses 50 anos de carreira e música.

IHU On-Line - Como se dá a influência mútua entre as obras dos dois? Em que aspectos é mais perceptível?

Miguel Jost Ramos - Como parceiros desde o início de suas carreiras, e estando sempre próximos como interlocutores e amigos, Gil e Caetano construíram uma cumplicidade evidente entre seus trabalhos. Cumplicidade citada e explicitada em muitos depoimentos, e que faz com que ainda hoje os dois saiam em uma longa turnê nacional e internacional para comemoração de 50 anos de carreira. Gil afirmou muitas vezes que não saberia dizer se teria sido capaz de realizar tudo que fez na música brasileira se não houvesse Caetano por perto e como parceiro. Caetano cita até hoje que foi Gil quem fez ele perder o 'medo' da música e do violão como instrumento.

Só esses dados já seriam fortes demais para entendermos a influência recíproca das suas obras, mas podemos ir além e chamar atenção também para discos que lançaram juntos ou individualmente em períodos que mantiveram forte contato. "Tropicália" (1968), "Transa" (1972), "Expresso 2222" (1972), "Tropicália 2" (1993) são demonstrações significativas desse entrelaço entre os dois músicos.

IHU On-Line - Como as obras de ambos dialogam/se contrapõem com outros estilos musicais e artistas dos cenários culturais brasileiro e internacional? Que momento (ou momentos) o senhor destaca como mais marcante?

Miguel Jost Ramos - Em diversos trabalhos de suas carreiras, Caetano e Gil apontaram para influências de outros artistas e procuraram dialogar com outras escolas da música brasileira e internacional. O tropicalismo já era uma afirmação desse desejo e isso se realiza em muitos outros momentos e discos de suas respectivas carreiras a partir dos anos 70. Gil, por exem-

plo, a partir de meados da década de 70, se aproximou muito do caldeirão musical da black music internacional. Seus discos da fase "Re" - "Refazenda" (1975), "Refavela" (1977), "Realce" (1979) - são o retrato mais fiel desse envolvimento e interesse. Gil também foi

Caetano, ao longo de sua carreira, sempre se caracterizou por ser um compositor e intérprete atento ao

contemporâneo

um artista voltado para a pesquisa e conhecimento de tradições populares e regionais do Brasil. Do seu interesse pela Banda de Pífanos do Caruaru¹⁸ no início de sua carreira até aproximações recentes com outros artistas populares, são inúmeros exemplos desse trânsito que sempre se propôs. Esteve também junto com diversos artistas da sua geração em shows, discos e outros trabalhos. Talvez o disco com Jorge Ben¹⁹ seja um dos mais significativos desses exemplos. Nos anos 80, trabalharia com Paralamas do

18 **Banda de Pífanos de Caruaru** ou Banda de Pífanos Zabumba de Caruaru: conjunto de música instrumental regional do Nordeste brasileiro composta por pífanos e percussão. (Nota da **IHU On-Line**)

19 Jorge Ben Jor (1945): guitarrista, cantor e compositor popular brasileiro. Seu estilo característico possui diversos elementos, entre eles: rock and roll, samba, samba rock (termo que gosta de usar), bossa nova, jazz, maracatu, funk, ska e até mesmo hip hop, com letras que misturam humor e sátira, além de temas esotéricos. A obra de Jorge Ben tem uma importância singular para a música brasileira, por incorporar elementos novos no suingue e na maneira de tocar violão, com características do rock, soul e funk norte-americanos. Além disso, trouxe influências árabes e africanas, oriundas de sua mãe, nascida na Etiópia. (Nota da IHU On-Line)

Sucesso²⁰ e Cazuza²¹, nos anos 90 com Chico Science²² e Arnaldo Antunes²³, e não cabeira aqui citar todas suas inúmeras parceiras que reificam essa vocação para o diálogo musical e cultural.

Caetano até hoje também desdobra sua carreira em parcerias diversas com artistas de sua geração e mais jovens. Desde seu primeiro disco com Gal²⁴, passando por Chico Buarque²⁵, sua irmã Bethânia²⁶,

20 Paralamas do Sucesso: é uma banda de ska e rock, formada no município fluminense de Seropédica, no Estado do Rio de Janeiro em 1982. Seus integrantes desde então são Herbert Vianna (guitarra e vocal), Bi Ribeiro (baixo) e João Barone (bateria). No início a banda misturava rock com reggae, posteriormente passaram a agregar instrumentos de sopro e ritmos latinos. (Nota da IHU On-Line)

21 Cazuza (1958-1990): cantor e compositor brasileiro que ganhou fama como vocalista e principal letrista da banda Barão Vermelho. Sua parceria com Roberto Frejat foi criticamente aclamada. (Nota da IHU On-Line) 22 Francisco de Assis França — Chico Science (1966-1997): mais conhecido pela

Science (1966-1997): mais conhecido pela alcunha de Chico Science, foi um cantor e compositor brasileiro, um dos principais colaboradores do movimento manguebeat em meados da década de 1990. (Nota da IHU On-Line)

23 Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho – Arnaldo Antunes (1960): músico, poeta, compositor, ex-VJ e artista visual brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

24 Maria da Graça Costa Penna Burgos – Gal Costa (1945): é uma cantora brasileira. Gal estreou ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Tom Zé e outros, o espetáculo Nós, Por Exemplo..., – que estreou em 22 de agosto de 1964-, que inaugurou o Teatro Vila Velha, em Salvador. Nesse mesmo ano participou de Nova Bossa Velha, Velha Bossa Nova, no mesmo local e com os mesmos parceiros. (Nota da IHU On-Line)

25 Chico Buarque de Hollanda (1944): músico, dramaturgo e escritor brasileiro, conhecido por ser um dos maiores nomes da MPB. Sua discografia conta com aproximadamente 80 discos, entre eles discos-solo, em parceira com outros músicos e compactos. É compositor de Construção, considerada uma das melhores músicas brasileiras já feitas. Filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda, iniciou sua carreira como escritor em 1962. Ganhou destaque como cantor a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, Chico Buarque de Hollanda, e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música "A Banda". Socialista declarado autoexilou-se na Itália em 1969, devido à crescente repressão do regime militar do Brasil nos chamados "anos de chumbo", tornando-se, ao retornar, em 1970, um dos artistas mais ativos na crítica política e na luta pela democratização no país. (Nota da IHU **On-Line**) 26 Maria Bethânia (1946): é uma cantora brasileira de MPB. Nascida em Santo AmaOdair José²⁷, David Byrne²⁸, Grupo Olodum²⁹, Jorge Mautner³⁰, Maria Gadú³¹, Roberto Carlos³², entre muitos outros, o compositor divide palco e estúdio com outros artistas

ro da Purificação, Bahia, ela participou, na juventude, de peças teatrais ao lado de seu irmão, o cantor Caetano Veloso e de outros cantores proeminentes da época. Em 1965, mudou-se para o Rio de Janeiro onde começou sua carreira musical substituindo a cantora Nara Leão no espetáculo Opinião. (Nota da IHU On-Line)

27 **Odair José de Araújo** (1948): é um cantor e compositor brasileiro, de estilo popularromântico-brega. (Nota **IHU On-Line**)

28 David Byrne (1952): nascido em Dumbarton, Escócia, Reino Unido, é um músico, compositor e produtor musical conhecido por ter fundado a banda Talking Heads, em 1974, um dos grupos precursores dos estilos new wave e worldbeat. Além do trabalho com o grupo, compôs trilhas para artistas como Twyla Tharp e Robert Wilson, nomes da dança e do drama respectivamente, além do filme O Último Imperador (de 1987, realizado por Bernardo Bertolucci) pelo qual ganhou um Oscar. Também dirigiu o filme "True Stories" (de 1986) e produziu diversos álbuns de música caribenha e brasileira (incluindo trabalho com Tom Zé e Margareth Menezes), notadamente "Rei Momo" (de 1989) e um vídeo documentário sobre o candomblé chamado "The House of Life" (também de 1989). (Nota da IHU On-Line)

29 **Grupo Olodum**: fundado como bloco afro carnavalesco em Salvador no ano de 1979, a Banda Olodum é atualmente um grupo cultural, considerado uma organização não-governamental reconhecida como de utilidade pública pelo governo do estado da Bahia. Depois da estréia no carnaval de 1980, a banda conquistou quase dois mil associados e passou a abordar temas históricos relativos às culturas africana e brasileira. (Nota da **IHU On-Line**)

30 **Jorge Mautner** (1941): cantor, compositor e escritor brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

31 Mayra Corrêa Aygadoux – Maria Gadú (1986): cantora, compositora de canções e violonista brasileira de Música Popular. Desde sua estreia, Maria chamou a atenção de público e crítica, sendo indicada duas vezes ao Grammy Latino. (Nota IHU On-Line)

32 Roberto Carlos Braga (1941): cantor e compositor brasileiro, um dos primeiros ídolos jovens da cultura brasileira, liderando o primeiro grande movimento de rock feito no Brasil. Além dos discos, estrelou um programa na TV Record, chamado Jovem Guarda (que batizou esse movimento de rock), e filmes inspirados na fórmula lançada pelos Beatles - como "Roberto Carlos em Ritmo de Aventura", "Roberto Carlos e o Diamante Cor-de-rosa" e "Roberto Carlos a 300km por Hora". Atualmente continua se apresentando com frequência e produz anualmente um especial que vai ao ar na semana do Natal pela Rede Globo, mesma época em que costumavam ser lançados seus discos anuais. Segundo a ABPD, o Roberto Carlos é o artista solo com mais álbuns vendidos na história do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

da música popular. Assim como Gil, Caetano traz em muitos dos seus discos a assinatura de produtores musicais com os quais travou um diálogo intenso e precioso. Desde Rogério Duprat³³, no período tropicalista, passando pela contribuição de Jards Macalé³⁴ para o disco "Transa", e chegando em nomes mais recentes em sua carreira como Arto Lindsay35, Jacques Morelembaum³⁶ e Alexandre Kassin³⁷, são muitos os momentos em que Caetano traz para seus discos a contribuição e assinatura de músicos e arranjadores que conferem aos discos sonoridades novas.

Caetano e Gil também criaram, em determinados momentos de suas carreiras, espécies de 'discos tributos' em que homenageiam ou releem algumas de suas principais influências na música. Gil gravou um disco de canções só de Bob

33 **Rogério Duprat** (1932-2006): compositor e maestro brasileiro. Um dos maiores responsáveis pela ascensão da Tropicália, personalizando o som do então emergente movimento musical com arranjos bem elaborados, criativos e perfeitamente antenados com as tendências internacionais da época. (Nota da **IHU On-Line**)

34 **Jards Anet da Silva** (1943): conhecido como Macalé, é um ator, cantor e compositor brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

35 **Arthur Morgan Lindsay** (1953): é um cantor, guitarrista, produtor musical e compositor estadunidense. (Nota da **IHU On-Line**)

36 Jaques Morelenbaum (1954): é um violoncelista, arranjador, maestro, produtor musical e compositor brasileiro. Filho do maestro Henrique Morelenbaum e da professora de piano Sarah Morelenbaum, é irmão de Lucia Morelenbaum, clarinetista da Orquestra Sinfônica Brasileira, e de Eduardo Morelenbaum, maestro, arranjador e instrumentista. É casado com a cantora Paula Morelenbaum. Iniciou a carreira musical como integrante do grupo A Barca do Sol, participou também da Nova Banda em dez anos de parceria com Antônio Carlos Jobim, atuando em espetáculos e gravações que os levaram a vencedores do Grammy com o CD Antônio Brasileiro. Destacado como violoncelista, estudou música no Brasil e mais tarde ingressou no New England Conservatory, onde frequentou as classes de Madeline Foley, que, por sua vez, foi discípula de Pablo Casals. (Nota da IHU On-Line)

37 Alexandre Kamal Kassin (1974): produtor musical, cantor, compositor e multi-instrumentista brasileiro. É um dos principais produtores musicais brasileiros. Integrou junto com Moreno Veloso e Domenico Lancelotti, o aclamado grupo +2. (Nota da IHU On-Line)

Marley³⁸ e, recentemente, um disco só de sambas gravados por João Gilberto em sua discografia. É notório também seu trabalho de reverência à tradição do baião no Brasil e à obra de Luiz Gonzaga³⁹. Caetano Veloso rendeu homenagens mais panorâmicas em que interpretava clássicos do cancioneiro latino--americano e norte-americano. Uma curiosidade a mais que podemos perceber em Caetano está na maneira constante que cita outros músicos em letras de sua autoria, como Djavan⁴⁰, Donato⁴¹, Kassin, entre muitos.

IHU On-Line - Qual a importância do movimento tropicalista nas carreiras de Gil e Caetano? De que forma foi se compondo o cenário para a emersão deste movimento?

Miguel Joel - Como disse, o tropicalismo é determinante para

38 Robert Nesta Marley – Bob Marley (1945-1981): um cantor, guitarrista e compositor jamaicano, o mais conhecido músico de reggae de todos os tempos, famoso por popularizar o género. Marley já vendeu mais de 75 milhões de discos. A maior parte do seu trabalho lidava com os problemas dos pobres e oprimidos. Levou, através de sua música, o movimento rastafári e suas ideias de paz, irmandade, igualdade social, preservação ambiental, libertação, resistência, liberdade e amor universal ao mundo. (Nota da IHU On-Line)

39 Luiz Gonzaga do Nascimento – o Rei do Baião (1912-1989): foi um importante compositor e cantor popular brasileiro. Foi uma das mais completas, importantes e inventivas figuras da música popular brasileira. Cantando acompanhado de sua sanfona, zabumba e triângulo, levou a alegria das festas juninas e dos forrós pé-de-serra, bem como a pobreza, as tristezas e as injustiças de sua árida terra, o Sertão Nordestino, ao resto do país, numa época em que a maioria desconhecia o baião, o xote e o xaxado. (Nota da IHU On-Line)

40 Djavan Caetano Viana (1949): cantor, compositor, produtor musical e violonista brasileiro. As músicas de Diavan são conhecidas pelas suas "cores". Ele retrata muito bem em suas composições a riqueza das cores do dia a dia e se utiliza de seus elementos em construções metafóricas de maneira distinta dos demais compositores. As músicas são amplas, confortáveis chegando ao requinte de um luxo acessível a todos. Até hoje é conhecido mundialmente pela sua tradição e o ritmo da música cantada. (Nota da IHÚ On-Line) 41 João Donato de Oliveira Neto (1934): mais conhecido apenas como João Donato, é um pianista, acordeonista, arranjador, cantor e compositor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

toda produção cultural brasileira a partir do fim dos anos 60. Seu legado é enorme em nosso país, o que podemos ver nas inúmeras citações, pesquisas, homenagens, tributos, antologias que rememoram a experiência do movimento. Caetano e Gil, como duas das vozes mais representativas dessa experiência, são, e serão, sempre lembrados por seu protagonismo nesse período. Acredito que em relação ao desenvolvimento de suas carreiras, o legado tropicalista teve muito peso nos anos 70, quando, ainda no período da ditadura civil militar brasileira, muitos esperavam que atitudes fortes e contestadoras pudessem vir dos dois compositores à semelhanca do que ocorrera entre 67 e 68.

Na imprensa alternativa e no público jovem havia também uma tentativa de entender por que o tropicalismo não se configurava mais como um movimento organizado e por que Gil e Caetano se recusavam a responder em nome do tropicalismo ou como seus representantes. A partir dos anos 80 e na chegada aos 90, quando inclusive eles gravam o disco "Tropicália 2", essa pressão e expectativa começam a se dissipar. Hoje, em vez de expectativa, o que encontramos é um tom de celebração e, por vezes, até mesmo mítico em relação à participação de ambos no movimento.

Contudo, acredito que podemos afirmar que, como prática e procedimento, como estética e política, o tropicalismo sempre se manteve presente ao longo dos 50 anos de carreira dos dois compositores. O problema que se configura nesse caso é de como interpretamos o que foi o Tropicalismo. Entendendo-o, como eu prefiro, como prática e procedimento, é possível sim afirmar sua permanência nos trabalhos de Gil e Caetano, assim como de outros que não são o tema dessa nossa conversa.

IHU On-Line - Você poderia falar um pouco sobre o papel do músico popular na sociedade brasileira, principalmente à luz das discussões em torno do posicionamento político de Caetano e Gil, que de um lado foram perseguidos pelo regime ditatorial e, de outro, muito cobrados por parte do público?

Miguel Jost Ramos - A música tem, desde sempre, um papel mui-

Gil e Caetano construíram uma cumplicidade evidente entre seus trabalhos

to particular no Brasil. Seguindo a ideia defendida por José Miguel Wisnik⁴² de que em nosso país saltamos da tradição oral para uma tradição áudio-audiovisual, e que não passamos pela consolidação da escrita e da leitura em nossa sociedade, podemos entender que canção popular e urbana brasileira, como configurada no início do século XX, foi decisiva em temas básicos da identidade nacional brasileira como a unificação da língua. Isso também para a compreensão de determinadas práticas e costumes como tipicamente brasileiras. Através do rádio se inventou muito do que até hoje entendemos como "o Brasil". A canção popular foi o meio pelo qual se revelou e explicitou essa ideia de país. Esse já é um dado significativo para entendermos a centralidade que a canção popular desempenhou para nós.

Como não nos cabe aqui repisar toda essa história, podemos saltar diretamente para os anos 60 e tentar entender em qual contexto estavam inseridos Gil, Caetano e

42 José Miguel Soares Wisnik (1948): músico, compositor e ensaísta brasileiro. É também professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Graduado em Letras (Português) pela Universidade de São Paulo (1970), mestre (1974) e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada (1980), pela mesma Universidade. (Nota da IHU On-Line)

outros músicos populares de sua geração. Essa foi uma década com muitas particularidades e é possível dizer que talvez tenha sido um dos raros momentos em que se realmente acreditou que a cultura tinha implicações diretas sobre a realidade política e social brasileira. Discussões como arte engajada, papel do intelectual e do artista nas transformações e lutas sociais, nacionalismo versus imperialismo cultural, resistência à ditadura, eram temas do dia a dia entre músicos, compositores e demais artistas. Muitos acreditavam, de fato, que o compositor popular deveria ser o porta-voz de uma série de demandas políticas e sociais do Brasil. O uso inteligente dessa crença por parte dos produtores de televisão, e também dos festivais de música, criou um ambiente de polarização entre determinados grupos, como o do tropicalismo e o da canção de protesto, e gerou ainda mais repercussão em cima de algumas divergências entre estes.

O fato é que se jogou muita luz sobre esse lugar do compositor popular como alguém que deveria comentar e interpretar o país. Analisando depoimentos e entrevistas daquele momento com os compositores e cantores, encontramos perguntas que anos antes seria inimaginável vermos sendo feitas a artistas ligados à bossa nova ou ao samba jazz. Talvez pela violência com que a ditadura reagiu à presença destes compositores como referências de um pensamento de oposição ao regime autoritário, talvez pela forma contundente com que eles se pronunciavam nesse período, o que aconteceu foi que se consolidou no Brasil, principalmente em relação a esta geração de artistas, uma prática de exigir e cobrar do músico popular uma postura política definida diante dos mais variados e surpreendentes temas. Esse é um movimento que se inicia nos anos 60, mas que perdura na nossa história cultural ainda nos dias de hoje. Caetano, Gil e Chico Buarque talvez sejam a representação máxima desse papel que também coube ao músico popular no Brasil.■

A vanguarda caleidoscópica do Brasil expressa na obra de Caetano e Gil

Para Christopher Dunn, a vasta produção cultural dos dois tropicalistas apresenta para o mundo uma imagem plural e dinâmica do país

Por Leslie Chaves

á algum tempo o trabalho de Gilberto Gil e Caetano Veloso é consagrado no exterior. Esse reconhecimento foi sendo construído ao longo da trajetória desses artistas a partir de sua ousadia criativa e liberdade de experimentação. Na entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, Christopher Dunn aponta que essa riqueza cultural encantou o público norte-americano, que estava habituado a associar a música brasileira prioritariamente à Bossa Nova antes de tomarem contato com a obra tropicalista. "Em meados dos anos 1990 houve, agui nos Estados Unidos, um surto de interesse na Tropicália, que foi muito tardio, mais de 20 anos depois. Nos anos 1960 não se sabia nada da Tropicália aqui e mesmo depois, nos anos 1970 e 1980, havia pouca informação sobre isso, só mesmo os estudiosos conheciam. Então, a partir dos anos 1990 houve a descoberta dessa música que soava psicodélica, e as pessoas ficaram fascinadas", conta.

A partir da obra desses dois artistas não só a música e o cenário cultural brasileiro começam a ganhar diferentes nuances aos olhos do mundo, mas também a representação do Brasil no exterior se complexifica e recebe novos referenciais. Como aponta Dunn, "ambos são conhecidos como vozes que não podem ser reduzidas a uma linha, porque eles podem transitar por diversos estilos. Dentro deste contexto amplo, eles são associados, por exemplo, com a louvação da Bahia, vista como um lugar mágico de produção cultural muito forte. Ao mesmo tempo, são conhecidos como artistas que retratam o Brasil com uma sensibilidade crítica. abordando os problemas sociais, como a violência policial, a pobreza, a desigualdade de classe, as questões raciais e de gênero. Esses temas entram na música de Caetano e Gil há muito tempo".

Christopher Dunn é doutor em Estudos Luso-brasileiros pela Brown University e professor de Literatura e estudos culturais brasileiros na Tulane University, de Nova Orleans, Estados Unidos. Entre suas publicações destacam-se Brutality Garden: Tropicália and the emergence of a Brazilian Counterculture (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2001), além de Brazilian Popular Music and Citizenship (Durham: Duke University Press, 2011) e Brazilian popular music and globalization (Londres: Routledge, 2001), obras das quais é coorganizador.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - De onde partiu seu interesse pelos estudos sobre a cultura brasileira?

Christopher Dunn - Quando eu estava na faculdade tive um professor muito querido que trabalha-

va com a história latino-americana. Ele era meio brasilianista, mas como historiador, não era musicólogo. Porém, ele tinha uma coleção de discos de MPB e era daquela grande geração dos anos 1960. Ouvindo os discos, eu fiquei apaixona-

do pela música brasileira. Foi assim que resolvi visitar o Brasil pela primeira vez e fui ficando cada vez mais interessado no assunto.

Depois, decidi fazer uma pósgraduação e durante o curso tive 66

Eles são grandes referências para a música e a cultura mundial porque são realmente dois gênios

a oportunidade de produzir um programa de rádio. Então nós resolvemos fazer uma edição sobre a Tropicália, porque completava 25 anos de seu surgimento - isso foi em 1992. Naquela época, nos Estados Unidos não se falava da Tropicália, então foi uma das primeiras reportagens sobre o movimento. Nesse período eu conheci Gil, Caetano e Tom Zé¹, que me concederam entrevistas para o programa. Foi a partir daí que eu percebi que a Tropicália seria um tema perfeito para uma tese.

Esse foi um momento interessante porque no final dos anos 1980 o David Byrne², dos *Talking Heads*³,

1 Antônio José Santana Martins – Tom Zé (1936): é um compositor, cantor, arranjador e jardineiro brasileiro. É considerado uma das figuras mais originais da música popular brasileira, tendo participado ativamente do movimento musical conhecido como Tropicália nos anos 1960 e se tornado uma voz alternativa influente no cenário musical do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

2 David Byrne (1952): Nascido em Dumbarton, Escócia, Reino Unido, é um músico, compositor e produtor musical conhecido por ter fundado a banda Talking Heads, em 1974, um dos grupos precursores dos estilos new wave e worldbeat. Além do trabalho com o grupo, compôs trilhas para artistas como Twyla Tharp e Robert Wilson, nomes da dança e do drama, respectivamente, além do filme O Último Imperador (de 1987, realizado por Bernardo Bertolucci) pelo qual ganhou um Oscar. Também dirigiu o filme True Stories (de 1986) e produziu diversos álbuns de música caribenha e brasileira (incluindo trabalho com Tom Zé e Margareth Menezes), notadamente Rei Momo (de 1989) e um vídeo documentário sobre o candomblé chamado The House of Life (também de 1989). (Nota da IHU On-Line)

3 **Talking Heads**: banda surgida em Nova Iorque, Estados Unidos, no dia 8 de setembro de 1974, entre os movimentos punk e new wave. Formada pelo guitarrista e vocalista David Byrne, Chris Frantz, Tina Weymouth e Jerry Harrison, a banda ganhou notoriedade por fundir o rock e o new wave com a world

lancou um selo de discos chamado Luaka Bop, que ainda existe. Esse selo era dedicado a encontrar música internacional interessante. O primeiro disco que ele lançou foi de música brasileira4, e logo depois, em 1990, lançou uma coletânea⁵ de músicas do Tom Zé. Esse álbum foi muito importante tanto para o artista quanto para o público norte-americano e europeu, porque a música dele soava muito diferente, experimental e vanguardista e essa não era a impressão que as pessoas tinham da música brasileira. Antes dos anos 1990 a música brasileira era uma subcategoria de Jazz, era sempre vendida nas lojas nessa seção, por causa da Bossa Nova6. O público que ouvia música brasileira em geral apreciava Tom Jobim⁷,

music, principalmente ritmos africanos. O grupo existiu de 1974 até 1991. (Nota da IHU **On-Line**)

4 Disco **Beleza Tropical** (1989). (Nota da **IHU On-Line**)

5 Disco **The Best of Tom Zé** (1990). (Nota da **IHU On-Line**)

6 Bossa nova: derivado do samba e com forte influência do jazz, trata-se de um movimento da música popular brasileira do final dos anos 1950 lançado por João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes e jovens cantores e/ou compositores de classe média da zona sul carioca. De início, o termo era apenas relativo a um novo modo de cantar e tocar samba naquela época, ou seja, a uma reformulação estética dentro do moderno samba carioca urbano. Com o passar dos anos, a Bossa Nova tornou-se um dos movimentos mais influentes da história da música popular brasileira, conhecido em todo o mundo, um grande exemplo disso é a música "Garota de Ipanema", composta em 1962 por Vinícius de Moraes e Antônio Carlos Jobim. Sobre o tema, confira a edição da IHU On-Line intitulada Chega de saudade... Bossa Nova, 50 anos, de 08-09-2008, disponível em http:// bit.ly/YzDFvb. (Nota da IHU On-Line)

7 Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim (1927-1994): mais conhecido como Tom Jobim, foi um compositor, maestro, pianista, cantor, arranjador e violonista braJoão Gilberto⁸ e outros artistas da Bossa Nova. Hoje em dia esse gosto já está muito mais diversificado, as pessoas conhecem vários aspectos da música brasileira.

IHU On-Line - Como a música brasileira de uma forma geral é vista no exterior? E nos Estados Unidos?

Christopher Dunn - Como eu estava dizendo, o conhecimento e o gosto pela música brasileira têm se diversificado muito nos últimos tempos. Atualmente é bastante comum ter norte-americanos que conhecem, por exemplo, o forró; há bandas desse gênero agui e diversos grupos que cultuam músicas do nordeste brasileiro. Tem crescido muito o número de bandas de música brasileira que tocam aqui nos Estados Unidos, tipicamente são formadas por brasileiros radicados aqui e norte-americanos que gostam de música brasileira.

Em meados dos anos 1990 houve, agui nos Estados Unidos, um surto de interesse na Tropicália. Um crítico do jornal The New York Times escreveu sobre o Tropicalismo e começou a circular mais a música do movimento. Esse interesse foi muito tardio, mais de 20 anos depois. Nos anos 1960 não se sabia nada da Tropicália agui e mesmo depois, nos anos 1970 e 1980, havia pouca informação sobre isso, só mesmo os estudiosos conheciam. Então, a partir dos anos 1990 houve a descoberta dessa música que soava psicodélica, e as pessoas ficaram fascinadas. Foram relançados aqui os discos tropicalistas, e artistas

sileiro. É considerado o maior expoente de todos os tempos da música brasileira pela revista *Rolling Stone*, e um dos criadores do movimento da bossa nova. É praticamente uma unanimidade entre críticos e público em termos de qualidade e sofisticação musical. (Nota da **IHU On-Line**)

8 João Gilberto Prado Pereira de Oliveira: conhecido como João Gilberto, violonista e cantor, é considerado um dos pais da bossa nova brasileira, juntamente com Tom Jobim. Nasceu em Juazeiro (BA), em 1931, mudando-se para o Rio de Janeiro, em 1950. Perfeccionista, apresenta-se com sucesso em todo o mundo. (Nota da IHU On-Line)

como Gal Costa⁹ e Os Mutantes¹⁰ fizeram muito sucesso.

Hoje a Tropicália é uma referência para um público considerável de pessoas que acompanham a música mundial. Também há mais artistas brasileiros se apresentando aqui, o que contribui para construir uma noção muito mais diversificada da música brasileira do que havia cerca de 30 anos atrás.

IHU On-Line - Em geral como são vistos especificamente Caetano e Gil no exterior? E nos Estados Unidos?

Christopher Dunn - Eles são grandes referências para a música e a cultura mundial porque são realmente dois gênios. O fato de Gil ter sido ministro da Cultura também contribuiu para ampliar o conhecimento sobre o trabalho deles. Ele veio muitas vezes aos Estados Unidos, esteve na universidade em que leciono, onde recebeu o título de Doutor Honoris Causa. A atuação dele como ministro atraiu muita atenção, ele apareceu muito na mídia como um administrador cultural, uma referência muito importante, para além de sua carreira de artista.

No caso do Caetano, o conhecimento sobre ele passou pela sua atuação como intelectual público, muito em função da publicação do livro *Verdade Tropical* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), que

9 Maria da Graça Costa Penna Burgos – Gal Costa (1945): mais conhecida como Gal Costa, é uma cantora brasileira. Gal estreou ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Tom Zé e outros, o espetáculo Nós, Por Exemplo..., que estreou em 22 de agosto de 1964, que inaugurou o Teatro Vila Velha, em Salvador. Nesse mesmo ano participou de Nova Bossa Velha, Velha Bossa Nova, no mesmo local e com os mesmos parceiros. (Nota da IHU On-Line)

10 Os Mutantes: banda psicodélica brasileira formada em 1966, em São Paulo, por Rita Lee (vocais), Sérgio Dias (guitarra, vocais) e Arnaldo Baptista (baixo, teclado, vocais). Depois de quase trinta anos ausentes dos palcos, o grupo retornou em 2006 com sua formação clássica, exceção feita a Rita Lee, que não aceitou voltar ao grupo. A cantora Zélia Duncan foi convidada a assumir os vocais e desde então acompanha a banda. (Nota da IHU On-Line)

foi traduzido para o inglês. No início dos anos 1990 ele foi chamado para escrever um ensaio sobre Carmen Miranda¹¹ e acho que esse trabalho também despertou o interesse pelo pensamento de Caetano e sua leitura da cultura brasileira.

Então ambos têm um prestígio, mas não uma referência de massa, atingem um público predominantemente de estudantes, intelectuais e pessoas que têm uma certa sensibilidade para a música internacional. Imagino que eles tenham mais público na Europa, onde têm uma

66

Em meados dos anos 1990 houve, aqui nos Estados Unidos, um surto de interesse na Tropicália

história mais conhecida. Ao longo dessas cinco décadas de carreira, tenho a impressão de que eles têm feito mais turnês pelos países europeus. Porém, quando eles se apresentam aqui nos Estados Unidos, atraem bastante público nos shows.

IHU On-Line - Quais características você destacaria como as mais marcantes do trabalho de Gil e Caetano? Por quê? Quais se destacam no exterior?

11 Maria do Carmo Miranda da Cunha (1909-1955): mais conhecida como Carmen Miranda, foi uma cantora e atriz luso-brasileira. Sua carreira artística transcorreu no Brasil e Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1950. Trabalhou no rádio, no teatro de revista, no cinema e na televisão. Foi considerada pela revista *Rolling Stone* como a 15ª maior voz da música brasileira. Um ícone e símbolo internacional do país no exterior. (Nota da IHU On-Line)

Christopher Dunn - Acima de tudo Caetano e Gil são cosmopolitas, mas também têm uma grande sensibilidade para a própria tradição. Eles comunicam os valores estéticos e culturais da tradição brasileira, mas também são conhecedores profundos das tradições de diversos outros países. Isso se demonstra, por exemplo, pelo fato de eles logo no início da carreira abracarem a linguagem do rock, como os Beatles¹² e Bob Dylan¹³, enfim, a música feita nos Estados Unidos e Inglaterra, e incorporarem esses elementos no próprio trabalho. Mesmo trabalhando dentro da tradição brasileira, eles estão sempre muito antenados no que está acontecendo no cenário internacional. Não é que sejam os únicos a fazer isso, mas eles tiveram uma certa sensibilidade ao longo dos anos que facilitou esse trânsito entre Brasil e o mundo. Como eu disse, são cosmopolitas que têm essa vantagem de criar música enraizada na tradição local, mas ao mesmo tempo

12 The Beatles: banda de rock inglesa, criada no final da década de 1950. Formada por John Lennon (guitarra e vocal), Paul McCartney (baixo e vocal), George Harrison (guitarra e vocal) e Ringo Star (bateria e vocal), é o grupo musical considerado mais bemsucedido e aclamado da história da música popular. Enraizada do skiffle e do rock and roll da década de 1950, a banda veio mais tarde a assumir diversos gêneros que vão do folk rock ao rock psicodélico, muitas vezes incorporando elementos da música clássica e outros, em formas inovadoras e criativas. Sua crescente popularidade, que a imprensa britânica chamava de "Beatlemania", fez com que eles crescessem em sofisticação. Os Beatles vieram a ser percebidos como a encarnação de ideais progressistas e sua influência se estendeu até as revoluções sociais e culturais da década de 1960. (Nota da IHU On-Line) 13 Bob Dylan (nome artístico de Robert Allen Zimmerman) (1941): é um cantor e compositor norte-americano de música Folk dono de uma extensa discografia. Em 2004, foi eleito pela revista Rolling Stone o 7º maior cantor de todos os tempos e, pela mesma revista, o 2º melhor artista da música de todos os tempos, ficando atrás somente dos Beatles, e uma de suas principais canções, "Like a Rolling Stone", foi escolhida como uma das melhores de todos os tempos. Influenciou diretamente grandes nomes do rock americano e britânico dos anos de 1960 e 1970. Em 2012. Dylan foi condecorado com a Medalha Presidencial da Liberdade pelo presidente dos Estados Unidos Barack Obama. (Nota da IHU On-Line)

bastante engajada com as coisas que vêm de fora.

IHU On-Line - O exílio de Caetano e Gil em Londres deixou influências no cenário cultural internacional? Quais? De que modo?

Christopher Dunn - Estamos falando de cerca de dois anos e meio, entre junho de 1969 e janeiro de 1972, relativamente pouco tempo, e também os dois ficaram basicamente na Inglaterra. Eles até viajaram para a Franca, não para fazer shows, mas para visitar amigos. Gil chegou a passar em Nova lorque em 1971. Assim, esse exílio teve mais impacto sobre a cena folk rock britânica, mas tenho a impressão de que não houve uma influência muito significativa em outros campos. Por exemplo, toda a produção deles de 1968 teve pouca projeção na época. O público deles em Londres, na Inglaterra, era restrito.

Então, a projeção deles como músicos internacionais foi relativamente pequena durante o exílio, só a partir dos anos 1980 é que assume mais relevância. No final dos anos 1970 Gil fez uma tentativa de buscar projecão internacional, quando ele gravou um disco em Los Angeles intitulado *Nightingale* (1979), com algumas composições em inglês. Foi uma tentativa de atrair um público norte-americano, mas não teve muito êxito. O disco é interessante, é bom, mas não surtiu o resultado esperado. Nos últimos 20 anos é que eles realmente conquistaram um público bem maior.

IHU On-Line - Ao longo dos 50 anos de carreira de Caetano e Gil, quais momentos destacaria como mais significativos no cenário cultural mundial?

Christopher Dunn - Há muitos momentos interessantes, é até difícil escolher, mas vou destacar alguns. A experiência Tropicalista é uma dessas fases importantes, foi uma experiência fundamental. O fato de terem participado de um trabalho coletivo assumindo uma

posição de destaque é relevante. Também acho sempre interessante lembrar que os dois até hoje se identificam como tropicalistas. Desse modo, essa foi uma experiência claramente formadora.

A música que eles produziram na volta do exílio também foi muito significativa. Aqueles dois discos que eles lançaram em 1972, no caso de Caetano foi *Transa* e no de Gil *Expresso* 2222, marcaram a volta deles para o Brasil e foram fundamentais para o cenário cultural daquele tempo, o início dos anos 1970.

Depois eu destacaria como momento interessante o final da década de 1970, quando eles abraçaram a música negra internacional, como o soul e o reggae. Eles chegaram a viajar para a África, onde Gil participou do Festival de Arte Negra - Festac14, na Nigéria. Naquele tempo eles também comecaram a se aproximar das manifestações populares afro-baianas, como os blocos afros, e tiveram um papel muito importante na difusão e, de alguma forma, na legitimação desses grupos emergentes. Gil, no disco Refavela (1977), gravou uma música do Ilê Aiyê15, a Que bloco é

14 II Festival Negro e Africano das Artes e da Cultura – Festac: nos meses de janeiro e fevereiro de 1977, foi realizado na Nigéria o II Festival Negro e Africano das Artes e da Cultura, o Festac. O primeiro festival havia acontecido em 1966, em Dakar, Senegal. Os dois projetos representavam a emergência e a afirmação dos países e da identidade africana perante o mundo, funcionavam como pontes e ao mesmo tempo amplificadores de divulgação e troca de culturas e entre os países ricos e colonizadores e os africanos, já em grande número, independentes. (Nota da IHU On-Line)

15 Ilê Aiyê: é o mais antigo bloco afro do carnaval da cidade de Salvador, no estado da Bahia, Brasil. Criado em 1º de novembro de 1974, foi o primeiro bloco afro do Brasil e hoje constitui um grupo cultural de luta pela valorização e inclusão da população afrodescendente, inspirando a criação de muitos outros grupos culturais no Brasil e no mundo. Na sua primeira apresentação, no carnaval de 1975, o Ilê Aiyê apresentou a música "Que Bloco é Esse", de Paulinho Camafeu. Desde que foi fundado, o Ilê Aiyê vem homenageando os países, nações e culturas africanos e as revoltas negras brasileiras que contribuíram fortemente para o processo de fortalecimento da identidade étnica e da autoestima do negro brasileiro, tornando populares os temas

esse. Foi a primeira vez que uma música de um bloco afro foi gravada. Então acho que essa foi uma passagem importante.

Sobre o Caetano, acho que a gravação do disco Estrangeiro (1989) foi bem interessante, sobretudo para a sua projeção internacional, porque foi produzido em Nova Iorque com a participação de músicos de lá. Já nos anos 1990, outro ponto que marcou a carreira dele foi seu trabalho com Jaques Morelenbaum¹⁶, que tocou violoncelo e fez os arranjos das canções. Além desses há muitos momentos interessantes de projetos dele com grandes bandas e outros com grupos menores e novas propostas de som. Essa capacidade de se reinventar de Caetano é que chama a atenção.

Mais tarde, no início dos anos 1990, quando lançaram *Tropicália II* (1993), eles vieram aos Estados Unidos fazer shows. Isso foi justamente naquele período em que houve a descoberta da Tropicália, que era desconhecida nos Estados Unidos. Ambos estavam comple-

da história africana vinculando-os com a história do negro no Brasil, construindo um mesmo passado, uma linha histórica da negritude. O seu movimento rítmico musical, inventado na década de 1970, foi responsável por uma revolução no carnaval baiano. A partir desse movimento, a musicalidade do carnaval da Bahia ganha força com os ritmos oriundos da tradição africana favorecendo o reconhecimento de uma identidade peculiar baiana, marcadamente negra. (Nota da IHU On-Line)

16 Jaques Morelenbaum (1954): é um violoncelista, arranjador, maestro, produtor musical e compositor brasileiro. Iniciou a carreira musical como integrante do grupo A Barca do Sol, participou também da Nova Banda em dez anos de parceria com Antônio Carlos Jobim, atuando em espetáculos e gravações que os levaram a vencedores do Grammy com o CD Antônio Brasileiro. Destacado como violoncelista, estudou música no Brasil e mais tarde ingressou no New England Conservatory, onde frequentou as classes de Madeline Foley, que, por sua vez, foi discípula de Pablo Casals. Em 1995 integrou o Quarteto Jobim Morelenbaum com o qual excursionou várias vezes à Europa, aos Estados Unidos, além do Brasil. Formou juntamente com Paula Morelenbaum e o renomado pianista e compositor japonês Ryuichi Sakamoto o grupo M2S, com o qual gravou vários projetos, incluindo os memoráveis "Casa" e "A day in New York". (Nota da IHU On-Line)

tando 50 anos de idade nessa época. Já eram artistas bem estabelecidos e foi um momento em que havia um interesse não somente na música que eles estavam fazendo naquele instante, mas também na obra que eles tinham construído nos anos 1960 e 1970.

IHU On-Line - Que Brasil é retratado ao exterior a partir das obras de Caetano e Gil?

Christopher Dunn - Isso depende muito do nível da proficiência na língua portuguesa que o estrangeiro tem. Porque, para um público que não entende português, é suficiente apreciar somente a música e os aspectos mais tipicamente brasileiros da sonoridade dos gêneros musicais do Brasil e as experimentações com as influências internacionais. Mas para aqueles estrangeiros que falam português a imagem que recebem é muito variada. É difícil generalizar essa representação, porque Caetano e Gil têm uma vasta obra. Uma coisa que é possível apontar é que ambos são conhecidos como vozes que não podem ser reduzidas a uma linha, porque eles podem transitar por diversos estilos. Dentro deste contexto amplo, eles são associados,

por exemplo, com a louvação da Bahia, vista como um lugar mágico de produção cultural muito forte. Ao mesmo tempo, ambos são conhecidos como artistas que retratam o Brasil com uma sensibilidade crítica, abordando os problemas sociais, como a violência policial, a pobreza, a desigualdade de classe, as questões raciais e de gênero. Esses temas entram na música de Caetano e Gil há muito tempo. Então, quando o público pode acompanhar e entender as letras das músicas, tem uma ideia bem mais rica do Brasil. Depende muito do ouvinte, de sua experiência com a língua e a cultura brasileira.

IHU On-Line - Desde a Tropicália Caetano e Gil são tensionados a assumirem uma posição mais militante diante das questões políticas que se apresentam ao longo da trajetória deles, seja no contexto brasileiro, seja no internacional, como nas polêmicas em torno do show de ambos em Israel. De que modo o senhor interpreta o papel de músico desempenhado pelos dois artistas no exterior?

Christopher Dunn - Cada sociedade tem artistas que são mais engajados, entretanto acho que o

fardo de Caetano e Gil me parece mais pesado, porque eles são da geração dos anos 1960, em que a questão da tomada de posição era muito importante e muito esperada no Brasil. Os artistas da geração deles nos Estados Unidos, em geral, não são tão cobrados hoje em dia pelas suas posições políticas e usualmente não fazem grandes intervenções.

Eu sinto em Caetano e Gil uma certa ambivalência. Por um lado vejo que eles querem fazer intervenções no espaço público sobre diferentes temáticas, mas ao mesmo tempo, às vezes, percebo um certo recuo, uma volta a um direcionamento mais efetivo para o campo estético e cultural.

É uma questão complexa, e o caso de Israel, por exemplo, é bastante complicado. O que me parece é que eles entenderam a importância de fazer o show nesse país e falar sobre o assunto, dar o posicionamento deles a respeito das ações do governo de lá. Mas acho que a própria história de Gil e Caetano foi decisiva para eles decidirem ir a Israel, país onde eles também têm um público há bastante tempo.

LEIA MAIS...

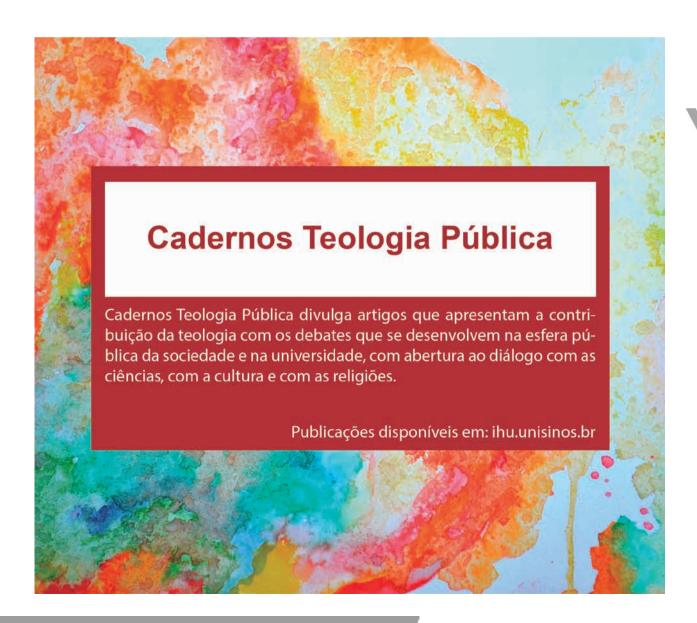
Fazer música: uma prática de cidadania. Entrevista especial com Christopher Dunn publicada na Revista IHU On-Line, nº 380, de 14-11-2011, disponível em http://bit.ly/1M19ikF.



Baú da IHU On-Line

Confira outras publicações do Instituto Humanitas Unisinos - IHU nas quais foi abordado o tema da música

- Tropicalismo. O desejo de uma modernidade amorosa para o Brasil. Revista IHU On-Line nº 411, de 10-12-2012, disponível em http://bit.ly/20qxtD3;
- Canção: a palavra cantada. Revista IHU On-Line nº 380, de 14-11-2011, disponível em http://bit.ly/20qxNS9;
- Chega de saudade... Bossa Nova, 50 anos. Revista IHU On-Line nº 272, de 08-09-2008, disponível em http://bit.ly/20qxNS9;
- Rock 'n' roll na veia. Revista IHU On-Line n° 212, de 19-03-2007, disponível em http://bit.ly/1MesEqd;
- Jazz. O som da surpresa. Revista IHU On-Line nº 139, de 02-05-2005, disponível em http://bit.ly/1iAfpEj.





Prof. Dr. Marcelo Medeiros

Os ricos e a desigualdade de renda no Brasil

11 de novembro (quarta) 17h30 às 19h

Webconferência, transmitida na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Mais informações
IHU.UNISINOS.BR



IHU em Revista

Agenda de Eventos

Confira os eventos que ocorrem no Instituto Humanitas Unisinos - IHU de 03-11-2015 a 13-11-2015



I Congresso Internacional de Estudos Históricos Latinoamericanos — I CI — EHILA

Início: 04/11/2015 (guarta-feira)

Término: 06/11/2015 (sexta-feira)

Local: Auditório Central - UNISINOS, Campus de São Leopoldo da UNISINOS (Av. Unisi-

nos, 950, São Leopoldo - RS).

Saiba mais em: http://bit.ly/1NefsCC

Ciclo de Estudos Metrópoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum



Conferencistas: Guilherme Schroder - Ocupação Pandorga, Lorena Castillo - Coletivo Ateneu Libertário a Batalha da Varzea, Darci Campos dos Santos - Vila Gaúcha - Porto Alegre e

Orley Maria da Silveira - Vila União - Porto Alegre.

Horário: 17h às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em http://bit.ly/1jXsHfv





Ciclo de Estudos: Saúde e segurança no trabalho na região do Vale do Rio dos Sinos

O Ciclo compreende atividades presenciais e através de Ensino à Distância - EAD Saiba mais em http://bit.ly/1Mn1War



Oficina: Realidades da Educação Infantil no Vale do Sinos e RMPA

Ministrantes: Profa.. Gislaine Leães e a Profa. MS Maria Claudia Bombassaro - SMED - POA

Horário: 14h às 17h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em http://bit.ly/1Wm0Yg7

Ciclo de Estudos O Capital no Século XXI – uma discussão sobre a desigualdade no Brasil

Conferência: Os ricos e a desigualdade de renda no Brasil Conferencista: Prof. Dr. Marcelo Medeiros - UnB e Ipea

Horário: 17h30min às 19h

Local: A atividade será uma webconferência, transmitida na Sala Ignacio Ellacuría

e Companheiros - IHU

Saiba mais em http://bit.ly/1PanvjQ



2º CICLO DE ESTUDOS



POLÍTICAS PÚBLICAS E TECNOLOGIAS DE GOVERNO. TERRITÓRIOS, GOVERNAMENTOS DA VIDA



13 DE AGOSTO A 05 DE NOVEMBRO DE 2015

Acesse ihu.unisinos.br para mais informações

EVENTOS

"Não se deve tributar as grandes fortunas. Deve-se tributar todas as fortunas"

O economista e pesquisador Marcelo Medeiros apresentará na próxima semana, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, dados de uma pesquisa recente sobre a desigualdade brasileira

Por Ricardo Machado

s desafios com relação à iniquidade social, educacional e econômica no Brasil foram pensados historicamente observando a base da pirâmide social. Para tentar compreender melhor o fenômeno. o pesquisador e economista Marcelo Medeiros virou a realidade de cabeça para baixo e se deu conta de por que, apesar dos anos de estudo, soluções efetivas para o problema nunca foram apontadas. "Os ricos concentram uma fração muito grande da renda total e, por isso, têm um peso gigantesco na desigualdade. Falar de desigualdade é falar de ricos, da diferença entre os ricos e o resto. O que acontece com a pobreza não muda muito a desigualdade", destaca em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

O professor chama atenção para o fato de que um quarto de toda a renda do país está concentrado em 1% dos adultos, o que justifica observar os ricos para compreender a pobreza. "Quando se fala de renda, se fala de algo que é apropriado, predominante-

mente, pelos ricos. Por isso o comportamento da renda dos ricos afeta muito o comportamento geral da desigualdade", avalia. "Não se deve tributar as grandes fortunas. Deve-se tributar todas as fortunas", provoca.

Marcelo Medeiros é graduado em Economia pela Universidade de Brasília - UnB, mestre e doutor em Sociologia pela mesma instituição. Atualmente é pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea e professor na UnB. Além disso, leciona anualmente na Universidad Nacional de General San Martín - UNSAM, Buenos Aires. Foi pesquisador no International Poverty Centre - UNDP, pesquisador-visitante no CSC - Cambridge University, no Institute for Human Development - Delhi, no Indira Ghandi Institute - Mumbai, na Sophia University - Tóquio, no CNRS-Cermes3 - Paris e na University of California - Berkeley, além de especialista em avaliação de políticas do Tribunal de Contas da União - TCU.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais serão os pontos centrais a serem abordados na conferência Os ricos e a desigualdade de renda no Brasil, evento que ocorre na próxima semana?

Marcelo Medeiros - Essa conferência sintetiza os resultados de estudos sobre desigualdade de renda no Brasil no último ano. Ela tem como eixo uma ideia simples, mas importante: os ricos concentram uma fração muito grande da renda total e, por isso, têm um peso gigantesco na desigualdade. Falar de desigualdade é falar de ricos, da diferença entre os ricos e o resto.

O que acontece com a pobreza não muda muito a desigualdade.

IHU On-Line - Quem são os ricos do Brasil? De que forma eles desequilibram a balança da justiça econômica e social no país?

Marcelo Medeiros - Ainda precisamos saber mais sobre isso.

66

Quando se fala de renda, se fala de algo que é apropriado, predominantemente, pelos ricos. Por isso o comportamento da renda dos ricos afeta muito o comportamento geral da desigualdade

Temos que reavaliar parte do que sabemos sobre desigualdade depois que os dados do Imposto de Renda confirmaram aquilo que muitos suspeitavam: nossas informações sobre renda nas pesquisas domiciliares estavam subestimadas. Mas já sabemos, por exemplo, que cada pessoa das elites ocupacionais e educacionais contribui de forma muito desproporcional para a desigualdade de renda. Elites educacionais são as pessoas com formação naquilo que alguns chamam de profissões imperiais, como medicina, engenharia, direito e algumas outras novas atividades. Elites ocupacionais são os empresários. Estudos recentes também mostram que essas elites são compostas predominantemente por homens brancos com mais de 45 anos de idade. As desigualdades de gênero, raça e geração parecem ser maiores do que se acreditava.

IHU On-Line - Historicamente, quais foram os aspectos determinantes da desigualdade no Brasil? Como foram medidos e analisados os dados sobre a desigualdade?

Marcelo Medeiros - Os primeiros estudos sobre desigualdade de renda no Brasil datam da década de 1930. Eram estudos baseados em dados do imposto de renda, recémcriado. Há estudos parecidos nas décadas de 1940, 1950 e 1960. A partir dos anos 1970 o Brasil passa a contar com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - PNAD, pesquisas domiciliares de excelen-

te qualidade, e a história contada a partir da PNAD passa a dominar acerca do que sabemos sobre desigualdade. Porém, a partir da década de 2000 os dados tributários voltaram a ter muita importância em todo o mundo, pois são uma forma de se analisar a história de longo prazo da desigualdade. No Brasil, a primeira série de longo prazo sobre desigualdade ano a ano é do Pedro Souza, do Ipea, publicada em 2014, e que cobre de 1933 a 2012. Recentemente essa série foi alongada e conta com dados desde 1928.

É difícil resumir um período tão longo de história em poucas palavras, mas há algo na série que chama a atenção: nos períodos de ditadura a desigualdade sobe, nos de democracia ela cai. Ao que parece, os níveis mais baixos de desigualdade da história brasileira foram no começo dos anos 1960 e isso foi revertido bruscamente em 1964, mesmo antes do milagre econômico do final da década. Não devemos, portanto, subestimar o papel que o Estado e a política têm na desigualdade.

IHU On-Line - De que forma a pesquisa A estabilidade da desigualdade de renda no Brasil, 2006 a 2012: Estimativa com dados do imposto de renda e pesquisas domiciliares, publicada ano passado, atualiza nossa com-

preensão sobre o fenômeno da desigualdade?

Marcelo Medeiros - Essa pesquisa e outra, publicada guase simultaneamente, usam os novos dados do imposto de renda para analisar a história recente da desigualdade. Esses dados apontam que a desigualdade no Brasil é maior do que estávamos calculando até recentemente e, ao contrário do que todos nós acreditávamos, não caiu entre 2006 e 2012. E quando digo "nós", me incluo: quando olhava apenas para os dados da PNAD eu também achava que havia queda. Mas em pesquisa sempre é assim, diante de novos dados temos que rever nossas posições. A interpretação que parece mais prudente é a de que houve estabilidade entre 2006 e 2012, não queda.

De todo modo, o que importa não são os pequenos sobe e desce e sim as grandes tendências, pois é isso que ajuda a explicar o que causa a desigualdade no país e o que pode ser feito para reduzi-la. Precisamos saber o que muda no que sabemos sobre desigualdade diante das novas evidências do imposto de renda. Aprendemos muito com as PNAD, agora precisamos colocar esse conhecimento à prova, pois as PNAD subestimam a renda no topo da distribuição.

IHU On-Line - Por que estudar os mais ricos? De que forma eles ajudam a compreender os meandros de uma sociedade em que a maioria massiva da população é pobre?

Marcelo Medeiros - Um quarto de toda a renda do país está concentrado em 1% dos adultos. Metade em 5% da população. Quando se fala de renda, fala-se de algo que é apropriado, predominantemente, pelos ricos. Por isso o comportamento da renda dos ricos afeta muito o comportamento geral da desigualdade. Aliás, também quando se fala de crescimento, fala-se de algo que será apropriado, predominantemente, pelos ricos. En-

¹ Leia mais sobre a pesquisa nas Notícias do Dia do IHU, disponível em http://bit.ly/1LZLYny. (Nota da IHU On-Line)

tre 2006 e 2012, o 1% mais rico ficou com 28% dos frutos de todo o crescimento do país.

IHU On-Line - Embora os programas sociais do Estado sejam voltados à população mais empobrecida, como explicar o fato de que os maiores fluxos de renda estatal sejam destinados às populações da parte de cima da pirâmide social? Como compreender os paradoxos que estão em jogo nestes processos?

Marcelo Medeiros - O que é importante nisso é entender que o Estado é importante para determinar a desigualdade. Ou seja, desigualdade é um problema político, no sentido dado pela Economia Política à expressão. Quando o Estado faz políticas para os mais pobres, ajuda a reduzir um pouco a desigualdade; mas quando dá subsídios, investe em infraestrutura, ou mesmo quando faz políticas de controle da inflação, ele pode estar ajudando diretamente os mais ricos.

Nosso estudo mostra que a maior parte da população dá ou recebe diretamente rendas do Estado. Por exemplo, dá na forma de imposto de renda e contribuições previdenciárias e recebe na forma de transferências e salários. O saldo desses fluxos de renda é que o Estado acaba transferindo mais dinheiro para os mais ricos do que para os mais pobres. Em parte, isso é esperado, pois as pessoas contratadas pelo Estado geralmente têm maior qualificação e isso está associado a maiores salários. É importante entender que as rendas

pagas pelo Estado contribuem com uma parcela não desprezível da desigualdade, mas isso não é necessariamente um problema: se o Estado contratar mais enfermeiras para cuidar de pacientes nos hospitais públicos, pagará mais salários e irá provavelmente aumentar sua participação na desigualdade, mas isso não deve ser visto como algo ruim. Nem todo aumento da desigualdade é ruim, nem toda redução é boa. O problema é bem mais complicado.

IHU On-Line - De que ordem são os desafios para superar a desigualdade social no Brasil?

Marcelo Medeiros - Não existe uma solução simples, rápida e barata para um problema dessa magnitude. Uma fórmula mágica desse tipo provavelmente está fadada ao fracasso. Não é simples fazer o Brasil ter a desigualdade da Áustria, assim como não é simples o Brasil ter o PIB per capita da Áustria. Uma coisa é certa: igualdade tem custos, esses custos não são baixos. Criar uma sociedade justa dá trabalho, e justiça implica reduzir uma série de vantagens que hoje tem a população mais rica.

Por outro lado, igualdade é mais eficiente. É melhor para a economia. Nossos níveis de desigualdade são disfuncionais, atrapalham o bom desempenho de nossa economia, estimulam comportamentos predatórios e desestimulam comportamentos produtivos. Temos que mudar isso, mas vai custar muito, econômica e politicamente, e levará um bom tempo.

IHU On-Line - Em que medida a taxação das grandes fortunas pode contribuir no processo de redução da iniquidade social? Em que medida são insuficientes?

Marcelo Medeiros - Não se deve tributar as grandes fortunas. Deve--se tributar todas as fortunas. Impostos são uma contribuição feita para cuidar do bem comum. Todos têm o dever de contribuir para o bem comum, na proporção de suas capacidades. Quem pode mais, paga mais. Por isso, precisamos rever não só a forma como tributamos fortunas, mas toda nossa tributação. Precisamos há anos de algo difícil de fazer, uma reforma tributária. Nas últimas décadas só temos feito remendos, mas nenhuma reforma de maior fôlego. Temos uma carga tributária desequilibrada, que dá muito peso aos tributos sobre produção, consumo e trabalho e pouco peso ao imposto de renda. Deveria ser o contrário, pois o imposto de renda é economicamente muito mais eficiente que outros impostos, além de ser também mais justo.

É importante termos uma tributação melhor, que ao mesmo tempo seja mais produtiva e mais justa que a atual. Mas há muito mais na promoção da igualdade que os tributos. Os impostos são importantes para arrecadar de um lado e fazer investimentos de outro. É com impostos que se cria infraestrutura e se investe em educação, por exemplo. Sem esses e outros investimentos, vamos ficar para trás na corrida internacional estabelecida pela globalização.

LEIA MAIS...

- Desigualdade de renda no Brasil: os 10% mais ricos e a metade mais pobre. Entrevista com Marcelo Medeiros publicada nas Notícias do Dia, de 01-10-2014, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1GMvu57;
- Problema está ligado à questão cultural, e não à baixa renda familiar. Artigo de Marcelo Medeiros reproduzido nas Notícias do Dia, de 03-01-2012, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1MkD6bj.

TEOLOGIA PÚBLICA

O princípio da sinodalidade em uma Igreja pós-convencional

Por Sérgio Ricardo Coutinho

Sínodo possibilitou aos participantes que colocassem sua racionalidade comunicativa em uso. Realizado em duas etapas, este evento provocou, pelo menos na esfera do sistema burocrático romano, a abertura de um processo de liberação do 'potencial de racionalidade contido no agir comunicativo', por meio daquilo que Habermas chamou de 'verbalização do sagrado'. A ideia de verbalização do sagrado traduz uma 'secularização racional' do vínculo social primitivo na força ilocucionária da linguagem, cuja autoridade está ligada à força não-coercitiva, motivada racionalmente, pelo melhor argumento", escreve Sérgio Coutinho, professor de História.

Segundo ele, através desse encontro, "Francisco conduz a Igreja a se encontrar com a sociedade moderna pós-convencional, 'sem medo e sem esconder a cabeça na areia'". Coutinho ainda entende que o Papa está "disposto a dar provas da sua vitalidade na contemporaneidade e sem 'medo de abalar as consciências anestesiadas ou sujar as mãos discutindo, animada e francamente'".

Sérgio Ricardo Coutinho é professor de História da Igreja no Instituto São Boaventura de Brasília e da disciplina "Serviço Social, Religião e Movimentos Sociais", no curso de Serviço Social do Centro Universitário IESB de Brasília.

O artigo foi publicado originalmente nas Notícias do Dia, de 28-10-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1GJfC3I.

Eis o artigo.

"Uma condição geral de base é a seguinte: falar claro. Que ninguém diga: 'Isto não se pode dizer; pensará de mim assim ou assim...'. É necessário dizer tudo o que se sente com parrésia¹. Depois do último Consistório (fevereiro de 2014), no qual se falou sobre a família, um cardeal escreveu-me dizendo: é uma lástima que alguns Purpurados não tiveram a coragem de dizer certas coisas por respeito ao Papa, talvez julgando que o Papa pensasse de outra maneira. Isto não está bem, isto não é sinodalidade, porque é necessário dizer tudo aquilo que, no Senhor, sentimos que devemos dizer: sem hesitações, sem medo. E, ao mesmo tempo, é preciso ouvir com humildade e aceitar de coração aberto aquilo que os irmãos dizem. A sinodalidade

exerce-se com estas duas atitudes". (Discurso do Papa Francisco na abertura da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, 06/10/2014).

Francisco propôs, há um ano, uma "reviravolta linguística" (linguistic turn): dizer tudo sem medo e ouvir com humildade. Com isso, a Igreja, após o encerramento deste Sínodo da Família², retoma a prática

¹ **Parrésia**: na retórica, parrésia é descrita como franqueza, confiança ou ousadia para falar em público. A palavra grega é frequentemente usada para descrever certos diálogos atribuídos a Jesus Cristo no Novo Testamento. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Sínodo da Família**: em 2013 o papa Francisco convocou o Sínodo sobre a família, intitulado "Sínodo dos Bispos: os desafios pastorais da família no contexto da evangelização". Na primeira etapa, o Vaticano enviou às dioceses do mundo todo um questionário de 38 perguntas sobre o tema, que serviu como um documento preparatório para a III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos sobre a Família, que ocorreu em outubro de 2014. Durante a III Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, no Vaticano foi produzido um texto com 46 pontos a serem refletidos pela comunidade católica. Todo esse processo culminou na XIV Assembleia Geral Ordinária, que ocorreu entre 4 e 25 de outubro de 2015, no Vaticano. O discurso do Papa Francisco aos bispos pode ser conferido pelo link http://bit.ly/1kQWt6o. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos — IHU também vem publicando



O Sínodo possibilitou aos participantes que colocassem sua racionalidade comunicativa em uso

iniciada no Concílio Vaticano II³ e se reinsere na modernidade pós-convencional.

Seguindo a tese de Jürgen Habermas⁴, a Igreja, depois de 50 anos, faz novamente uma *reviravolta linguística*, deixando de lado a concentração quase que exclusivista na dimensão *semântica* (conceitual-abstrata) da linguagem dogmática. Com este Sínodo, a partir da *parrésia* dos Padres sinodais, a Igreja voltou a valorizar as "situações de fala", das pretensões de validade, dos argumentos, do uso da linguagem e de seus contextos, das tomadas de posição e dos papéis dialogais dos falantes. Numa palavra: da *pragmática da linguagem*.

De fato, este Sínodo possibilitou uma reviravolta pragmática em que a linguagem passou a ser percebida não somente na sua dimensão semântica-conceitual, mas, fundamentalmente, em sua dimensão comu-

uma série de materiais acerca do Sínodo que pode ser acessado em ihu. unisinos.br. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos – IHU produziu a edição 297, Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, de 15-6-2009, disponível em http://bit.ly/o2e8cX, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada Concílio Vaticano II. 50 anos depois, disponível em http://bit.ly/REokjn, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, disponível em http://bit. ly/1cUUZfC. Em 2015, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promoveu o colóquio O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. As repercussões do evento podem ser conferidas na IHU On-Line, edição 466, de 01-06-2015, disponível em http:// bit.ly/1IfYpJ2 e também em Notícias do Dia no sítio IHU. (Nota da IHU On-Line)

4 Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito, o qual encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve construir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos, estabelecendo-se o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da IHU On-Line)

nicativa. Ou seja, o proferimento linguístico também é uma forma de ação. É uma forma de agir que serve ao estabelecimento de relações interpessoais. É o que Habermas chama por agir comunicativo.

O conceito habermasiano de *razão comunicativa* visa mostrar que a estrutura racional interna dos processos de intercompreensão se produz melhor num contexto social, político e cultural, em que o "mundo vivido" não é mais o monopólio das interpretações arcaicas

subtraídas à reflexão e das instituições autoritárias, mas se abre à resolução discursiva dos problemas sociais e políticos (e, porque não, eclesiais e pastorais). Por isso, Habermas acredita nos progressos de uma socialização reflexiva no próprio seio do mundo vivido, apoiando-se nos recursos da discussão, isto é, efetuando-se na perspectiva do agir orientado a intercompreensão.

O Sínodo possibilitou aos participantes que colocassem sua racionalidade comunicativa em uso (e muitos deles com muitos anos de inutilidade). Realizado em duas etapas, este evento provocou, pelo menos na esfera do sistema burocrático romano ("colonizador" e responsável por muitas patologias no "mundo da vida" das comunidades eclesiais), a abertura de um processo de liberação do "potencial de racionalidade contido no agir comunicativo", por meio daquilo que Habermas chamou de "verbalização do sagrado". A ideia de verbalização do sagrado traduz uma "secularização racional" do vínculo social primitivo na força ilocucionária da linguagem (realizar uma ação através de um enunciado), cuja autoridade está ligada à força não-coercitiva, motivada racionalmente, pelo melhor argumento.

O Concílio Vaticano II, no nosso entender, já tinha iniciado o processo de dissolução de um imaginário e de ações tradicionais no meio do episcopado, do clero e dos fiéis. No entanto, os últimos 30 anos ficaram marcados por uma retomada de uma Igreja autorreferencial, simultaneamente *pré-convencional* e *convencional*. Ou seja, por um lado, uma Igreja marcada por práticas direcionadas a *legitimar autoridades*, onde se procurou criar homogeneidades e similitudes comportamentais. O consenso era obtido mediante a *imposição* de uma fala oriunda do topo do poder (o papado) à totalidade dos fiéis, determinando a permanência do estado de coisas, das relações sócio-eclesiais, mantendo nas pessoas a *resignação*.

Conforme bem lembrou o historiador Alberto Melloni⁵, desde o século XI, o pontífice sempre subtraiu a

⁵ **Alberto Melloni** (1959): historiador da igreja conhecido especialmente por seu trabalho sobre o Concílio Vaticano II. Melloni estudou em Bolonha, Cornell e Fribourg. Ele lecionou na Universidade de Bo-

potestade dos bispos. **Paulo VI**⁶ restitui algumas faculdades em atenção ao **Vaticano II**. No entanto, neste Sínodo, "nunca, há mil anos, um papa tinha cedido poderes por vontade própria".

Por outro lado, e simultaneamente, uma Igreja centralizada numa normatividade social baseada na "Lei" (Código de Direito canônico e Catecismo da Igreja Católica) e confirmada pela Tradição de modo formal. Toda a identidade católica, coletiva ou individual, devia estar baseada na aceitação das *convenções*, em *conformidade* com as normas numa imitação ou reprodução social. De fato, como mais uma vez lembra Meloni, o próprio Sínodo dos bispos, apesar do nome, nunca foi nada mais do que um órgão consultivo, que entregava ao papa os próprios antagonismos, para que ele mediasse e chegasse a um consenso por todos sem correr riscos.

Foram os defensores deste modelo de Igreja que geraram os incidentes e destilaram o veneno con-

lonha, a Universidade de Roma III e é professor de História do Cristianismo na Universidade de Modena e Reggio Emilia, titular da Cátedra Unesco para o Pluralismo Religioso e Paz, e Diretor da Fondazione per le Scienze Religiosas João XXIII de Estudos da Religião em Bolonha. Também é colunista do Il Corriere della Sera e é comentarista da RAI TV. Leia *O modelo de família que surge do Sínodo*, artigo de Alberto Melloni publicado nas Notícias do Dia, de 26-10-2015, disponível em http://bit.ly/1XLDpnG. (Nota da IHU On-Line)

6 **Papa Paulo VI:** nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da **IHU On-Line**)

tra Francisco. Como afirma Massimo Faggioli⁷, isto se deu, em parte, pela "aversão pessoal ao papa argentino por parte dos órfãos dos pontificados anteriores", mas também pelo "sintoma da ideologização e doutrinalização do catolicismo 'lei e ordem'".

Este Sínodo propiciou um novo ethos que privilegiou a "verbalização do sagrado", a inovação, a participação, a iniciativa, a parceria, a deliberação comum, as reformas negociadas e não outorgadas, não permitindo a repetição literal da Tradição e obrigando a uma interpretação das mudanças. Neste modelo de Igreja pós-convencional, Francisco encontrou nos "princípios de organização" de sinodalidade e de colegialidade, e no princípio da "misericórdia", aqueles valores universais presentes no Evangelho: integridade, direitos humanos, reciprocidade, justiça social, liberdade e igualdade.

Com este Sínodo, Francisco conduz a Igreja a se encontrar com a sociedade moderna pósconvencional, "sem medo e sem esconder a cabeça na areia", disposto a dar provas da sua vitalidade na contemporaneidade e sem "medo de abalar as consciências anestesiadas ou sujar as mãos discutindo, animada e francamente".

7 **Massimo Faggioli** (1970): historiador da Igreja, Professor Associado do Departamento de Teologia e diretor do Instituto para o catolicismo e Cidadania na Universidade de St. Thomas, St. Paul, Minnesota. Leia, também, *O ataque contra Francisco: a carta dos 13, mas não só*, artigo de Massimo Faggioli publicado nas Notícias do Dia, de 14-10-2015, disponível em http://bit.ly/1HoreUy. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- Igreja e sociedade: o projeto de Francisco. Artigo de Sérgio Ricardo Coutinho, publicado em Notícias do Dia de 25-06-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em http://bit.ly/1N7ioRl.
- O desafio da conversão pastoral e de um novo modelo de Igreja. Entrevista com Sérgio Ricardo Coutinho, publicada na revista IHU On-Line nº 465, de 18-05-2015, disponível em http://bit.ly/1LBEglD.
- Os "novos" bispos de Francisco no Brasil: mudar para que as coisas continuem as mesmas.
 Artigo de Sérgio Ricardo Coutinho, publicado em Notícias do Dia de 19-02-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos IHU, disponível em http://bit.ly/1LBEo4k.
- Para além de ruptura e continuidade. O Concílio Vaticano II e os diferentes projetos históricos. Entrevista com Sérgio Ricardo Coutinho, publicada na revista IHU On-Line nº 395, de 04-06-2012, disponível em http://bit.ly/1LBEtVJ.
- A recepção de Francisco no Brasil Entre o início e o fim de uma "primavera". Artigo de Sérgio Ricardo Coutinho, publicado em Notícias do Dia de 24-03-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em http://bit.ly/1S9bmvl.

TEOLOGIA PÚBLICA

"Uma Igreja da Reforma precisa estar sempre sendo reformada"

"Não há organização religiosa que perpasse os tempos sem um corpo doutrinário, que podemos chamar, no caso das instituições cristãs, de princípios fundamentais", avalia Oneide Bobsin

Por Patrícia Fachin

pesar de o termo protestante estar "cada vez mais em desuso no Brasil", nas duas Igrejas Luteranas - IELB e IECLB - "que trazem em sua identificação uma explicitação do patrimônio teológico do reformador Martinho Lutero (...) o traço étnico teuto-brasileiro ainda é muito saliente. Mas isto é um traco externo. Tais igrejas luteranas, herdeiras da Reforma do século XVI, continuam atualizando a compreensão de que os seres humanos não podem contribuir com a salvação. Mas tocados por ela, a salvação de graca por meio da fé, se envolvem com os problemas da humanidade", diz Oneide Bobsin à IHU On-Line, na entrevista a seguir, concedida por e-mail por ocasião do dia de hoje em que se celebra os 498 anos da Reforma.

De acordo com Bobsin, "este traço distintivo é de difícil tradução para o nosso contexto brasileiro; e não o é por causa do catolicismo. Acho que a concepção de vida que se baseia na graça de Deus bate de frente com a visão de mundo do sistema capitalista de consumo, que nos vende a ilusão de que somos poderosos e podemos tudo

individualmente. Costumo brincar que o sistema capitalismo não tem graça. E os fiéis destas Igrejas herdeiras de uma concepção gratuita da vida e da fé estão tão integrados na visão ideológica do sistema, que dificulta a explicitação de uma peculiaridade que não é própria das Igrejas da Reforma, mas do cristianismo com as suas múltiplas igrejas - a reciprocidade que nasce da gratuidade", justifica.

Em 2017, as Igrejas Evangélicas de Confissão Luterana irão celebrar os 500 da Reforma, e uma série de atividades estão sendo planejadas para marcar a data. Toda essa movimentação, diz Bobsin, "tem relação com a busca de atualização da Reforma do século XVI, com o objetivo de reafirmar a mensagem de Cristo para um mundo globalizado, ainda pouco reconciliado".

Oneide Bobsin é professor de Ciências da Religião na Escola Superior de Teologia - EST, e é doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade de São Paulo - PUC-SP.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o significado da Reforma?

Oneide Bobsin - O meu ponto de partida não se baseia estritamente numa teologia confessional, embora eu seja um teólogo identificado com uma Igreja oriunda da Reforma. Valho-me da condição de professor de Ciências da Religião para comentar as perguntas.

Para o nosso mundo ocidental a Reforma Protestante é uma das grandes referências. No campo político tivemos a revolução francesa burguesa e a revolução socialista. São referências que nos constituem como ocidente distinto de outros povos. Como vivemos cinco séculos após o movimento da Reforma Protestante, não temos mais a dimensão do lugar que a religião ocupava naquela época. Uma mu-

66

Quando a pureza religiosa, política ou de outra natureza se instala, procura-se eliminar o diferente, simbólica ou fisicamente

dança no campo religioso impactava profundamente a sociedade em suas múltipla dimensões. Hoje, em nosso contexto, uma mudança religiosa tende mais para uma adaptação à sociedade. Evidente que precisamos desconsiderar o impacto do fundamentalismo. Também precisamos considerar que a Reforma Protestante foi um movimento religioso dentro da cristandade ocidental heterogêneo e que não tinha como objetivo a cisão do cristianismo.

IHU On-Line - Qual foi o impacto religioso, social e cultural da Reforma?

Oneide Bobsin - Nenhum fenômeno, seja ele social, político ou religioso pode ser visto de forma estangue. Há uma inter-relação entre as diversas dimensões da realidade. Nesta perspectiva, a Reforma retomou aspectos importantes do cristianismo que a sedimentação eclesiástica fora tornando irrelevante. A valorização da educação pública recebeu forte impulso da Reforma; no campo político, a separação entre Igreja e Estado impulsionou uma autonomia relativa entre política e religião. Igreja e Estado passam a ser distintos, mas não separados. Com isto temos impulsos para a constituição do Estado moderno, laico. Repito, não que isto tivesse sido um plano explícito dos reformadores; antes foi uma decorrências de novas concepções que já estavam nos primórdios do cristianismo. A música e o estudo das línguas antigas recebem impulsos.

IHU On-Line - Qual é a peculiaridade do protestantismo praticado no Brasil?

Oneide Bobsin - O termo "protestante" está cada vez mais em desuso no Brasil. A grande mídia comprou a proposta de igrejas pentecostais que renomearam os cristãos não católicos apostólicos romanos como "evangélicos". Não vou, pois, falar deste campo "evangélico", que também bebe, de certa forma, da Reforma do século XVI. Limito-me às duas Igrejas Luteranas - IELB e IECLB - que trazem em sua identificação uma explicitação do patrimônio teológico do reformador Martinho Lutero, apesar das diferenças entre si. Como protestantismo luterano de transplante, o traço étnico teuto--brasileiro ainda é muito saliente. Mas isto é um traco externo. Tais igrejas luteranas, herdeiras da Reforma do século XVI, continuam atualizando a compreensão de que os seres humanos não podem contribuir com a salvação. Mas tocado por ela, a salvação de graça por meio da fé, se envolvem com os problemas da humanidade.

Em outras palavras, o que recebemos na fé devemos passar aos outros no amor. Este traço distintivo é de difícil tradução para o nosso contexto brasileiro; e não o é por causa do catolicismo. Acho que a concepção de vida que se baseia na graça de Deus bate de frente com a visão de mundo do sistema capitalista de consumo, que nos vende a ilusão de que somos poderosos e podemos tudo individualmente. Costumo brincar

que o sistema capitalismo não tem graça. E os fiéis destas Igrejas herdeiras de uma concepção gratuita da vida e da fé estão tão integrados na visão ideológica do sistema, que dificulta a explicitação de uma peculiaridade que não é própria das Igrejas da Reforma, mas do cristianismo com as suas múltiplas igrejas - a reciprocidade que nasce da gratuidade.

IHU On-Line - Na igreja católica, ao menos em algumas regiões do país, percebe-se um sincretismo religioso. O mesmo ocorre entre os protestantes? Como avalia esse tipo de fenômeno e de que modo o protestantismo dialoga com o pluralismo religioso e o sincretismo?

Oneide Bobsin - Parto do pressuposto que não há religião pura. E quando a pureza religiosa, política ou de outra natureza se instala, procura-se eliminar o diferente, simbólica ou fisicamente. Não conseguimos entender o Novo Testamento sem o Antigo Testamento. Na verdade, os cristãos são judeu--cristão. Nossa Bíblia é composta de duas tradições, embora as Igrejas cristãs lêem o Antigo Testamento através do Novo. Assim, como há uma variedade de práticas católicas que se interpenetram com outras tradições religiosas, como, por exemplo, a indígena ou de matriz africana, da mesma forma, no protestantismo isto também ocorre, embora seja menos admitido pelo clero e por teólogos. Principalmente no contexto urbano, onde o controle social da comunidade de fé é menor, há pessoas luteranas que recorrem a outros credos nos momentos difíceis da vida, como luto, desemprego, doença etc. E não significa que estas pessoas deixam de participar de sua Igreja. No imaginário religioso dominante, os sistemas religiosos são complementários. Na cabeça da religião oficial existe uma certa ilusão de exclusão dos sistemas, que para a maioria é complementar. Como a televisão trouxe a religião para

dentro de casa, este processo sincrético tende a se aprofundar.

IHU On-Line - Na igreja católica há tentativas de rever tanto a doutrina quanto as práticas de atuação, a exemplo do Sínodo dos bispos, que discutiu uma série de questões relacionadas à família. Há possibilidade de revisões doutrinais ou das práticas religiosas entre os protestantes? Em que aspectos? Como se dá essa discussão na sua igreja?

Oneide Bobsin - Não há organização religiosa que perpasse os tempos sem um corpo doutrinário, que podemos chamar, no caso das instituições cristãs, de princípios fundamentais. Tais princípios podem ser comparados aos fundamentos de um prédio, via de regra, não visíveis. Mas, diante da complexidade da vida, de novos desafios e de novas perguntas, as instituições precisam descongelar a tradução das doutrinas para que possam ser relevantes para os novos tempos. As perguntam mudam; elas precisam ser respondidas com as mesmas doutrinas. Na maioria das igrejas cristãs, e não é diferente nas grandes religiões, são formados corpos de teólogos e teólogos, cuja tarefa é auscultar as novas perguntas e atualizar as tradições. Prefiro falar em atualização que "revisão de doutrinas".

Uma instituição religiosa que não sabe traduzir sua mensagem para novos tempos, certamente trai seus princípios. Um dos problemas das Igrejas, muitas vezes, reside na dificuldade de tradução de princípios. A tradução das palavras de Cristo é um problema complexo, que merece revisão no sentido de atualização, mas sem cair em modismos. Há poucos dias o padre Zezinho disse algo fundamental, como aviso a alguns dos novos padres cantores: "Quando o meio se torna mais importante que a mensagem, algo está equivocado no meio e na mensagem". Ele questionou o modismo. Contudo, há

diferenças de princípios entre as Igrejas. Mas isto é assunto para teologia confessional.

IHU On-Line - Em que consiste sua pesquisa acerca da atuação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil durante a ditadura militar?

Oneide Bobsin - Estou concluindo uma pesquisa sobre Direitos Humanos, Ditadura Civil-militar e Igreja. A pesquisa privilegiou o entorno dos anos de 1970, quando deveria ocorrer no Brasil a Assembleia da Federação Luterana Mundial, uma assembleias de igrejas luteranas que representavam mais ou menos 70 milhões de pessoas. Poucas semanas antes de sua realização, ela fora transferida para Evian, França. Comitivas de várias partes do mundo estavam reticentes com a presenca do Governo brasileiro na Assembleia. Circulava pela Europa e pela América do Norte, de onde viria grande parte das comitivas, que o regime brasileiro desrespeitava os direitos humanos, especialmente dos oponentes políticos. A questão da tortura dos inimigos do governo militar era vista como inverdades denunciadas pela imprensa internacional para algumas das lideranças locais.

A direção da Igreja Luterana de então afirmava que não havia tortura no Brasil, embora pessoas exiladas comentavam o contrário no exterior. Fiz uma pesquisa entrevistando um grupo de pessoas luteranas que participaram na resistência ao Regime Militar através da participação política, movimentos estudantil e, posteriormente, na luta dos pequenos agricultores. Tais pessoas confirmam a existência de violação aos direitos humanos, torturas, antes de 1970, embora os "anos de chumbo" são considerados a partir de 70. A Comissão Estadual da Verdade/RS, da qual fiz parte, tinha como objeto de apuração as violações no período de 1961 a 1985. No RS, por exemplo, a repressão já se instalou

a partir dos efeitos da legalidade, com a eleição de Ildo Meneghetti para o Governo do Estado. De qualquer forma, a transferência da Assembleia foi um duro golpe na IECLB da época, gerando, logo em seguida, um rico debate de inserção dela no contexto brasileiro empobrecido.

IHU On-Line - Como estão os preparativos para a celebração dos 500 anos da Reforma?

Oneide Bobsin - Há um grande movimento bem diversificado no sentido de buscar uma atualização da mensagem da Reforma para múltiplos contextos, sem cair confessionalismos excludentes, como no passado. Tenho poucas condições para fazer avaliações quantitativas. No campo teológico há uma grande movimentação. A Faculdades EST, por exemplo, criou uma Cátedra de Pesquisa sobre Lutero. Assim, há tantas outras iniciativas no campo teológico e eclesial mundo afora. Tenho certeza que toda a movimentação tem relação com a busca de atualização da Reforma do século XVI, com o obietivo de reafirmar a mensagem de Cristo para um mundo globalizado, ainda pouco reconciliado.

Afinal, precisamos constantemente de reformas em todos os campos. Lutero havia dito que uma Igreja da Reforma precisa estar sempre sendo reformada. Esperamos isto para o Estado brasileiro, bem como necessitamos de tantas outras reformas, como agrária, a política, educacional, urbana etc., de forma a que todos/as sejam incluídos/as na distribuição da riqueza. Uma das grandes contribuições da Reforma Protestante foi a subordinação da economia à política. Vivemos numa subordinação da política a interesses econômicos de elites, que desfiguram a cidadania.

IHU On-Line - Como avalia a visita do papa Francisco a Igreja evangélica e luterana em Roma?

Oneide Bobsin - Só posso emitir uma opinião pessoal, como os demais comentários acima: é um papa certo para um momento certo. Em outras palavras, é uma pessoa situada no tempo e nos grandes dramas da humanidade. Sabe se comunicar para além

da Igreja Católica porque é um papa muito atualizado. Seus gestos simples, fransciscanos, denunciam um modo de vida arrogante e consumista que ameaça o nosso planeta. Talvez tenha muitos conflitos internos com a hierarquia, que teme atualizar a mensagem

de Cristo. Nos seus gestos pastorais estão implícitos os valores do evangelho de Cristo. É uma testemunha de seu tempo. Ora, não é fácil ser contemporâneo de seu próprio tempo. Papa Francisco consegue.

LEIA MAIS...

- "A participação dos evangélicos na vida política desprivatiza as igrejas". Entrevista com Oneide Bobsin publicada nas Notícias do Dia, de 25-02-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1WtkFw2;
- Libertados pela graça de Deus. Dia 31 de outubro a festa da Reforma protestante. Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 27-10-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1koljbw;
- Protestantes alemães pedem perdão pela iconoclastia da Reforma. Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 30-07-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1LNQQy5;
- O tributo ao ecumenismo. Primeira vez que um Papa visita um templo valdense. Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 22-06-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Mejnyi;
- Novo presidente da Igreja Evangélica Alemã confirma unidade à frente dos 500 anos da Reforma. Reportagem publicada nas Notícia do Dia, de 04-02-2015, disponível em http:// bit.ly/1MuT7eN;
- O Papa poderá participar do jubileu da Reforma. Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 22-01-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Pj6bJv;
- Reencarnação entre o determinismo e a liberdade. Entrevista com Oneide Bobsin publica nas Notícias do Dia, de 06-03-2007, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1NagwCV.



#Crítica Internacional - Curso de RI da Unisinos

Contenção da Rússia, ontem e hoje

Por Diego Pautasso

desintegração da União Soviética e as fragilidades da Nova Rússia governada por Boris Yeltsin (1991-1999) aparentaram o fim da política de contenção. Bastou surgir uma liderança como Vladimir Putin (presidente da Rússia de 1999 a 2008, retornando ao Kremlin desde 2012) disposto a recolocar a Rússia no centro da política internacional, desafiando iniciativas e impondo resistências aos planos dos EUA e seus aliados, para que a política de contenção ganhasse evidência novamente", avalia Diego Pautasso.

Diego Pautasso é doutor e mestre em Ciência Política com ênfase em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e graduado em Geografia pela UFRGS; atua como professor de Relações Internacionais da Unisinos. E-mail: dgpautasso@gmail.com.

Eis o artigo.

O quadro histórico das relações da Rússia com o Ocidente é repleto de contradições: a invasão napoleônica, o apoio à contrarrevolução russa, o 'cordão sanitário' e a brutal agressão nazista. Durante a Guerra Fria, a política de contenção da URSS desencadeada pelos EUA inspirada em George Kennan redundou no cerco militar (OTAN, CENTO e OTASE), dando substância às formulações geopolíticas de Nycholas Spykman, segundo o qual quem controlasse o *rimland* controlaria a Eurásia (*heartland* mackinderiano) e, com efeito, o mundo.

A desintegração da União Soviética (URSS) e as fragilidades da Nova Rússia governada por Boris Yeltsin (1991-1999) aparentaram o fim da política de contenção. Bastou surgir uma liderança como Vladimir Putin (presidente da Rússia em duas ocasiões, de 1999 a 2008 e retornando ao Kremlin desde 2012) disposto a recolocar a Rússia no centro da política internacional, desafiando iniciativas e impondo resistências aos planos dos EUA e seus aliados, para que a política de contenção ganhasse evidência novamente. Esta é a lógica da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN, aliança militar do Ocidente) que mais do que dobrou o número de integrantes: em 1999, ingressaram Hungria, Polônia e República Checa; em 2004, foram incluídas Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia; e em 2009, aderiram Albânia e Croácia - inclusive com uma intervenção fora do domínio dos países membros (Balcas), sem que estes estivessem sendo ameaçados e, para completar, ultrapassando o mandato da ONU. Paralelamente à expansão da OTAN, tem ocorrido uma notável expansão da União Europeia (UE) em direção ao Leste Europeu, de modo que em 2004 entraram Malta e Chipre e os países do antigo campo socialista, como Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, República Tcheca, Eslováguia, Hungria e Eslovênia, aos quais se somaram em 2007 Romênia e Bulgária e, em 2013, Croácia. E ainda estão em processo de tramitação sobretudo os países da antiga Iugoslávia (Sérvia, Bósnia, Macedônia), além de Albânia, Islândia e Turquia. Não por acaso, a Ucrânia de Petro Poroshenko (atual presidente e oligarca cuja fortuna tem duvidosa origem) assinou um acordo de associação com a União Europeia prevendo a liberalização comercial e a futura integração ao bloco.

Além das expansões da OTAN e União Europeia, devemos destacar outras iniciativas ocidentais voltadas a limitar o espaço de atuação da Rússia na política internacional. Primeiro, o governo norte-americano do recém-eleito George W. Bush retirou em 2001 o país do Tratado de Mísseis Antibalísticos (ABM) assinado em 1972 com a URSS, objetivando levar adiante a ideia de construção de um Sistema de Defesa Antimíssil na Polônia e na República Tcheca. Em 2008, os três países assinaram um acordo que prevê a instalação desse sistema com uma base de dez mísseis interceptores na

A vilanização da Rússia volta-se a evitar a formação do heartland baseado no eixo Berlim-Moscou-Pequim completamente fora do controle de Washington

Polônia e um radar de detecção na República Tcheca, provocando fortes reações do presidente Dmitri Medvedev (sucessor de Putin e seu aliado, governando de 2008 a 2012) e o recuo do presidente Barack Obama.

Destague-se ainda que o intervencionismo e o unilateralismo dos EUA no Pós-Guerra Fria têm provocado insegurança. Note-se que tais demonstrações de força concentram-se no entorno estratégico da Rússia, principalmente as intervenções no Balcãs, quando da desintegração da lugoslávia, e no Afeganistão, com a declaração da Guerra Global ao Terror. Paralelamente, os EUA aproveitaram a oportunidade para a ampliação de sua capacidade de projeção de força, com a construção de base aérea uzbeque de Khanabad e o aeroporto de Manas, na Quirguízia. A presença na região foi confrontada pela Rússia e China através da OCX, o que resultou no fechamento dessas bases militares em 2005 e 2014, respectivamente. Ademais, muitas intervenções ocorreram ultrapassando o mandato conferido pelas Nações Unidas, como as agressões ao Iraque (2003) e à Líbia (2011). Sem exceção, da Somália (1993) à Líbia e Síria (2013-14), todas as intervenções tiveram resultados trágicos, sob qualquer perspectiva.

Some-se a isso o apoio aberto a grupos oposicionistas em países vizinhos da Rússia. As 'revoluções coloridas' são ilustrativas: a revolução das rosas na Geórgia (2003), a revolução laranja na Ucrânia (2004) e a revolução das tulipas na Quirguízia (2005). Nitidamente são os golpes do século XXI, com grande mobilização de inteligência, recursos financeiros, atuação de organizações não governamentais etc. O expansionismo dos EUA e a contenção da Rússia fazem parte da construção da narrativa da "Nova Guerra Fria". Diante da desintegração da URSS, os EUA se viram desprovidos de

inimigos capazes de prover a coesão para a sua liderança: o discurso do 'fim da história' e a Guerra Global ao Terror tinham limites espaciais e temporais. É assim que se enquadra a lógica de criar atritos e ameaças na fronteira russa e esperar respostas afirmativas como forma de forjar uma espécie de russofobia no Ocidente e isolar o gigante eurasiano. A vilanização da Rússia volta-se a evitar a formação de um *heartland* baseado num eixo Berlim-Moscou-Pequim completamente fora do controle de Washington.

A vilanização da Rússia, em oposição a uma suposta Europa historicamente democrática e civilizada, é parte da narrativa voltada a reforçar visões maniqueístas. Entretanto, há mais contradições que perpassam os espaços europeu e russo nesses séculos. Dialeticamente, as principais potências europeias foram também promotoras do imperialismo no século XIX; o epicentro das duas sangrentas guerras mundiais; e, após isso e já concomitante com a integração europeia, os responsáveis por violentas guerras contra os movimentos de libertação nacional. No Pós-Guerra Fria, as potências ocidentais foram artífices da traumática desintegração da Iugoslávia, da expansão da União Europeia no ex--espaço soviético, da desestabilização de regimes na Geórgia (2003) e Ucrânia (2004 e 2014) em favor de regimes de perfil fascista. Sem mencionar suas contribuições na destruição política e territorial de países objetos de intervenção, como Afeganistão (2001), Iraque (2003) e Líbia (2011). A Rússia, ao contrário, foi palco da mais importante revolução do século XX, central para a universalização de direitos sociais inclusive na Europa do Estado de Bem Estar, e do combate à mais retrógrada força política do século, o nazifascismo.

Expediente

Coordenadora: nome da professora, com a maior titulação

Editor: Bruno Lima Rocha, com a maior titulação Autor: nome do autor com a maior titulação

PUBLICAÇÕES

Um olhar biopolítico sobre a bioética

Cadernos IHU ideias, em sua 229ª edição, publica o artigo "Um olhar biopolítico sobre a bioética", de Anna Quintanas Feixas da Universidade de Girona, Espanha.

Nos últimos anos temos defendido a necessidade de cruzar a bioética com os estudos biopolíticos. A razão principal reside no fato de pensar que a bioética corre o risco de converter-se na "cara amável da biopolítica" se, de forma consciente ou não, seu quefazer contribuir para maquiar, esconder ou esfumar as relações de poder e as questões políticas que se produzem em torno do "bios". Seguramente, este perigo tem causas que estão além da própria bioética, posto que parece ser uma tendência do nosso tempo abusar do ponto de vista ético-humanitário, de tal forma que a perspectiva política fica relegada ou esquecida.

A versão digital está disponível em http://bit.ly/1RDWmoj

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone 55 (51) 3590 8213.



94 /

Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo

Cadernos Teologia Pública, em sua 101ª edição, traz o artigo Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo, de Elias Wolff, PUCPR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná).

Refletir sobre o Concílio Vaticano II implica refletir sobre o diálogo na Igreja e a Igreja do diálogo como um dos elementos centrais para o aggiornamento eclesiológico proposto pelo ensino conciliar. O Concílio foi



em si mesmo uma fecunda experiência de diálogo e essa experiência passa a configurar o modo de ser e de agir da Igreja. A partir de então, a Igreja desenvolve essa experiência em três principais horizontes: com a sociedade (diálogo sociocultural); com as outras Igrejas (diálogo ecumênico); com as religiões (diálogo inter-religioso). Isso implica saber situar-se no contexto sociocultural e religioso atual, que se caracteriza pela pluralidade. Nesse contexto, é preciso superar toda tendência ao exclusivismo, à apologética conflitiva, ao universalismo monopolizador. E afirmar uma "Igreja em saída", "não autorreferenciada", que não teme percorrer os caminhos do diálogo, da comunhão e da parceria. Somente assim é possível um real aggiornamento da Igreja em sua autoconsciência, suas instituições, seus projetos de evangelização, sua espiritualidade, na perspectiva do encontro com as diferentes tradições socioculturais, eclesiais e religiosas do nosso tempo que a enriquecem. Esse modus essendi e modus operandi da Igreja precisa ser afirmado nas comunidades católicas atuais como expressão da fidelidade destas à dialogicidade do ensino conciliar.

A versão digital está disponível em http://bit.ly/1WoUtNP

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU ou solicitados pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone (51) 3590 8467.

Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

Canção: a palavra cantada

Edição 380 - Ano XI - 14.11.2011

Disponível em http://bit.ly/1kh01xJ

É ao som de Milton Nascimento e Fernando Brant que a IHU On-Line desta semana traz como tema de capa a canção. A "palavra cantada" e a intensa relação entre música, literatura, cultura e sociedade é o assunto desta edição feita em parceria com Pedro Bustamante Teixeira, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários e Representações Culturais da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Contribuem nesta edição Alexandre Faria, Carlos Sandroni, Christopher Dunn, Luiz Augusto de Morais Tatit, Pedro Bustamante Teixeira, Santuza Cambraia Naves, Walter Garcia da Silveira Junior e Júlio Cesar Valladão Diniz.



Tropicalismo. O desejo de uma modernidade amorosa para o Brasil

Edição 411 - Ano XII - 10.12.2012

Disponível em http://bit.ly/1Wm2F6K

Um modo de ser nos trópicos, uma postura de vida, uma antropofagia que deglutiu a jovem guarda, a bossa nova e influências além-mar e regurgitou uma cultura nova e inquietante, embalada por guitarras elétricas e dissonâncias as mais diversas. Tudo isso e mais um pouco ajuda a compreendermos o que foi o movimento tropicalista, surgido em 1967 como expressão máxima de uma arte que não podia e nem queria mais ser a mesma. Os tempos eram outros, urgia o novo. Nem o peso das botas de um regime ditatorial poderia sufocá-la. Contudo, nem todos os pesquisadores que participam do debate proposto pela IHU On-Line desta semana concordam no caráter inovador e emblemático do tropicalismo. Contribuem para o debate Gilberto Felisberto Vasconcellos, Eduardo Guerreiro



Brito Losso, André Monteiro, Celso Fernando Favaretto, Pedro Rogério, Pedro Bustamante Teixeira, Júlio Cesar Valladão Diniz, Armando Almeida e Frederico Oliveira Coelho.

João Simões Lopes Neto: força de literatura brasileira e latino-americana

Edição 73 - Ano III - 01.07.2003.

Disponível http://bit.ly/1NGceGd

O tema de capa deste primeiro número do mês de setembro é dedicado a João Simões de Lopes Neto. Trata-se de um escritor gaúcho, que abriu caminho da invenção de uma linguagem típica como o fariam depois João Guimarães Rosa e o pernambucano João Cabral de Melo Neto, segundo preciosa observação de um dos estudiosos entrevistados nesta IHU On-Line. A relação que a professora Márcia Lopes Duarte estabelece entre J. Simões de Lopes Neto e Jorge Luis Borges é simplesmente fascinante. João Simões Lopes Neto é patrimônio da cultura brasileira e latino-americana.



Eventos

O ciclo tem o propósito de realizar um processo de formação em saúde e segurança no trabalho, em vista da sua melhoria na vida dos(as) trabalhadores(as), no ambiente das empresas e no contexto da região do Vale do Rio do Sinos.

Inscrições e mais informacões em http://bit.ly/1M1fXvt.

CICLO DE ESTUDOS

SAÚDE E SEGURANÇA NO TRABALHO NA REGIÃO DO VALE **DO RIO DOS SINOS**

09 A 26 DE NOVEMBRO DE 2015

Movimentos sociais de resistência: coletivos de ocupação urbana. Relatos de experiências

05 de novembro (quinta-feira)

Encontro com representantes de Movimentos sociais de resistência, às 17h30, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Esta atividade integra o 2º Ciclo de Estudos Metrópoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum.

Conferencistas:

Guilherme Schroder - Ocupação Pandorga

Lorena Castillo - Coletivo Ateneu Libertário a Batalha da Varzea

Darci Campos dos Santos - Vila Gaúcha - Porto Alegre Orley Maria da Silveira - Vila União - Porto Alegre

Os ricos e a desigualdade de renda no Brasil

O evento integra a programação do Ciclo de Estudos que analisa e debate o livro O Capital do Século XXI de Thomas Piketty.

Conferencista: Prof. Dr. Marcelo Medeiros - UnB e Ipea

Data: 11-11-2015 Horário: 17h30min às 19h

Local: A atividade será uma webconferência, transmitida na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU.





ihu.unisinos.br **f** bit.ly/ihuon







outube.com/ihucomunica



medium.com/@ ihu